

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA

Igor Sacha Florentino Cruz

**A Geografia dos Serviços e sua Transposição Didática para
o Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental**

Recife
2007

Igor Sacha Florentino Cruz

**A Geografia dos Serviços e sua Transposição Didática para
o Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Geográficas, Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Hernani Loebler Campos

Recife

2007

Cruz, Igor Sacha Florentino

**A Geografia dos serviços e sua transposição didática
para o livro didático de Geografia do ensino fundamental.
– Recife: O Autor, 2007.**

146 folhas : il., fig., gráf., quadros

**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Geografia. Recife, 2007.**

Inclui: bibliografia e apêndice.

**1.Geografia. 2. Geografia dos Serviços. 3. Geografia
escolar. 4. Livro didático – Análise de conteúdo. I. Título.**

911

910

**CDU (2.
ed.)**

CDD (22. ed.)

UFPE

BCFCH2007/79

Igor Sacha Florentino Cruz

**A Geografia dos Serviços e sua Transposição Didática para
o Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hernani Loebler Campos
Presidente

Prof^a Dr^a Edvânia Tôrres Aguiar Gomes
^o
1 Examinador

Prof. Dr. José Batista
^o
2 Examinador

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS –DCG
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA –CMG

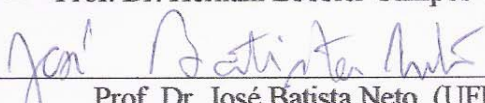
IGOR SACHA FLORENTINO CRUZ

**Título: “A GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS E SUA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA
PARA O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO
FUNDAMENTAL ”**

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: 
Prof. Dr. Hernani Loebler Campos (UFPE)

1º. Examinador: 
Prof. Dr. José Batista Neto (UFPE)

2º. Examinador: 
Profa. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes (UFPE)

APROVADA em 21 de setembro de 2007.

DEDICATÓRIA

“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”.

1 Coríntios, 10:31

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois Ele esteve presente me dando força ao longo desses dois anos de estrada repleta de adversidades.

À minha família sou eternamente grato pelas condições que me deu para desenvolver essa pesquisa.

À Camila (minha companheira), pelo apoio e incentivo nesse desafio e etapa vencida em minha vida, cujo sacrifício acarretará bons frutos no presente e no futuro.

Ao Prof. Dr. Hernani Loebler Campos por ter acreditado e orientado esta pesquisa, realizando enormes contribuições para o seu desenvolvimento.

Aos Professores do Programa de Pós-graduação de Geografia e de Educação que foram fundamentais na minha formação profissional e no desenvolvimento da pesquisa. Em especial à Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia e ao Prof.^o Dr.^o Carlos Eduardo que deram valiosas contribuições para o desenvolvimento da metodologia da pesquisa, na disciplina Didática de Conteúdos Específicos II.

RESUMO

A Geografia dos Serviços, conhecida como as atividades terciárias da economia, é trabalhada no terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, quando a Geografia Escolar aborda as relações econômicas alterando o espaço geográfico. No que se refere ao estudo do setor terciário, a disciplina possui uma abordagem simplória e generalizadora, se distanciando das recentes pesquisas sobre o setor desenvolvidas pela Geografia Acadêmica. Isto se deve à atenção dada às atividades industriais e seu poder de transformação do espaço geográfico, alterando a dinâmica espacial. A ausência de uma abordagem aprofundada no livro didático de Geografia sobre o setor terciário é marcante, apesar da existência de itens ou parâmetros sobre o conteúdo nos PCNs. As coleções analisadas na pesquisa apresentaram esta lacuna quanto aos aspectos econômicos, principalmente para a compreensão das principais atividades desenvolvidas na atual fase do capitalismo, o que prejudica compreensão do mesmo pelos alunos.

A pesquisa analisou o conteúdo de três coleções didáticas mais adotadas na rede estadual de ensino no município de Recife e aplicou questionários com treze professores e trinta alunos, para comprovar a falta de uma abordagem aprofundada do setor. A análise do conteúdo dos livros didáticos revelou a ausência do conteúdo no ensino fundamental de 5ª a 8ª série. O resultado comprovou que os livros didáticos não possuíam uma abordagem aprofundada e atualizada do setor, os professores não tinham o domínio do conteúdo e, conseqüentemente, os alunos não conseguiram conceituar satisfatoriamente as atividades terciárias.

Desta forma, a pesquisa constatou a necessidade de uma renovação na concepção dos autores e professores com relação à Geografia dos Serviços, para uma futura mudança na estrutura curricular da disciplina, suprimindo a lacuna na compreensão do setor pelos alunos, permitindo o entendimento da interdependência das atividades econômicas e o mercado de trabalho urbano.

Palavras-chaves: Livro Didático, Geografia dos Serviços e Geografia Escolar.

ABSTRACT

The Geography of the Services, known as the tertiary activities of the economy, is worked in third and room cycle of fundamental education, when pertaining to school Geography approaches the relations economic modifying the geographic space. As for the study of the tertiary sector, it disciplines it possesss a simple and general boarding, building a gap between the recent research on the sector developed by Academic Geography and the School Geography. This if must the attention given to the industrial activities and its power of transformation of the geographic space, modifying the space dynamics. The absence of a boarding deepened the didactic book of Geography on the tertiary sector is printed, although the existence of itens or parameters on the content in the PCN's. The collections analyzed in the research had presented this gap how much to the economic aspects, mainly for the understanding of the main activities developed in the current phase of the capitalism, what it harms understanding of the same for the students.

The research more analyzed the content of three adopted didactic collections in the state net of education in the city of Recife and applied questionnaires with thirteen teachers and thirty students, to prove the lack of a deepened boarding of the sector. The analysis of the content of didactic books disclosed to the absence of the content in the basic education of 5^a and 8^a series. The result proved that the didactic books do not have a boarding deepened and brought up to date of the sector, the teachers did not have the domain of the content and, consequently, the students had not obtained to appraise the tertiary activities satisfactorily.

In such a way, the research evidenced the necessity of a renewal in the conception of the authors and professors with regard to the Geography of the Services, for one future change in the curricular structure of the discipline, supplying the gap in the understanding of the sector for the students, allowing the agreement of the interdependence of the economic activities and the market of urban work.

Key-words: Didactic books, Geography of the Services and School Geography.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
Palavras-chaves: Livro Didático, Geografia dos Serviços e Geografia Escolar.....	8
ABSTRACT	9
Key-words: Didactic books, Geography of the Services and School Geography.....	9
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE GRÁFICOS	12
LISTA DE QUADROS.....	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A GEOGRAFIA ESCOLAR	19
1.1.1 A Geografia Escolar e o Pensamento Teorético-Quantitativo	24
1.1.2 A Geografia Crítica: mudanças na Geografia Escolar.....	27
1.2 O LIVRO DIDÁTICO E SUA ONIPRESENÇA EM SALA DE AULA.....	33
1.2.1 Perspectiva Sócio-Histórica do Livro Didático	34
1.2.2 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	36
1.3 O CONCEITO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E A CONTRIBUIÇÃO DE YVES CHEVALLARD	39
1.3.1 O Conceito de Transposição Didática.....	39
1.3.2 A teoria da transposição didática	42
1.3.2.1 A transposição didática externa.....	42
1.3.2.2 Transposição Didática Interna	45
1.4 A GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS	46
1.4.1 DIFICULDADES E PERSPECTIVAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS	46
1.4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS	48
1.4.2.1 Antecedentes Históricos.....	48
1.4.2.2 A Mundialização e o Crescimento dos Serviços	50
1.4.2.3 Os Serviços e o Mercado de Trabalho Urbano	51
1.4.2.4 A Tipologia dos Serviços.....	53
1.4.2.5 Os Serviços e sua Organização Espacial	56
CAPÍTULO 2 METODOLOGIA.....	60
2.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO	62

2.2 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS.....	62
CAPÍTULO 3 ANÁLISES E RESULTADOS	64
3.1 A GEOGRAFIA NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)	64
3.2 ANÁLISE DOS ASPECTOS ESPECÍFICOS DA GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS NO MANUAL DO PROFESSOR.....	82
3.3 ANÁLISE DOS TEMAS DA GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS NAS OBRAS SELECIONADAS	85
3.3.1 Noção de Economia	88
3.3.2 Tradicional Divisão da Economia	89
3.3.3 Tipologia dos Serviços	95
3.3.4 Organização Espacial dos Serviços	98
3.3.5 A Mundialização e o Crescimento dos Serviços	99
3.3.6 O mercado de trabalho urbano	104
3.3.7 Considerações	105
3.4 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DIAGNÓSTICOS	105
3.4.1 Análise dos Questionários.....	106
3.4.1.1 Análise das Respostas do Autor (Melhem Adas).....	106
3.4.1.2 Análise das Respostas dos Professores Diversos.....	107
3.4.1.3 Análise das Respostas dos Professores Específicos e dos Respectivos Alunos	110
CONCLUSÕES	115
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELO AUTOR MELHEM ADAS	123
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS PROFESSORES DIVERSOS	124
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS PROFESSORES ESPECÍFICOS.....	134
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DE P1.....	136
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DE P2.....	139
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DE P3.....	142

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de Noosfera.....	42
Figura 2 – Sistema Didático.....	44
Figura 3 – Setores da Economia.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aspectos Específicos da Geografia dos Serviços no Manual do Professor.....	84
Gráfico 2 - Total de temas sobre a Geografia dos Serviços.....	86
Gráfico 3 - Respostas do Questionário com os Professores Diversos.....	108
Gráfico 4 - Total das Respostas do Questionário dos Professores Diversos.....	109
Gráfico 5 - Respostas dos Alunos do P1.....	111
Gráfico 6 - Respostas dos Alunos do P2.....	112
Gráfico 7 - Respostas dos Alunos do P3.....	114
Gráfico 8 - Total de Respostas dos Grupos de Alunos de P1, P2 e P3.....	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Eixos Temáticos do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental.....	69
Quadro 1.1 – Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 1.....	69
Quadro 1.2 - Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 2.....	70
Quadro 1.3 - Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 3.....	72
Quadro 1.4 - Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 4.....	73
Quadro 2 - Eixos Temáticos do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental.....	69
Quadro 2.1 - Temas e Itens do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 1.....	74
Quadro 2.2 - Temas e Itens do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 2.....	77
Quadro 2.3 - Temas e Itens do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 3.....	79
Quadro 3 - Ficha de Análise dos Aspectos Específicos da Geografia dos Serviços no Manual do Professor.....	82
Quadro 4 – Ficha de Análise dos Temas da Geografia dos Serviços nas Obras Seleccionadas.....	85
Quadro 5 - Hierarquização do Capítulo 2 do livro Geografia Crítica – volume 2.....	93
Quadro 6 - Hierarquização do Capítulo 12 – Perspectivas para o século XXI, da coleção Geografia Crítica v.4 – Geografia do Mundo Industrializado.....	100
Quadro 7 - Hierarquização de capítulos no livro <i>Construindo o espaço brasileiro</i> – Volume 2.....	101
Quadro 8 - Questionário Diagnóstico aplicado com os professores de Geografia...	105
Quadro 9 - Questionário Diagnóstico aplicado com o autor Melhem Adas.....	103
Quadro 10 - Questionário Diagnóstico Aplicado com os Professores de Geografia em Análise.....	105
Quadro 11 - Questionário Diagnóstico aplicado com os alunos.....	106
Quadro 12 – Respostas do Autor Melhem Adas.....	107

INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente formal criado para a realização de aprendizagens em diversas áreas do conhecimento através de um currículo elaborado que contemple os conhecimentos que são imprescindíveis na formação de um indivíduo. Este ambiente também promove o exercício de se conviver em sociedade. Leciono Geografia, e o atual ambiente é o sétimo em que trabalho na rede particular de ensino na cidade de Recife com o terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, o que possibilitou um maior contato com o currículo da disciplina, o qual necessita de uma urgente revisão em algumas temáticas, pois apresenta uma estrutura fora da realidade pós-moderna.

A presente pesquisa visa estudar e contribuir para o conhecimento geográfico, através da análise do conteúdo da Geografia dos Serviços nos livros didáticos de Geografia do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, temática que ganha mais espaço na academia a partir da década de 90, do século passado.

Uma análise da conjuntura mundial e brasileira revela a necessidade de construção de uma educação básica voltada para a cidadania. Isso não se resolve apenas garantindo a oferta de vagas, mas sim oferecendo-se um ensino de qualidade, ministrado por professores capazes de incorporar ao seu trabalho os avanços das pesquisas nas diferentes áreas de conhecimentos e de estar atentos às dinâmicas sociais e suas implicações no âmbito escolar (MEC, 1998, p. 9).

Em 1998, o Brasil realiza uma reestruturação nas Leis de Diretrizes e Bases, e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tendo em vista uma adequação do ensino fundamental e médio para a atual conjuntura mundial, apresentando linhas norteadoras para o desenvolvimento de um sistema educacional brasileiro que ofereça acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção da cidadania. Nos PCNs, em sua apresentação, trecho citado acima, o documento oficial estabelece que a educação básica deve estar próxima das pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento e prática educativa; nela se insere a geografia escolar, sendo desafiada a estreitar a relação da geografia escolar (geografia dos professores) com a geografia acadêmica.

Diante da nova proposta, os PCNs estabelecem para a área de Geografia do ensino fundamental a valorização das atitudes e procedimentos que os alunos podem adquirir estudando seu cotidiano com a Geografia. Ao observar, descrever, indagar e representar a multiplicidade de paisagens e lugares, eles estarão compreendendo o seu papel como atores dos processos que estão constantemente transformando essas paisagens (MEC, 1998).

Desta forma, a geografia escolar passa por uma reformulação quanto ao seu currículo, bem como ao ensino dos conteúdos, principalmente no que se refere à abordagem encontrada nos livros didáticos de geografia. Neste mesmo período, o Programa Nacional de Livro Didático (PNLD), que visa analisar os livros didáticos adquiridos pelo Estado e distribuídos nas escolas municipais e estaduais de todo o Brasil, expandiu sua análise para o ensino fundamental de 5ª a 8ª série, antes restrita às séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª série), estabelecendo critérios mínimos para essa análise: a) não expressar preconceitos ou formas de discriminação, como também, não promover doutrinação religiosa; b) não conter erros ou não induzir a erros; c) os livros didáticos não poderiam estar desatualizados, e, d) coerência metodológica.

Através da avaliação realizada pelo PNLD foram detectadas várias coleções de geografia que apresentavam erros gravíssimos conceituais, estatísticos e cartográficos. Segundo o MEC (MEC, 1998), as obras inscritas no PNLD em 1999 possuíam erros estatísticos, mapas desatualizados, preconceitos sociais e raciais, linguagem extremamente descritiva e atividades que exercitavam a capacidade de memorização, ou mesmo, extrair a resposta do livro didático que se encontrava no texto em negrito e as questões acompanhavam a seqüência da obra, ao invés de estimular o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno, quanto ao estudo do espaço geográfico e da dinâmica sócio-espacial. As demais análises realizadas pelo PNLD serão analisadas na fundamentação teórica.

Para a Geografia, os PCNs estabelecem um desafio de quebrar com uma rígida e segmentada organização dos conteúdos da disciplina, o que provoca uma visão espacial simples e não uma visão da complexidade do espaço geográfico, de todas as disciplinas ensinadas na escola, no Ensino Fundamental. Para Lacoste (1997), a geografia é a única a parecer um conhecimento sem aplicação prática fora do sistema de ensino.

No entanto, para que a aprendizagem possa ser significativa é preciso que os conteúdos sejam analisados e abordados de modo a formarem uma rede de significados. Se a premissa de que compreender é aprender o significado, e de que para apreender o significado de um objeto ou de um acontecimento é preciso vê-lo em suas relações com outros objetos ou acontecimentos é possível dizer que a idéia de conhecer assemelha-se a tecer uma teia. Tal fato evidencia limites dos modelos lineares de organização curricular que se baseiam na concepção de conhecimento como “acúmulo” e indica a necessidade de romper essa linearidade (MEC, 1999).

Diante deste panorama, cabe à Geografia estabelecer novas bases para a sua prática de ensino-aprendizagem, pois o modelo calcado numa dicotomia Geografia Acadêmica e Geografia Escolar não possui espaço na atual conjuntura, já que é urgente o surgimento de uma Geografia diretamente ligada com o cotidiano dos alunos, que poderão aplicar o conhecimento da organização do espaço geográfico e de suas dinâmicas sociais.

Ao longo da epistemologia do pensamento geográfico, discussões sobre o seu objeto de estudo e o método geográfico foram o centro de atenção dos geógrafos nos principais centros acadêmicos, em detrimento da falta de atenção dada ao ensino de geografia, o que provocou a cristalização de uma idéia totalmente distorcida do que é a ciência geográfica, além, do ensino de Geografia ter sido voltado durante décadas à memorização das principais capitais dos países, nome dos rios, número de habitantes em diversas cidades, fruto da falta de estudo no campo do ensino de Geografia Escolar.

De acordo com Conell (1993), uma vez produzido, o conhecimento tem que circular. Esse é um outro processo social, o qual, constantemente, envolve seleção. A produção dos currículos escolares é apenas uma parte dessa circulação e seleção. Assim como repensar a atual estrutura curricular da Geografia que acaba deixando lacunas no estudo das atividades econômicas e sua influência no espaço urbano, ou seja, neste caso a falta de uma abordagem séria das atividades terciárias e sua repercussão na dinâmica sócio-espacial. Vivemos uma nova fase do capitalismo, o qual ganhou grande impulso com a revolução técnico-científico, permitindo uma atuação e reprodução do capital a nível mundial e ocasionando um processo de reestruturação produtiva, o que provocou um crescimento acelerado do setor terciário, característica marcante da sociedade pós-industrial.

Em contrapartida, o setor industrial possui grande espaço nos materiais didáticos, tipologia da indústria, fatores locacionais, evolução do modelo de produção industrial, processo de desindustrialização, processo de industrialização dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos etc. São temáticas dentro da Geografia das Indústrias presentes nos livros didáticos de Geografia, ou seja, há um conteúdo detalhado sobre o assunto. Já a Geografia dos Serviços, no que se refere à quantidade de páginas encontradas em algumas coleções, se resume a alguns parágrafos.

Com essa perspectiva, a presente pesquisa visa trabalhar com o conteúdo específico da disciplina, a Geografia dos Serviços, presente nos PCN's de Geografia, mas ainda pouco tratada nos livros didáticos a temática. Quando abordado, ele é tratado segundo um caráter reducionista, sem fazer as relações com a nova fase do sistema capitalista. Ainda há uma ênfase no setor industrial, através da análise da sua tipologia, distribuição espacial e formação histórica. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar de que forma o conhecimento sobre o setor das atividades terciárias está sendo abordado nos livros didáticos de geografia, visando contribuir para uma melhoria no ensino-aprendizagem deste conhecimento geográfico no Ensino Fundamental.

No primeiro capítulo, a pesquisa em questão faz uma análise do pensamento geográfico no Brasil e sua relação com a Geografia Escolar, instituída no país com o objetivo de promover um melhor conhecimento do território brasileiro. Já a Geografia Escolar possuía o caráter de construir a nacionalidade, expondo os dados de crescimento econômico do país e suas potencialidades, ao longo das diversas contribuições deixadas por cada escola da Geografia e como a disciplina escolar foi acompanhando essas influências.

Após a análise feita no primeiro capítulo, que também conta com a presença dos currículos que orientaram a Geografia escolar, analisa-se o levantamento histórico da Geografia dos Serviços e seus principais pesquisadores, criando um arcabouço para a elaboração da proposta de uma nova abordagem deste conteúdo nos livros didáticos de geografia, os quais apresentam um estudo reducionista e simplório da questão em estudo.

Portanto, a pesquisa oferece à Geografia Escolar uma contribuição no que tange a Geografia dos Serviços no quarto ciclo do ensino fundamental, analisando os livros didáticos mais utilizados nas redes públicas municipais e estaduais de

ensino. Tendo como produto uma proposta de estruturação e organização deste conhecimento no quarto ciclo do Ensino Fundamental, em consonância com as recentes pesquisas na área da Geografia dos Serviços, oferecendo uma melhor compreensão da atual organização do sistema capitalista e suas consequências nas diferentes escalas.

CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base teórica que fundamenta a pesquisa está presente neste capítulo, de maneira a dar sustentação à defesa da hipótese elaborada. A princípio, será trabalhada a formação da educação brasileira e o surgimento da geografia escolar compondo o currículo escolar brasileiro, permitindo o acompanhamento específico do currículo da disciplina Geografia. Para tal será feita uma análise do pensamento geográfico e sua influência na geografia vivenciada pelos alunos no Ensino Fundamental.

Em seguida, embasaremos a pesquisa com as recentes contribuições para a Geografia dos Serviços no atual contexto de mundialização da economia pós-industrial, sendo feitas considerações sobre as formas de abordagem deste conteúdo nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental, analisando sua atualidade com as recentes pesquisas e estudos sobre a dinâmica da economia internacional.

1.1 A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A GEOGRAFIA ESCOLAR

Uma breve análise sobre as últimas décadas no que se refere à educação brasileira revela a busca por um sistema de ensino de melhor qualidade, profissionais qualificados e valorizados, aumento das vagas nos diversos níveis de ensino (básico, fundamental, médio e superior) e melhores condições físicas das escolas. Tais ações demonstram o interesse em reverter a situação precária da educação brasileira por parte dos governos federal, estadual e municipal.

O ensino de primeiro grau, com duração de oito anos, foi criado no Brasil pela Lei Federal nº 5.962, de 1971, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB -, com caráter de obrigatoriedade e de gratuidade na escola pública (MEC, 1998). A partir de 16 de maio de 2005, através da Lei nº 11.114, as escolas possuem um prazo até o ano de 2010, para ampliação do Ensino Fundamental de oito para nove anos, ou seja, a criança ingressará na escola aos seis anos, evitando situações de riscos, ou seja, repetência e abandono escolar. Desta forma, melhorando a preparação para sua alfabetização, segundo a Lei de nº 9.394/96, a

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabelece como meta esta ampliação, sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Em 1996, surgiu a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), onde está bem claro o papel do Ensino Fundamental diante da necessidade de reformulações na educação brasileira através do desenvolvimento do educando, assegurando-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecendo meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL/MEC, 1998).

Portanto, a geografia passa por um processo de análise crítica de seus conteúdos para uma adequação de seus conhecimentos ao atual contexto da escola e do ensino brasileiro. Como citado nos PCNs (MEC, 1998, p. 26),

A Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem. Na busca dessa abordagem relacional, trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa às heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação.

Sendo assim, o ensino-aprendizagem exercido pelo professor deve ser bastante contextualizado, promovendo a capacidade de relacionar os eventos no tempo e no espaço, gerando uma paisagem produto de vários agentes transformadores ao longo da história do lugar, sendo eles naturais ou humanos.

O que ensinar em geografia na 8ª série do Ensino Fundamental? Os PCNs possuem eixos temáticos que permitem ao professor elencar os conteúdos que irá trabalhar de acordo com os temas propostos pelo MEC, dentre eles: a evolução das tecnologias e as novas territorialidades em rede, um só mundo e muitos cenários globais e modernização, modo de vida e problemática ambiental são os eixos propostos. Assim, como se estabelecem critérios para a seleção dos conteúdos (MEC, 1998), a seleção de conteúdos de Geografia para o ensino fundamental deve contemplar temáticas de relevância social, cuja compreensão, por parte dos alunos, mostra-se essencial em sua formação como cidadão. Partindo desse pressuposto, o estudo das atividades terciárias promoverá uma melhor compreensão da sociedade pós-industrial e da organização da rede urbana.

O surgimento da ciência geográfica no Brasil teve como plano de fundo a década de trinta do século passado, profundamente marcada pela Revolução de 30, o que repercutiu na estrutura estatal e nos vários setores da atividade do poder público. Originou, então, um novo bloco de poder composto por uma oligarquia agro-exportadora e uma burguesia industrial emergente.

Nesse contexto, a idéia de um novo país surgiu como alavanca para a criação de um país moderno, seguida de inúmeros projetos, inclusive, para a educação: o dos liberais-intelectuais que expressavam os desejos da construção de um país em bases urbano-industriais e democráticas e que endossavam as teses da Pedagogia Nova que via na educação o meio fundamental para o progresso e a reforma social, e dos católicos, defensores da Pedagogia Tradicional, de conteúdo literário-humanístico, com um forte apego ao dogmatismo, ao conservadorismo, e que se opunha ao dos liberais (MEDEIROS, 1996).

Portanto, o surgimento do Ministério da Educação e Saúde Pública (Decreto Nº 19.402, de 14 de novembro de 1930), a promoção da Reforma Francisco Campos de alcance nacional afeta toda estrutura do ensino no país. Surgem através da Reforma: o Conselho Nacional de Educação e a organização do Ensino Superior no Brasil, através do regime universitário.

Por meio do Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931 (Organização do Ensino Superior no Brasil), foi criada a Universidade de São Paulo, em 1934, e a do Rio de Janeiro, em 1935; sendo instaladas as primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, inseridas nestas as de Geografia e História; como também a inserção da geografia nos currículos superiores de administração e finanças.

A Universidade de São Paulo recebeu a presença de Geógrafos como Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig (pontificado na Universidade de São Paulo) que trouxeram para o país toda uma herança de Paul Vidal de La Blache e da “escola possibilista”, que surgiu da crítica francesa às idéias de Frederico Ratzel, da “escola determinista” com ênfase numa geografia política, em que o poder do Estado estaria na sua extensão territorial. Por esta razão, nas teses de doutoramento e de cátedra apresentadas à USP nas décadas de quarenta e cinquenta do século passado, dominou um esquema em que o geógrafo analisava o meio físico, sobrepunha a ele os dados humanos e finalmente analisava as atividades econômicas (ANDRADE, 1984).

A geografia escolar diante de toda essa efervescência recebeu destaque com os trabalhos de Delgado de Carvalho e de seus livros didáticos. Através de Carvalho é que surgiu o pensamento geográfico científico no país, como afirmou Manuel Correia de Andrade em seu texto “O pensamento geográfico e realidade brasileira”:

(...) só com Delgado de Carvalho, nascido e formado na França – convém salientar que ele não era geógrafo de formação, mas de diplomação em Ciência Política – é que se iniciaria a implantação do pensamento geográfico científico no país. (...) partiu o mestre franco-brasileiro para escrever uma Fisiografia do Brasil, um estudo sobre o Brasil meridional e pequeno trabalho de metodologia do conhecimento geográfico (ANDRADE, 1884, p. 184).

Em seus livros há a marca da escola possibilista. Os livros didáticos elaborados eram destinados ao ensino secundário e sofriam restrições quantitativas e qualitativas.

Delgado de Carvalho foi um crítico da “geografia nomenclatura”, também chamada por ele de “geografia administrativa”, pois apresentava uma abordagem que valorizava a memorização de nomes de rios, estados e cidades, e o estudo do Brasil através dos Estados-membros, na tentativa de implantar no Brasil uma Geografia “moderna” que, a seu ver, não seria obtida fora do âmbito da escola, assinalando, assim, relações intrínsecas entre o ensino e a ciência geográfica, propondo o ensino de Geografia voltado para a compreensão da formação do espaço geográfico, deixando a abordagem meramente de memorização (MEDEIROS, 1996, p. 48).

A Reforma Francisco de Campos promoveu outras modificações, além das mencionadas, como: organização de programas uniformes para todo o país, ordenação do currículo por séries e disciplinas, determinação do ensino de Geografia nas cinco séries do Ensino Fundamental e no ciclo complementar. Neste período a geografia escolar aparecia com um caráter naturalista, ênfase nos aspectos físico-naturais da paisagem, acompanhando a preocupação da geografia científica brasileira que estimulada pelo conhecimento do território nacional, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, criado em 1937, realizou a coleta de dados estatísticos sobre as potencialidades do território brasileiro e a classificação de climas, relevos, vegetação, solo, estrutura geológica, aspectos naturais do território. Além disso, na reforma elaborada, a primeira divisão regional do país em grandes regiões, adotou o critério de divisão em regiões naturais.

Ainda, na reforma em questão, foi distribuída a programação da Geografia Escolar, da seguinte forma, para o Ensino Fundamental: Geografia Física, na primeira série; Geografia Geral dos Continentes e Geografia Física do Brasil, na segunda série; Geografia Política e Econômica Geral e Geografia Política e Econômica do Brasil, na terceira série; Geografia dos Principais Países e Geografia Regional do Brasil, na quarta série; e, por último, na quinta série, Geografia Física, desdobrada em Elementos de Cosmografia, Meteorologia e Climas, o Elemento Sólido, o Elemento Líquido, Elementos de Biogeografia e Geografia Comparada das Américas (MEDEIROS, 1996).

O programa era entregue pronto para os professores e a estes cabia o papel de transmiti-los aos alunos. Vale salientar que grande parte dos conteúdos selecionados possuía um enfoque na Geografia Física do Espaço, que considerava o Homem como um habitante e não um agente transformador, havendo um enfoque também na mera descrição da paisagem, distante da busca pela resolução de grandes problemas nacionais. A geografia não realizava a correlação entre causa e efeito e seus estudos possuíam um caráter local sem ligação com o nacional ou internacional.

No Estado Novo, instituído por Getúlio Vargas, com o objetivo de consolidação do projeto nacional de formação da União, houve a reforma do ensino no Brasil, através do Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema. As reformas foram as seguintes: Lei Orgânica do Ensino Secundário de alcance do primário e todas as áreas do ensino médio; surgimento da Educação Moral e Cívica; nova estrutura para o ensino secundário dividido em ginasial, formado por quatro séries, e o colegial, formado por três séries; e a ampliação do ensino de geografia por todo o curso secundário.

Esta reforma para a geografia acarretará a instituição de uma programação conteudista e de caráter enciclopedista, apresentando um número de aulas reduzidas - apenas duas aulas semanais -, carga horária ainda hoje destinada à Geografia nas maiorias das escolas particulares e públicas, resultando num ensino de grande superficialidade (MEDEIROS, 1996). Os conteúdos selecionados possuem uma nítida compartimentação do conhecimento geográfico em Geografia Física, Geografia Geral, Geografia do Brasil e Geografia Humana. Para a Geografia Humana ela ganha mais destaque, pois supera a quantidade de temas relacionados a ela do que com a Geografia Física.

Portanto, diante das reformas de Francisco Campos e Gustavo Capanema, a Geografia se reveste com um nacional-patriotismo, ideologicamente criado pelo Estado para a formação da identidade nacional por meio da descrição da paisagem brasileira, através dos lugares do país, ficando distante das desigualdades sociais, problemas sociais, reforma agrária, etc., conforme resume Edna Medeiros (1996, p. 87):

É justamente esse discurso, com destaque nos elementos físicos, carregando no aspecto descritivo e conduzindo o entendimento do Brasil pelo território, que a Geografia das Reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema veiculam.

A Geografia Escolar era marcada pela ausência da reflexão dos fenômenos sociais e formação do espaço geográfico e suas implicações, seguindo a ideologia da época. Este currículo permanece até 1961, quando foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

1.1.1 A Geografia Escolar e o Pensamento Teorético-Quantitativo

A partir da década de 1961, surge a crítica ao pensamento da tradicional geografia que possuía um caráter subjetivo, sem padrões científicos e análises muito pessoais da paisagem, seguindo a escola francesa de geografia e seu modelo regionalista que visava a elaboração de estudos locais sem sua integração com pesquisas mais amplas.

O espaço geográfico mundializado pelo capitalismo monopolista tornou-se complexo e as metodologias propostas pela geografia tradicional não eram capazes de aprender essa complexidade. (PONTUSCHKA, 2002, p. 118).

O período em questão foi marcado pelo avanço do capitalismo, agora a nível mundial. O desenvolvimento não tinha interesse na qualidade deste crescimento, mas na quantidade bastante estimulada pela disputa entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, liderado pela Ex-URSS; ambos expressavam para o mundo o seu poderio através de sua economia, como também, do seu poder militar. A necessidade de quantificação desse crescimento foi incorporada às ciências humanas, onde o uso da matemática e da estatística foi

utilizado para interpretar situações (ANDRADE, 1984), em detrimento da análise histórica que requer uma abordagem mais prolongada de reflexão e especificidade, ao contrário das generalizações matemáticas impostas por cálculos, programas para computação eletrônica, etc. A pesquisa de campo e a observação direta foram negligenciadas diante a Geografia teórico-quantitativo ou Nova Geografia.

Já no Brasil, vivemos o desenvolvimentismo promovido por JK. Segundo ele, a economia brasileira iria crescer “cinquenta anos em cinco”, através da internacionalização de nossa economia para o capital estrangeiro que encontrou campo propício para o seu crescimento e consolidação. A Geografia ganha ainda mais impulso para permanecer acrítica, participando de debates sobre a localização de Brasília, criação da SUDENE, planejamento sendo organizado pelo IBGE.

Estas mudanças repercutiram na organização da Geografia Escolar, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases que veio a promover um novo currículo. A princípio a mudança não foi imediata, permanecendo a estrutura criada pela Reforma Gustavo Capanema, sendo inserida no currículo a discussão sobre as regionalizações e suas desigualdades.

O currículo da Geografia Escolar ganha a incorporação cívica, com o presidente Castelo Branco. No ano de 1966, ele atribuiu à Geografia, linguagem, música, educação física e desportos, artes plásticas, artes industriais, teatro escolar, recreação, a tarefa de desenvolver nos alunos o sentimento patriótico, através do culto à pátria, aos símbolos, tradições, etc. Mais uma vez o uso da disciplina como veículo ideológico do Estado; por meio de determinação governamental, a Geografia se descaracteriza e acaba se esvaziando.

Neste período, o professor de geografia se empenhava em realizar livres debates sobre a pátria, sendo assim a disciplina perde a prioridade de ensino do programa curricular, permanecendo centrado no modelo possibilista e o homem ainda é visto como um ser natural e não ser social. A abordagem dos conteúdos é feita por meio da Geografia Geral na 1ª série, da Geografia Regional do Brasil na 2ª série e da Geografia dos Continentes na 3ª série ginásial, no total 64% dos conteúdos eram de Geografia Física e 36% de Geografia Humana, perpetuando a dicotomia da ciência (MEDEIROS, 1996). A prática ensino-aprendizagem ocorre ainda na esfera do enciclopedismo, da superficialidade dos conteúdos, descritivo e um incentivo à memorização, com o distanciamento dos conteúdos da realidade vivida pelo aluno, o qual não fazia correlação com o conteúdo estudado com sua

realidade social e espacial, não criando uma relação entre os acontecimentos locais, regionais, nacionais e globais. Diante desta geografia, a integração do local com a escala mundial não existia, sendo desenvolvida para atender ao interesse ideológico do Estado, deixando de ser uma ciência natural e entendida como uma ciência social.

O avanço do capitalismo interfere na Geografia desenvolvida nas Universidades e na Geografia Escolar, com a busca da quebra das distâncias através das inovações tecnológicas surgidas com a terceira revolução industrial, o espaço passa a ser entendido como um produto da ação planejada do Estado, deixando de ser uma construção social. Isto vai provocar alterações na forma de perceber a natureza; agora ela é vista como fator de produção, provocando alterações severas no ambiente.

Fica clara a ideologia do desenvolvimentismo na Geografia Teorético-Quantitativo com os interesses da elite dominante no país, sendo o planejamento econômico uma arma de intervenção do Estado (MORAES, 2003). Os conteúdos eram selecionados de acordo com o intuito de promover a divulgação dos ideais desenvolvimentistas, sendo divididos, ou seja, não apresentavam uma seqüência lógica, permitindo uma visão holística do conteúdo, evitando a criticidade do alunado na investigação e questionamentos propostos.

A geografia teórica não teve repercussão direta ou ensino fundamental e médio, no entanto medidas ligadas à política educacional do país (torna-se importante lembrar que vivíamos em um regime militar) levaram para as escolas livros com saberes geográficos extremamente empobrecidos em conteúdos escolares, desvinculados da realidade então vivida (...) (PONTUSCHKA, 2002, p. 121).

Nas atividades propostas aos alunos havia o incentivo para a análise de gráficos, tabelas, índices que mostrassem o desenvolvimento do país, através do crescimento de sua economia; a proposta era a de não realizar vínculos com a realidade do aluno, mas sim apresentar os altos índices alcançados pelo país, principalmente no setor industrial.

A utilização da estatística pela Geografia é justificada pela mudança de modelo de ciência desenvolvido na época, através da crítica à Geografia Tradicional que já não conseguia explicar o cenário do capitalismo mundial, marcado pelo

surgimento dos monopólios, avanço das empresas multinacionais ao redor do mundo; a crítica se dá no âmbito metodológico da ciência geográfica. Como afirma Moraes (2003), o intuito geral é de uma “renovação metodológica”, o de buscar novas técnicas e uma nova linguagem, que dê conta das novas tarefas postas pelo planejamento. A finalidade explícita é criar uma tecnologia geográfica, um móvel utilitário, sendo esta mudança inserida na Geografia acadêmica e Geografia Escolar.

O currículo era feito com a concepção de que o aluno do Fundamental deveria iniciar o estudo de Geografia com a análise de questões gerais, como o surgimento do universo, noções de astronomia, movimentos da Terra. Na segunda série ginásial, o estudo do Brasil e sua regionalização. Na terceira série ginásial, o estudo estaria centrado na Geografia Regional dos Continentes, tratando-se dos aspectos físicos, econômicos e culturais. No entanto, tais conteúdos foram trabalhados de forma fragmentada, sem uma análise de suas inter-relações, não permitindo a compreensão dos processos de organização do espaço mundial.

Portanto, não há um interesse da Geografia Escolar em estabelecer uma relação íntima com a pedagogia, já que o aluno na 1ª série ginásial (5ª série) não possuía um nível de abstração e de capacidade cognitiva para compreender a dinâmica do universo, pois ele necessitaria de noções de física, conceitos e conteúdos que não domina, sendo uma aprendizagem muito superficial, acarretando a memorização de conceitos, nomes de planetas etc. A abordagem da Geografia Econômica do Brasil abarcava o estudo sobre o processo de industrialização e o de urbanização, analisando seu poder de transformação do espaço geográfico das grandes cidades e de sua organização. Graças ao vertiginoso crescimento da indústria no Brasil, o livro didático de geografia apresentava uma ênfase muito grande nesta atividade, associando à atividade secundária o desenvolvimento econômico, a modernização e o crescimento do país.

1.1.2 A Geografia Crítica: mudanças na Geografia Escolar

A Geografia e as ciências humanas, durante o período da ditadura militar, conheceram um período de trevas, no qual conduziu a reformulação dos seus currículos, diminuição das suas cargas horárias para duas aulas semanais e aumento das ciências exatas; reducionismo da Geografia e História para os Estudos Sociais, o que provocou o surgimento de conceitos e objetivos lineares que visavam

desenvolver a capacidade cognitiva do aluno, através da reprodução e da memorização de informações, conteúdo sem relevância. Os objetivos atitudinais, segundo Medeiros (1996), evidenciam ou sugerem preocupações com a busca do desenvolvimento (especialmente o de base industrial), com o alcance do progresso, concebidos não como fruto da sociedade, mas como fruto da ação do Estado. Sendo assim, a educação e a geografia escolar possuíam um caráter industrial, formando cidadãos para atender às necessidades do mercado.

O regime militar exercido no Brasil de 1964 a 1985 deixou profundas marcas no país. Quanto ao aspecto econômico, o Brasil viveu o Milagre Brasileiro que apresentava um crescimento industrial-urbano acelerado durante os anos 1968 – 1971, caracterizado pela aceleração da abertura comercial do país, importação de tecnologias prontas dos países desenvolvidos, implantação das multinacionais estrangeiras e a realização de empréstimos com o Fundo Monetário Internacional, o que acarretou um acelerado crescimento econômico brasileiro, mas que logo veio a perder o fôlego e apresentar suas fragilidades. Isto provocou o surgimento de críticas e descontentamento com o Estado Militar quanto ao aumento das desigualdades regionais e sociais no Brasil.

As críticas ocorrem também no âmbito político gerando o desgaste entre a burguesia e o regime militar. O pensamento crítico surge na década de setenta do século passado, visando lutar contra a postura capitalista e burguesa vigente. Para a Geografia, a publicação do livro de Yves Lacoste, “A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, em 1976, se torna o marco da Geografia Crítica no Brasil.

Para Moraes (2003), o designativo de crítica diz respeito, principalmente, a uma postura frente à realidade, frente à ordem constituída. Este aspecto será apresentado na obra de Lacoste, através da crítica ao empirismo da Geografia Tradicional e dos dois tipos de Geografias apresentadas pelo autor em sua obra: a “Geografia dos Professores” e a “Geografia dos Estados-Maiores”, posicionando uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo, assumindo o conteúdo político de conhecimento científico, propondo uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa.

A “Geografia dos Professores” possui uma função enciclopedista, apresentando o conhecimento geográfico sem função prática alguma, apenas mais uma disciplina escolar que exercita a capacidade de memorização dos alunos, como

também, a função de esconder a “Geografia dos Estados-Maiores”. Esta última possui um papel bem definido, ou seja, o de pensar o espaço para nele exercer poder, desde os grandes conquistadores até o avanço das empresas monopolistas, sendo bem planejada para o exercício do domínio sob o território, no âmbito espacial (conquista do território) e econômico (mercado).

Lacoste define seu trabalho como uma “guerrilha epistemológica”, pois veio a provocar uma renovação no pensamento geográfico, tanto na esfera acadêmica como escolar.

Vê-se que a renovação geográfica passa a ser pensada, em termos de teoria e prática, como uma práxis revolucionária, naquele sentido de que não basta explicar o mundo, pois cumpre transformá-lo. Vê-se a distância alcançada por esta posição, em relação à renovação empreendida pela Geografia Pragmática (MORAES, 2003, p. 113).

Durante o período militar, a Geografia dos Professores, classificada por Lacoste, foi adotada com bastante ímpeto para a divulgação dos resultados do “milagre econômico” brasileiro, divulgando indicadores que viessem a conseguir o apoio popular para a abertura econômica feita neste período, bem como, uma organização curricular como instrumento de difusão do nacionalismo patriótico.

A geografia escolar começa a mudar sua postura totalmente descritiva e representada na escola. Lacoste aponta a necessidade de saber pensar o espaço geográfico ensinando em sala de aula uma geografia política e prática, não amputada de toda a prática e se recusando a qualquer reflexão epistemológica (LACOSTE, 1997).

Na década de setenta do século passado, o governo militar apresenta suas fraquezas gerando insatisfação popular, endividamento do país através dos empréstimos feitos com o FMI, luta contra a repressão imposta pela linha-dura, provocando perseguições e exílios. Em 1982, vale salientar, o reconhecimento da falência do projeto educacional profissionalizante de 2º grau criado pela Ditadura, por meio da Lei 7.044 que altera a Lei 5.692/71, sendo revogado nesta data. Esta crise veio abastecer a luta pelas “Diretas Já” (1982-1983), surgindo o projeto político de “Nova República”, o qual visava atender aos interesses do capital e às necessidades sociais.

Todo esse ambiente de mudanças veio a favorecer a educação e a geografia, pois em 1986, através da resolução nº 06/86, do CFE, a Geografia retorna ao currículo escolar como uma disciplina específica, assim como a História; isso ocorre tanto no 1º e 2º graus. As discussões na Geografia ganham maior atenção com os encontros promovidos pela AGB, buscando renovar a abordagem da tradicional geografia, surgindo a Geografia Crítica ou Radical, assumindo o caráter propagado na obra de Yves Lacoste, postura de instrumento de transformação social, ganhando um caráter político, servindo assim a uma prática social transformadora (MEDEIROS, 1996).

Segunda esta corrente do pensamento geográfico, o espaço geográfico é socialmente construído e reproduzido, sendo sempre humano, retirando o homem deste ambiente não poderemos classificá-lo como espaço geográfico. Assim, a Geografia ganha novo papel frente às transformações:

levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza (OLIVEIRA, 1989, p. 142).

Comparando a Geografia Tradicional e a Geografia Crítica, inúmeras mudanças foram feitas, buscando adequar a ciência e a disciplina escolar à realidade social, acompanhando as transformações vividas. A primeira concepção compreende o Homem como um elemento do ambiente natural, passível e não ativo na construção do espaço, sendo a Geografia Crítica a que resgata a noção de Homem construtor do espaço geográfico. Por causa dessa mudança, o aluno deixa de ser um objeto, passando a ser ator do processo de ensino-aprendizagem, sendo mediado pelo professor que não mais o entende como um ser passivo, mas carregado de experiências espaciais, permitindo à Geografia auxiliá-lo na compreensão da realidade social do aluno, conduzindo-o ao estudo sistematizado e não compartimentado.

As relações humanas estão no centro do estudo para se entender o espaço geográfico, onde as relações entre o ser humano e a natureza são revistas. A análise feita pela Geografia Tradicional não é mais enumerativa quando se estuda a geografia física (Clima, Vegetação, Relevo, Solo, Hidrografia) para em seguida inserir o elemento humano na paisagem. A Geografia Crítica realiza o estudo da

sociedade que se apropria da natureza e de sua dinâmica sócio-espacial, possibilitando um posicionamento crítico frente aos processos de apropriação da natureza o que provoca inúmeros impactos ambientais (MEDEIROS, 1996).

Um mundo em transformação, essa era a situação no final dos anos oitenta e na década de noventa do século anterior. O bloco socialista apresentou sua fragilidade como a queda do Muro de Berlim, em 1989, demonstrando sua instabilidade no plano político e econômico. Em seguida, no ano de 1991, a URSS declara a sua falência e o seu desmembramento com a independência das repúblicas socialistas. Chega ao fim o mundo bipolar e surgem novos centros de poder econômico e político, são estes: Japão, Europa Ocidental e América do Norte. Tal fato põe um ponto final no conflito ideológico que durou longas décadas, conhecido como Guerra Fria. Uma nova ordem agora era vigente.

Essa efervescência de mudanças econômicas, políticas e sociais exigiu da geografia escolar uma nova proposta para análise do mundo, os conteúdos precisavam ser reordenados, como também o papel da Geografia a ser redefinido, já que suas propostas ainda eram do período da ditadura militar. A organização curricular vigente era a Proposta de Estudos Sociais, elaborada na década de 70.

Diante desse contexto, duas mudanças curriculares ocorreram em busca da adequação da Geografia escolar às mudanças ocorridas na sociedade. Em 1986, foram elaborados os “Perfis de Saída de Alunos do Ensino de 1º e 2º graus”, feitos em três seminários a nível estadual, com a participação dos professores da rede estadual para aprofundamento da discussão do papel da educação para o exercício da cidadania, através do conhecimento da realidade, nos planos individual e social e nas diversas escalas: local, regional, nacional, mundial (MEDEIROS, 1996).

O problema dessa reformulação foi a falta da presença da Universidade nesses debates. Portanto, ficando uma lacuna na reflexão do avanço curricular da Geografia Escolar no Brasil, observando as diversas organizações apresentadas para se pensar a nova proposta a ser elaborada. Além de apresentar semelhanças com as propostas elaboradas pela ditadura militar, esta proposta foi considerada um retrocesso à década de 1950, pois apresenta características de enquadramento e uniformização.

Em 1992, surge o documento oficial “Subsídios para a organização da prática pedagógica nas escolas – Geografia – 1992”, elaborado em dois momentos distintos. No primeiro momento, em 1991, ainda no segundo Governo Arraes, houve

a participação coletiva e democrática dos professores junto com a Equipe Central de Ensino da Secretaria de Educação, resultando na elaboração de um documento fruto do debate e discussão em Geografia, chamado de “Subsídios à elaboração da proposta curricular de Geografia”. Em seguida, já no segundo encontro, houve a finalização do documento, desta vez sem a participação coletiva, só com a participação da Equipe Central de Ensino da Secretaria de Educação, mais seletiva e restrita.

A “Proposta de 92” apresenta, na parte referente ao Ensino Fundamental, uma rica comparação entre os métodos e os conteúdos aplicados pela Geografia Tradicional, facilitando ao Professor compreender a nova concepção que auxiliará na sua prática educacional, contribuindo para uma educação dinâmica e transformadora. Vejamos o que afirma Medeiros (1996, p. 187):

(...) os temas sugeridos para o Ensino Fundamental, na “Proposta de 92”, são os que melhor expressam as concepções de Educação e de Geografia que embasam as duas programações. Isso acontece em razão de os temas selecionados, mesmo os do ensino tradicional de Geografia, receberem um novo tratamento, permitindo um nova leitura dos conteúdos como um todo, já que há uma descontinuidade.

Houve a inserção de novos temas e uma nova abordagem aos demais temas, ficando evidente a importância da consideração da educação neste processo. A “Proposta de 92” está voltada para trabalhar a criticidade do aluno, o que provocou uma renovação no ensino de Geografia.

É possível afirmar que as duas propostas – “Perfis” e a “Proposta de 92” - possuem um caráter de renovação do ensino de Geografia, pois ambas buscam colocar o aluno na condição de sujeito do conhecimento, em oposição à postura de mero repetidor de informações, abordagem que vinha sendo realizada. Apesar da renovação promovida pelas duas propostas analisadas, há uma questão que permanece nos dois documentos, que é o excesso de conteúdo, o enciclopedismo, acarretando a fragmentação do conteúdo, pois ainda não havia eixos temáticos, surgindo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que será analisado a seguir.

1.2 O LIVRO DIDÁTICO E SUA ONIPRESENÇA EM SALA DE AULA

O livro didático vem sendo objeto de estudo por parte de pesquisadores das ciências sociais. As análises são diversas e contemplam aspectos pedagógicos que avaliam qualidade e correção, discutindo e orientando a escolha do mesmo por parte dos professores, assim como estão dispostos determinados conteúdos nas diversas áreas do conhecimento nos livros didáticos; aspectos políticos, que selecionam os processos de seleção, distribuição e controle; aspectos econômicos, estabelecendo normas de produção, comercialização e distribuição; e os aspectos ideológicos, que tratam da seleção dos conteúdos encontrados nos mesmos.

A atenção recebida por este instrumento didático se deve à sua onipresença em sala de aula, tornando-o, em muitos casos, o único recurso disponível para o professor e aluno. Segundo Freitag (1993), o livro didático é o único material de apoio do professor, quando não o determinante nas aulas, perdendo seu papel de um dos instrumentos disponíveis ao docente e assumindo o papel principal em sala de aula, consistindo em publicações diversas, utilizadas em situações escolares por professores e/ou alunos para orientação, estudo, leitura e exercícios: compêndios, cartilhas, livros literários, paradidáticos, manuais de orientação para o docente, cadernos de desenho, tabuadas e coletânea de mapas (BITTENCOURT, 2002).

A elaboração do livro didático está diretamente ligada à própria escola, como instituição responsável pela formação dos alunos, através dos saberes indispensáveis para o conhecimento de sua cultura e realidade sócio-econômica. Esses saberes didatizados ou escolarizados são selecionados, adaptados e organizados, seguindo as orientações de currículos e programas, ou seja, os materiais didáticos são instrumentos sociais para a concretização e operacionalização do saber escolarizado.

Sendo um dos instrumentos escolares para assegurar, a aquisição dos saberes e competências julgados indispensáveis à inserção das novas gerações na sociedade, aqueles saberes que não é permitido a ninguém ignorar (...) (BITTENCOURT, 2002, p. 03).

Apesar das críticas por parte de muitos que defendem a eliminação deste material das salas de aula, o livro didático não é uma invenção recente ou possui uma existência indefinida e perigosa. Pelo contrário, este material didático remonta à

Grécia antiga. Portanto, é necessário apresentar uma perspectiva sócio-histórica do livro didático para se entender a sua importância.

1.2.1 Perspectiva Sócio-Histórica do Livro Didático

A história do livro didático nos remete à Grécia Antiga, com a obra *Paidéia* de Platão; foi ele quem pela primeira vez na história da educação, contrário à idéia de saber muitas coisas que na sua época era sinônimo de cultura, aconselhou a composição de livros de leitura em que se incluía uma seleção do melhor. O livro didático persistiu ao longo dos séculos, sempre presente nas instâncias formais de ensino, em todas as sociedades, como documenta a História da Educação. Outra obra que merece ser ressaltada é “Os Elementos de Geometria”, de Euclides, datada de 300 a.C., que foi utilizada como texto escolar por vários séculos. Além de livros religiosos, seleta de textos em latim, manuais de retórica, abecedários, gramáticas, livros de leitura povoaram as escolas através dos séculos – ao longo da história, o ensino sempre se vinculou indissociavelmente a um livro “escolar”, fosse ele livro utilizado para ensinar e aprender, fosse livro propositadamente feito para ensinar e aprender (FERNANDES, 2002).

Os primeiros livros escolares utilizados no Brasil não tinham uma história própria (FREITAG, 1993), já que eles eram trazidos da Europa durante todo o século XIX e início do século XX, sobretudo da França e Portugal. Os manuais eram em língua francesa para as matérias do curso secundário. A utilização dos livros didáticos estrangeiros estava reservada a uma minoria da população, pois a escola servia para alunos social e economicamente abastados, cuja referência social e cultural era a Europa, principalmente a França. A adoção de materiais europeus nas escolas brasileiras se deve a proibições portuguesas que impediam o funcionamento de tipografias no Brasil, suspensas no final do século XIX, tornando o mercado editorial brasileiro precário. Desta forma, a circulação de livros didáticos estrangeiros nas escolas brasileiras está ligada às condições sociais, culturais e econômicas.

A partir de 1930, surge no país uma política educacional consciente, progressista e com tendências democráticas, associadas à expansão da rede de ensino e à criação das Faculdades de Filosofia, que deram condições ao surgimento de editores e autores de livros escolares nacionais. Graças à queda da moeda, associada ao encarecimento do livro didático estrangeiro, provocado pela crise

econômica mundial, o livro didático brasileiro conseguiu competir comercialmente com os europeus. Até então, o que existia no Brasil era uma série de decretos e leis governamentais acerca da compra de livros didáticos estrangeiros. Foi em 1937, que surgiram as primeiras iniciativas desenvolvidas pelo Estado Novo para a divulgação de material educacional e cultural, criando o INL (Instituto Nacional do Livro) subordinado ao MEC. Este órgão possuía uma coordenação para tratar do livro didático nacional e uma de suas funções era a de assegurar a produção e distribuição do livro didático (FREITAG, 1993).

Através do decreto-lei 1.006 de 30/12/1938, pela primeira vez surge a definição de livro didático, no Art. 2º, § 1º - Compêndios são livros que exponham total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares; 2º - Livros de leitura de classe são os livros usados para a leitura dos alunos em aula; tais livros também são chamados de livros texto, livro-texto, compêndio escolar, livro de classe, manual, livro didático (OLIVEIRA, 1986, p. 13). O mesmo decreto-lei ainda estabelece a criação da Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), cujo objetivo era examinar e julgar os livros didáticos, indicar livros de valor para tradução e sugerir abertura de concurso para a elaboração e produção de livros ainda não existentes no Brasil. Essa comissão tinha um papel de controle ideológico mais do que didático (SCWRTZMAN, BOMÉNY e COSTA, 1984).

A CNLD ganha ainda mais atuação com o Decreto 8.460/45, consolidando a legislação 1.006/38, através de três pontos principais: deliberações relativas ao processo de autorização para a adoção e uso do livro didático; relativas ao problema de atualização e substituição dos mesmos; e que representam algumas preocupações em relação à especulação comercial.

A centralização do poder na comissão gera grande crítica e acusações de censura, de especulação comercial e manipulação política relacionada ao livro didático. Desta forma, apesar de uma política governamental educacional estabelecida, o interesse da comissão não era o didático, mas sim o controle político-ideológico.

Na década de 60 do século passado, durante a ditadura militar, são assinados vários acordos entre o governo brasileiro e o norte-americano através do MEC e da USAID, criando a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED) (FREITAG, 1993). Para os funcionários do MEC, a USAID (Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional) promovia ajuda ao país por meio

da compra de milhões de livros didáticos para os estudantes brasileiros e sua distribuição era gratuita (cf. MEC/COLTED, 1969). Mas para os críticos da educação brasileira esta relação era denunciada como um controle americano do mercado livreiro, especialmente do mercado do livro didático, e também controle ideológico de uma fatia substancial do processo educacional brasileiro (FREITAG, 1975; DUARTE, 1968; GOERTZEL, 1967; CUNHA; GOÉS, 1991). A comissão chega ao seu final em 1971, por meio do Decreto 68.728 de 08/06/71, quando foi criado o Programa do Livro Didático (PLID).

Vale salientar a criação da FENAME (Fundação Nacional de Material Escolar) em 1968, que assume o PLID através do decreto presidencial de 1976 (FREITAG, 1986, p. 134), assumindo as seguintes funções: definir as diretrizes para a produção de material escolar e didático e assegurar sua distribuição em todo território nacional; formular programa editorial; e executar os programas do livro didático e cooperar com instituições educacionais, científicas e culturais, públicas e privadas, na execução de objetivos comuns.

1.2.2 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

A análise histórica dos livros didáticos e de suas políticas nacionais, ao longo das décadas, demonstrou uma didatização do conteúdo. Os primeiros manuais escolares para toda disciplina só possuíam textos, conseqüentemente, cabia ao professor a responsabilidade de como trabalhar didaticamente o texto, elaborar questões e exercícios. Posteriormente, os livros didáticos passaram a adquirir o “livro do professor” com explicações sobre cada capítulo, orientação pedagógica, procedimentos de ensino e as respostas dos exercícios propostos, havendo uma transferência de responsabilidades do professor para o livro didático, ou seja, o autor exerce funções exclusivas do professor.

Esse processo ocorre contemporaneamente ao processo de depreciação da função docente: a necessidade de recrutamento mais amplo e menos seletivo de professores, resultado da democratização do ensino e da multiplicação de alunos dela decorrente, vai conduzindo ao rebaixamento salarial e conseqüentemente, a precárias condições de trabalho, como também a uma formação profissional deficiente, tudo isso constituindo uma situação que obriga os professores a buscar estratégias de facilitação de sua atividade docente – uma delas é transferir ao livro didático a tarefa de preparar aulas e exercícios (BECKER, 1986, p. 11).

Vale salientar o extraordinário crescimento e diversificação da produção de livros didáticos nas últimas décadas no Brasil, por causa da democratização do ensino que multiplicou o número de alunos, ampliando enormemente o mercado editorial, tornando sua produção bastante lucrativa.

Em 1985, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) com o objetivo de aquisição e distribuição universal do livro didático que os professores iriam usar nos anos seguintes, destinados aos alunos do ensino fundamental da rede pública, estabelecendo um princípio na política educacional brasileira: a abolição dos livros descartáveis. Todo o processo de avaliação, distribuição e aquisição é centrado no Governo Federal, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão vinculado ao MEC (Ministério da Educação). Em 1993, foram criadas as bases para a destinação de recursos para a aquisição do livro didático e destiná-lo gratuitamente a todos os alunos da rede pública de ensino, criando o maior programa de fornecimento de livro do mundo.

A efetivação do processo de avaliação dos livros didáticos adquiridos pelo Governo teve início em 1996, na área de Geografia nos 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Para tal, foram adotados os seguintes critérios de forma geral: função do livro de Geografia; conhecimento geográfico que se pretende que o aluno aprenda; conceitos e instrumentos a serem elaborados, procedimentos e atitudes esperados do aluno; por fim, adequação do livro ao professor e à escola (MEC/SEF, 1996).

A análise é realizada pelo PNLD, composto por especialistas das diversas áreas do conhecimento, ou seja, professores universitários que têm experiência com ensino fundamental e superior, evitando que os livros apresentem erros grotescos, tautologismo ou falta de conhecimento geográfico, acarretando na melhoria do material pedagógico adquirido pelo Governo Federal. Alguns erros foram extraídos de livros de 1ª a 4ª séries, durante a avaliação de 1998: “Os homens e as mudanças estão em constante transformação”, “Há muito tempo, quando o homem apareceu na Terra, não existiam cidades”; “Ilha é uma porção de terra cercada por água”; “Às vezes aparecem quedas d’água quando o rio corre por lugares com subidas e descidas”, etc. (SPOSITO, 2005). Os critérios de avaliação são eliminatórios e classificatórios; os eliminatórios abordam aspectos teórico-metodológicos, conceitos e informações básicas e construção da cidadania. Em seguida, os classificatórios

são: aspectos teórico-metodológicos e conceituais; construção da cidadania, estrutura editorial, aspectos visuais e o manual do professor.

Cada coleção é submetida à avaliação de uma dupla de especialistas, sem identificação da obra (título, autor(es) e editora). No caso dos livros de Geografia, os avaliadores são especialistas, um na Geografia Humana e outro na Geografia Física. A análise é feita em cada volume da coleção, buscando compreender sua continuidade e ligação dos conteúdos, por meio de uma ficha com 86 quesitos que abarcam os critérios eliminatórios e classificatórios. Por fim, são elaboradas resenhas das coleções classificadas ou do parecer técnico das coleções excluídas, sendo que as resenhas são publicadas no Guia Nacional do Livro Didático.

O PNLD de 1996 até o ano de 2007 vem realizando a avaliação dos livros didáticos distribuídos para os alunos de escolas públicas do ensino fundamental e, desde 2004, para os alunos da primeira série do ensino médio da rede pública (Pnlem) nas disciplinas de matemática e português. O Pnlem implantado tem um caráter progressivo; para este ano serão atendidos os alunos das três séries do ensino médio, totalizando mais de 9,1 milhões de livros de biologia, matemática e português.

Portanto, a adoção do PNLD e do Pnlem, políticas públicas que continuam implantadas no Brasil, visa avaliar os livros adquiridos pelo Governo Federal para serem utilizados por professores, alunos e escolas da rede pública de ensino, o que vem contribuindo para o aprimoramento de um dos principais instrumentos do professor. Estes programas promovem a melhoria do conteúdo, das informações básicas, conceitos, da coerência entre as opções metodológicas explicitadas ao aluno, com adequação ao nível médio de desenvolvimento cognitivo do aluno, não podendo conter preconceito de origem, etnia, gênero, religião, idade e condição socioeconômica; etc.

Outra questão é a atribuição dada ao livro didático como instrumento de aquisição dos saberes e competências julgados indispensáveis à inserção das novas gerações na sociedade. Desta forma, é imprescindível uma análise deste material pedagógico presente em sala de aula, adquirido e distribuído pelo Governo Federal para os alunos das escolas públicas, pois ele possui os conteúdos indispensáveis para a formação da cidadania dos estudantes.

Apesar da presença de temas e itens referentes à Geografia dos Serviços e das análises realizadas pelo PNLD e PNLEM, contribuindo para a correção de erros

conceituais, metodológicos, preconceitos, ou seja, melhorando a qualidade do material utilizado em sala de aula, ainda é preciso uma maior atenção com relação à Geografia dos Serviços, temática que necessita de uma abordagem mais aprofundada nos livros didáticos de Geografia, os quais não acompanham as recentes pesquisas sobre o assunto em análise. Para tal é necessária a realização de uma transposição didática, que será tratada a seguir.

1.3 O CONCEITO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E A CONTRIBUIÇÃO DE YVES CHEVALLARD

Como embasamento teórico para a realização desse estudo adotaremos a teoria da transposição didática, a qual analisa a passagem de um objeto de saber a ensinar em um objeto de ensino (CHEVALLARD, 2005).

Yves Chevallard é um didata francês, que atua na área da Didática do Ensino da Matemática, leciona atualmente no Institut Universitaire de Formation des Maitres de L'Académie d'Aix-Marseille, coordenando pesquisas na área de formação docente em Matemática.

A principal obra de Chevallard difundida no Brasil é a tradução para o espanhol e o original em francês do livro *La Transposicion Didactique*, uma versão ampliada da publicada em 1985, como produção de uma escola de verão de didática das matemáticas, em 1980, que forma o núcleo do livro (os capítulos 1 ao 8). Ele ainda possui o texto *Por que a transposição didática?*, comunicação apresentada no Seminário de Didática e Pedagogia das Matemáticas da Universidade Científica e Médica de Grenoble. Já na segunda edição de 1991, Chevallard insere um estudo de caso realizado em parceria com Marie-Alberte Joshua, intitulado “Um exemplo de análise da transposição didática”, estudando a trajetória da noção matemática de distância, desde sua proposição pelo matemático francês Maurice Fréchet, em 1906, até a sua incorporação, em 1971, ao sistema de ensino fundamental francês.

1.3.1 O Conceito de Transposição Didática

É unânime no meio educacional a preocupação com o tratamento dado ao conhecimento quando se trata de ensiná-lo, por causa da capacidade cognitiva dos

estudantes em seus diversos níveis de ensino (Infantil, Fundamental, Médio e Superior); por exemplo, adotar um texto científico, produzido para a comunidade científica, em uma sala de 5ª série do Ensino Fundamental, sem nenhum tratamento na linguagem e em sua contextualização não resultará no ensino-aprendizagem adequado, pois o texto está destinado a um determinado público-alvo, ou seja, cientistas, estudantes universitários, pesquisadores, etc. Desta forma, há a necessidade de tratar as informações contidas no texto e sua linguagem para que fique adequado aos estudantes da quinta série do ensino fundamental.

Mas, antes de tratar o conceito de transposição didática, é preciso diferenciar saber e conhecimento, pois estes irão contribuir bastante para o desenvolvimento da pesquisa. Para Pais (1999), o saber é quase sempre descontextualizado e mais associado ao contexto científico, histórico e cultural. Ao se tratar do saber geográfico, se refere a uma ciência que possui sua concepção estruturada num contexto próprio. Já o conhecimento é pessoal, ou seja, está diretamente relacionado com a experiência de cada indivíduo, através da relação entre o sujeito e o saber. Assim, a transformação de um saber específico, por exemplo, a Geografia dos Serviços, em conhecimento é a realização de uma transposição didática, a qual será analisada no decorrer da fundamentação teórica.

Segundo Chevallard (2005), o termo “transposição didática” foi empregado inicialmente pelo sociólogo francês Michel Verret, em sua tese de doutorado *Le temps des études*, publicada em 1975. Nesta obra, Verret analisa a distribuição do tempo das atividades escolares, contribuindo para a compreensão das funções sociais dos estudantes. Para Verret (1975), o tempo das práticas escolares é dividida em dois momentos: o tempo do conhecimento, influenciado pelo objeto de estudo, e o tempo da didática que obedece a função das condições de “transmissão” do conhecimento, sendo a didática a transmissão de um saber adquirido. Transmissão dos que sabem para os que ainda não sabem. Daqueles que aprenderam para aqueles que aprendem. Portanto, a prática didática também se desdobra em duas: a prática do saber e a prática da sua transmissão.

A prática da transmissão recebe a influência da rotinização e da institucionalização, interferindo na estrutura do tempo escolar, ou seja, na organização dos conteúdos trabalhados na escola. Em sua obra, o autor identifica formas temporais burocráticas impostas pela escola à transmissão do saber: este deve ser programável, ou seja, que possibilite recortes aceitáveis; passa por um

processo de dessincretização que consiste nas especializações às práticas das aprendizagens; apresenta um saber despersonalizado, sem autoria; sua organização permite um controle social das aprendizagens e deve apresentar um grau de publicidade para a apropriação daqueles que deverão transmiti-lo e recebê-lo (VERRET, 1975). Tais imposições, portanto, interferem na própria seleção dos conteúdos a serem ministrados, definindo os conhecimentos escolarizáveis.

A influência desse autor é notória na produção de Chevallard em diversas passagens do livro *La Transposition Didactique*, não só em citações, como na abordagem epistemológica das suas análises do saber escolar. Sua diferença em relação a Verret é o próprio campo do saber em que atua (didática das matemáticas). Outro ponto é a recusa de Chevallard em utilizar a terminologia “transmissão” de saberes, pois para ele é reconduzir a imagem da caixa preta, aquela sala de aula onde se supõe a transmissão de um suposto saber, onde não iremos olhar e, se formos, veremos o professor, depois o aluno e quase nunca o saber.

Além de Verret e Chevallard, outros trabalhos podem ser citados: Perrenoud (1998), que afirma ter criado a noção de “transposição pragmática” em 1984, além de Isambert-Jamali, Sirota e Tanguy que trabalham com esta noção sem a ter nomeado especificamente.

Vale ressaltar que, no Brasil, Lopes (1999) elaborou o conceito de mediação didática, já que ela não concorda com a terminologia adotada por Chevallard (2005), pois, segundo a mesma, remete a uma noção de reprodução, ou seja, transpor de um lugar ao outro sem alterações. Desta forma, Lopes e Perrenoud oferecem outras terminologias, as quais não apresentam diferenças significativas. O trabalho de Chevallard se diferencia, pois se baseia na discussão do saber escolar, desenvolvendo um modelo teórico para análise dos sistemas de ensino.

1.3.2 A teoria da transposição didática

A sociedade produz saberes de referência que devem ser trabalhados em sala de aula, o que os torna necessidades sociais. A comunidade científica produz saberes que precisam ser comunicados através de dissertações, teses, artigos, etc., dando origem a novos saberes, partindo destes que foram produzidos. Através de pressões internas e externas, o pesquisador publica suas pesquisas, ou seja, um mestrando tem um prazo para defender sua dissertação, constituindo uma forma de pressão interna que parte da própria comunidade científica.

Além da pressão interna, há a pressão externa para que este saber seja comunicado à sociedade, necessitando de um tratamento, no sentido de que sua roupagem mais acadêmica seja retirada e que ele possa, após essa deformação, ser comunicado, compreendido e, se possível, utilizado socialmente (MENEZES, 2004). Produzido e comunicado o saber, ele passará por adaptações para que se torne ensinável, tendo início a primeira etapa da transposição didática, que será tratado a seguir.

1.3.2.1 A transposição didática externa

Esta pesquisa irá se deter na transposição didática externa e interna. A primeira consiste na transformação dos saberes científicos (saber sabio) em saberes ensináveis (saber ensinado), por causa da influência dos agentes externos para a seleção dos conteúdos que devem ser trabalhados nos diversos níveis de ensino, tornando-os saber de referência para nossos estudantes. Estes agentes externos que influenciam na transformação desses saberes são: pessoas (didatas, pesquisadores, técnicos de instituições do Governo ligados à educação) e instituições (MEC), responsáveis pela elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's); editoras (livros didáticos), etc. De acordo com Chevallard (2005), esta ação acontece no campo intitulado por ele de noosfera, o que acaba por determinar o que deve ser ensinado na escola, saber a ensinar, caracterizando a primeira etapa da transposição didática, ou seja, a transposição didática externa.

A noosfera faz parte de um sistema maior, a sociedade, portanto sendo influenciada por ela na escolha dos objetos de ensino. Assim, não só a comunidade

científica influencia essa escolha, como mostra o esquema a seguir, proposto em Bordet (1997), sobre a concepção de Chevallard:

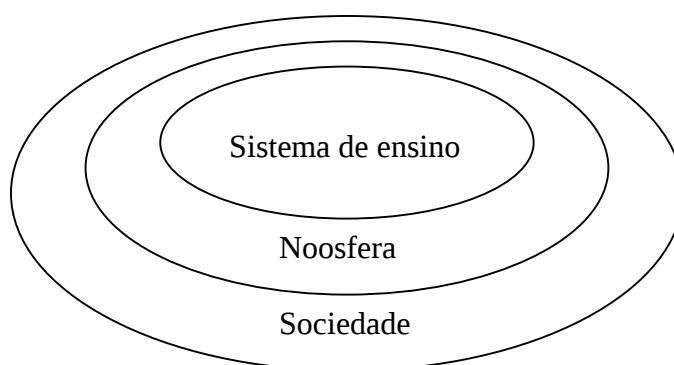


Figura 1 – Esquema de Noosfera

É possível evidenciar que algumas disciplinas sofrem uma maior interferência por parte da sociedade do que outras; neste caso são as disciplinas mais ligadas às ciências sociais. Por exemplo, no período da ditadura militar no Brasil, as disciplinas de História e Geografia foram suprimidas em Estudos Sociais; com duas horas aulas semanais e o aumento da quantidade de aulas das ciências exatas. Desta forma, a noosfera sofreu uma pressão social para esta mudança. Mas, graças à atuação da sociedade civil organizada, pesquisadores, pedagogos, sociólogos, etc., estas disciplinas conquistaram sua autonomia, acabando com a disciplina Estudos Sociais. A noosfera é composta por agentes e agências especializados no trabalho mais direto de transposição didática.

Primeiramente, ao sofrer tais deformações, o saber científico pouco a pouco perde seu formato original. Isso implica dizer que ele começará a sofrer um processo de adaptações, de supressões, de modificações que farão com que alguns elementos originais sejam deixados pelo caminho (MENEZES, 2004, p. 24).

É preciso deixar bem claro que há diferença entre o saber científico, o saber a ensinar e o saber ensinado, mas, apesar disso, eles não podem se distanciar ou simplesmente haverá uma desconexão entre eles. Para Chevallard (2005), é necessário realizar uma vigilância epistemológica, assim as mudanças, a distância e as adaptações não desfigurarão o saber original de tal forma que o saber a ensinar deixe de ser fiel a ele, dificultando a aprendizagem. Ele ainda afirma existir o trabalho interno da transposição didática, realizada pelos professores em sua prática

didática, já que a maioria dos docentes quase nunca tem acesso ao saber original, mas sim à sua adaptação, por meio do livro didático, acarretando em mais uma adaptação, chamada de criações didáticas. Elas são realizadas pelos professores para facilitarem a aprendizagem dos estudantes em determinado conteúdo, embora não existiam quando da produção do saber científico original, podendo gerar um isolamento por parte dos sujeitos do sistema de ensino, o que ele denominou de fechamento da consciência didática. Tal isolamento é visto por ele como limitada.

Ainda sobre a noosfera, esta esfera garante a manutenção de saberes entre o sistema didático e a sociedade (entorno social). Chevallard (2005), para explicar esta manutenção, propõe um modelo de interpretação: para manter a sustentação de saberes referenciais é necessário um ponto mais ou menos equidistante entre o saber científico (saber sabio) e o saber “banalizado”, acessível às famílias dos estudantes, sem a interferência da escola. Assim, quando o saber ensinado se distancia do saber científico (saber sabio), ele sofre o que o autor chama de “envelhecimento biológico”, passando a ser desvalorizado pela sociedade por causa da sua obsolescência. Outro fenômeno também pode ocorrer, o “envelhecimento moral”, causado pela perigosa aproximação do “saber banalizado”, ou seja, quando o saber já é de amplo domínio público. Portanto, a escola será considerada uma instituição arcaica, pois rompeu a compatibilidade entre o sistema didático e a sociedade. Fica sob a responsabilidade da noosfera a seleção e o trabalho de transposição didática dos conteúdos de saber selecionados, restabelecendo a compatibilidade a qual Chevallard se refere.

Esta esfera citada acima, segundo CHEVALLARD (2005), é um espaço de conflito, de disputa, uma construção social, não um momento espontâneo ou natural. Por isso, o trabalho da noosfera não acarretará diretamente um processo de modernização, já que as mudanças veiculadas por ela respondem às múltiplas e contraditórias demandas sociais.

A princípio, o autor se restringe à didática das matemáticas, mas a perspectiva de extensão para outras disciplinas específicas foi assinalada no posfácio da segunda edição do seu livro, permitindo uma generalização de tal teoria.

1.3.2.2 Transposição Didática Interna

Num primeiro momento, percebe-se que o processo de transposição didática externa acontece em uma dimensão extraclasse, ou seja, na noosfera; a transposição didática interna irá acontecer dentro da escola, na própria sala de aula. Por isso, é importante caracterizar esta dimensão, mais conhecida como sistema didático.

O sistema didático será marcado por três pólos: o saber, o professor e o estudante. Este sistema é onde se concentra uma grande parte dos estudos sobre o processo de ensino-aprendizagem, podendo ser representado por um triângulo:

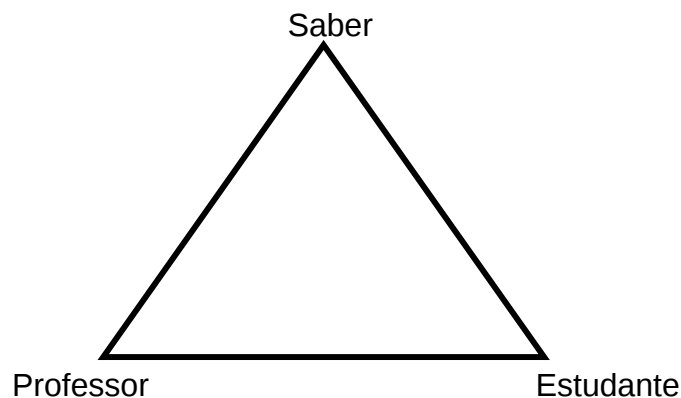


Figura 2 – Sistema Didático

Cada vértice seria um dos pólos, estabelecendo três relações identificadas pelos lados do triângulo: relação professor/aluno, relação aluno/conhecimento, relação conhecimento/professor, sendo que os lados não possuem as mesmas distâncias, ou seja, as relações de afastamento ou de proximidade com os pólos variam de acordo com o cenário didático. Assim, o sistema didático é bastante dinâmico e temporal, pois a relação entre o professor/conhecimento é carregada pela individualidade de cada professor e de suas concepções de aprendizagem, além do outro pólo que carrega a individualidade, o estudante, que se relaciona tanto com o professor como com o conhecimento, sujeitos que sofrem as pressões sociais e pelos seus sistemas de referências individuais.

Portanto, graças à temporalização do sistema didático pode-se colaborar na identificação das transposições didáticas realizadas.

1.4 A GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS

O ensino da Geografia Escolar vem passando por profundas transformações ao longo dos últimos anos, em particular nos últimos dez anos, com o desenvolvimento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que avalia os livros adquiridos pelo Governo Federal distribuídos nas escolas públicas em todo o Brasil, visto na fundamentação teórica. O PNLD possibilitou uma melhoria em uma das principais ferramentas de trabalho do professor ou a única, em alguns casos, na busca de adequar a educação e o ensino de Geografia às condições pós-modernas vividas pela sociedade.

Desta forma, é pertinente a abordagem da Geografia dos Serviços nos livros didáticos de Geografia, já que em seu estudo o aluno fará uma leitura mais completa das relações econômicas que ocorrem no espaço geográfico, pois o setor terciário está presente em seu cotidiano e é o que gera mais empregos nos centros urbanos, sendo preciso uma análise mais profunda de seu papel na economia brasileira e mundial.

1.4.1 DIFICULDADES E PERSPECTIVAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS

Como analisado anteriormente, os PCNs estabelecem temas e itens que contemplam o setor terciário da economia, mas apesar de indicar a temática os autores precisam contemplar o assunto em suas coleções didáticas. Um dos motivos para esta falta de atenção acerca do conteúdo se deve à abordagem do setor por parte dos pesquisadores como algo sem importância. A. Smith e K. Marx, teóricos e práticos da economia política, consideravam o terciário como um ramo improdutivo e parasitário, portanto indigno da sua atenção (ECALLE, 1989), o que se comprova também no ensino de Geografia, quando as atividades terciárias surgem nos livros didáticos apenas na divisão dos setores da economia (primário, secundário e terciário). Esta concepção bastante difundida no meio acadêmico se torna uma das principais barreiras para uma abordagem mais complexa deste setor da economia.

Ainda não há trabalhos referentes ao conteúdo em análise nos livros didáticos de Geografia. As pesquisas existentes são muito recentes e se restringem à pesquisa de cunho acadêmico, publicadas pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, com destaque para Castilho (1998), professor da disciplina na instituição.

Com efeito, o espaço e a importância que o terciário e, mais precisamente, os serviços vêm ocupando nas economias urbanas sob o contexto da globalização, preenchendo lacunas deixadas pela desindustrialização e, por conseguinte, desempenhando um papel ideológico como mecanismo menos rígido e mais flexível de engajamento de indivíduos nos momentos de crises cíclicas do mercado de trabalho e, por sua vez, elevando as taxas de desemprego como consequência da reconfiguração dos setores produtivos, têm contribuído para o alargamento deste campo de estudo (CASTILHO, 1998, p. 01).

Para exemplificar a ausência de uma abordagem mais complexa da Geografia dos Serviços, a pesquisa realizou uma análise das três principais coleções de livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental, mais adotadas pelas escolas estaduais no município de Recife.

A análise das três coleções, através de uma leitura inicial, constatou que: quanto à evolução das atividades terciárias as três coleções apenas realizam a divisão tradicional da economia; em relação à mundialização e os serviços, nenhuma das obras realizou uma análise aprofundada do tema; e, por fim, no que se trata da tipologia dos serviços e sua organização espacial, nenhuma das obras em análise possui tal temática.

Por meio de uma ação reflexiva é possível descobrir elementos que facilitem o ensino, descobrindo as dificuldades que foram criadas e cristalizadas ao longo do tempo. Nessa pesquisa, pretende-se propor uma abordagem integradora da Geografia dos Serviços à Geografia Escolar, tornando-se imprescindível o estudo de sua evolução, sua relação com o espaço urbano e com a mundialização da economia para oferecer um melhor estudo do espaço geográfico, partindo do cotidiano do aluno e organizando toda a gama de conhecimentos prévios que ele possui.

1.4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS

1.4.2.1 Antecedentes Históricos

Para a realização de uma transposição didática é preciso tecer considerações sobre o setor terciário da economia, o qual foi desprezado por vários estudiosos durante anos (CASTILHO, 1998). Para Karl Marx e Adam Smith, este setor consistia num ramo da economia improdutivo, atribuindo às atividades diretamente produtivas destaque em seus estudos. Desta forma, os estudos científicos deram uma maior atenção ao setor primário e secundário negligenciando uma análise mais aprofundada dessas atividades.

A história do espaço urbano, conseqüentemente das cidades, revela o papel fundamental que os serviços tiveram na sua organização e construção, concentrando as atividades administrativas, recolhimento de impostos etc, além de concentrar a população, promovendo um dinamismo sócio-econômico. Desde a origem das cidades que os serviços possuem uma função dinamizadora da vida urbana.

Na Idade Antiga, podemos citar algumas cidades que possuíam funções políticas e econômicas (Esparta, Atenas e Roma), promovendo a atração de um grande contingente populacional em busca das atividades terciárias desenvolvidas na área. Assim, surgiram inúmeros serviços destinados à população local e seus visitantes que demandavam hospedarias, comércio, consumo da produção, taberna, abastecimento, feiras, pontos de recuperação das energias físicas dos animais etc (CASTILHO, 1998).

Já no Renascimento, com a redefinição do sistema feudal, houve o aumento do fluxo de transações comerciais e da dinâmica sócio-espacial desses centros urbanos, através da ampliação do mercado consumidor, unificação da moeda, maior movimento de pessoas, melhoramento do fluxo de transporte e comunicação, mais evidente em Estocolmo, Paris, Londres, Lisboa, Madri, Moscou, Viena, etc.

Havia diferenças entre estas cidades ligadas à função que cada uma exercia. Desta forma, as ligadas às atividades de direção nacional controlariam as que possuíam serviços regionais, formando uma rede urbana. Outro aspecto importante foi o surgimento das corporações de ofícios que prestavam serviços de segurança

aos artesãos nas cidades, levando os artesãos de cada ofício a se unirem para promover a articulação entre as atividades produtivas e terciárias.

O advento do Capitalismo Comercial, na Idade Moderna, promoveu um grande impulso nas atividades comerciais, graças ao avanço das grandes navegações ampliando a escala de atuação para o nível mundial. Houve a implantação de portos ao redor do mundo, gerando serviços às embarcações e sua tripulação. A formação da cidade do Recife é um exemplo de núcleo urbano que surgiu com base nas atividades comerciais desenvolvidas em seu porto. Assim, as áreas portuárias foram se estruturando à medida em que ganhavam maiores articulações com o mundo e os lugares ao seu redor por meio do transporte marítimo e, posteriormente, na segunda metade do século XIX, através de uma importante malha ferroviária (CASTILHO, 1998).

Na Idade Contemporânea, após a primeira Revolução Industrial, durante a segunda metade do século XVIII, as cidades sofreram profundas mudanças para receber a população que deixava o campo, atraída pelas fábricas que demandavam mão-de-obra, promovendo um acelerado crescimento urbano. Conseqüentemente, surgiu uma grande quantidade de serviços; tais como: saúde, educação, saneamento básico, segurança, cultura etc.

As condições sanitárias e sociais nessas cidades industriais eram bastante precárias, em meados de 1840, devido ao processo de acumulação a todo custo e sem a realização dos investimentos necessários à melhoria da qualidade de vida no trabalho e na vida social cotidiana. Neste período, ainda não havia a participação do Estado na promoção de serviços sociais, o que fomentou o surgimento de lutas sociais para a conquista de melhores condições de trabalho, de saúde e de vida; em uma sociedade capitalista o Estado assumiria o papel de oferecimento desses serviços.

A dinâmica dos serviços sempre esteve atrelada à formação histórico-territorial dos espaços urbanos, desde os seus primórdios; seguindo, freqüentemente, as necessidades das funções e da demanda social inerentes a cada formação. Isto porque a demanda por serviços acha-se vinculada ao consumo das famílias, das empresas e dos Estados, que constituem os principais agentes sócio-espaciais que constroem as cidades (CASTILHO, 1998, p. 5).

Segundo Rochefort (1998), a cidade era antes da Revolução Industrial um centro de atividades terciárias, marcada pela realização de inúmeras atividades terciárias e principalmente o comércio; a concentração dessas atividades e a necessidade de aumentar a produção deram início ao processo de industrialização; este novo modo de produção criou novas atividades terciárias e de serviços. Desta forma, as cidades necessitam das atividades terciárias, pois este setor é imprescindível em um centro urbano. Vale ressaltar que o espaço urbano existia antes mesmo da chegada da atividade industrial.

Atualmente, as atividades terciárias estão assumindo uma maior parcela da economia mundial, gerando mais empregos que os setores primários e secundários. Segundo Sassen (1998), em um país após outro presenciemos o declínio ou a diminuição das indústrias manufatureiras, acompanhado de um crescimento do setor de prestação de serviços. Alguns fatores são possíveis listar, como: a consolidação do processo de urbanização, a saída da mão-de-obra dos setores primários e secundários em função da mecanização e aumento da produtividade nesses setores, o Estado de Bem-Estar social, melhoria da qualidade de vida nas áreas urbanas, a desindustrialização, a generalização do trabalho feminino, aumento das atividades ligadas ao lazer, turismo, esportes, diversão, entretenimento, etc.

Portanto, é possível afirmar que as atividades terciárias crescem acentuadamente em todos os lugares no mundo; dados sobre empregos demonstram claramente que a prestação de serviços é o setor que mais cresce na maioria das economias desenvolvidas (CASTELLS, 1998), variando com as condições sócio-econômicas e culturais da população, graças ao processo de mundialização do capitalismo.

1.4.2.2 A Mundialização e o Crescimento dos Serviços

Diante do exposto, os serviços sempre estiveram presentes na formação do espaço urbano antes, mesmo, da indústria. O desenvolvimento do sistema capitalista foi impulsionado pelas inovações tecnológicas nos setores de telecomunicações e transportes, permitindo a diminuição das fronteiras entre os diferentes mercados, criando uma economia interligada entre as principais metrópoles, dando origem a uma gama de atividades terciárias.

À medida que a mão-de-obra nos lugares sedes de grandes empresas multinacionais encareceram, adquiriram direitos trabalhistas e salários dignos, o custo aumentou e, assim, a “deslocalização” das indústrias foi inevitável, conduzindo os objetos de produção para regiões mais pobres da economia global. Nos países de capitalismo avançado, a diminuição do número dos empregos na produção industrial vem sendo compensada, em princípio, com o aumento dos empregos atrelados, sobretudo, à produção tais como aqueles inerentes à publicidade, ao marketing, à formação, à pesquisa, à comercialização de produtos, à contabilidade, à administração, aos seguros, à segurança, etc. (BAILLY; COFFEY, 1994; ECALLE, 1989; SASSEN, 1991). Isto exige da população uma maior qualificação para tais oportunidades de emprego, exigindo uma maior competitividade e seletividade no mercado de trabalho.

Assim, a fase atual do capitalismo vem gerando uma maior procura pelas atividades terciárias, por causa da diminuição na oferta de empregos no setor secundário. Um fator que contribui para a expansão dos serviços é a sua flexibilidade referente à sua instalação no espaço e ao engajamento de indivíduos no mercado urbano local.

Nesse contexto, de uma economia globalizada, as atividades terciárias estão empregando mais do que as atividades produtivas; isto não significa que ela é mais importante, mas é nas atividades dos serviços que as chances de trabalho são maiores.

1.4.2.3 Os Serviços e o Mercado de Trabalho Urbano

Atualmente, o setor da economia que mais oferece oportunidade de mobilidade social, graças à maior geração de empregos, é o terciário. Nos países mais desenvolvidos, os serviços representam, aproximadamente, 2/3 do PNB e dos empregos mundiais. Nos países subdesenvolvidos, a oportunidade de mobilidade social está atrelada aos postos de trabalho criados nas atividades terciárias, permitindo à população uma integração no mercado de trabalho urbano.

No que concerne à hierarquia do conjunto dos empregos no setor de serviços, temos, via de regra, no ápice, os empregos ligados aos altos escalões das grandes atividades organizacionais tais como: políticos, chefes de governo, ministros, pessoal de administração central, diplomatas, diretores de bancos, sociedades financeiras, companhias

de transportes, diretores de teatros, artistas de nível internacional, cientistas, pesquisadores, diretores e pessoal de redação de jornais e emissoras de rádio e televisão, etc; na base encontram-se os empregos mais modestos tais como: varredores de rua, serventes de repartições, carregadores, engraxates, Office boys, etc. E isto sem falar das categorias intermediárias, entre as duas anteriores. Neste último nível, encontram-se as pessoas pertencentes aos grupos médios da sociedade local: demais funcionários públicos, de todas as especialidades, bom como comerciários, bancários, profissionais liberais, etc. (CASTILHO, 1998, p. 12).

O conjunto de empregos do setor terciário é renovado com o surgimento de novas oportunidades, como: personal trainer, consultorias a particulares, arquitetos, conselheiros, trabalhos que exigem uma alta qualificação; há um aumento do número de trabalhadores em salões de beleza, nas clínicas de fisioterapia, nas agências de decoração, nos escritórios particulares, nos centros de convenções, nos aeroportos, nas rodovias, nos centros comerciais, nas galerias de arte, no atendimento self-service, entrega em domicílio, ensino, limpeza etc., e em muitos lugares do mundo, o crescimento do turismo e lazer: hotéis, pousadas, restaurantes, agências de viagens, agências de locação de veículos, animação, etc.

Uma explicação para o aumento do número de empregos nas atividades ligadas aos serviços é a flexibilidade das relações contratuais e de instalação dos estabelecimentos, através de contratos temporários de trabalho ou pela informalidade, gerando o aumento do desemprego, da vulnerabilidade, da clandestinidade, da precariedade das relações e nas condições de trabalho.

Desse modo, dois setores convivem, os setores formal e informal nas economias dos países subdesenvolvidos. O primeiro é composto por grandes e pequenas empresas, oferecendo serviços de qualidade e com preço de mercado para pessoas integradas à economia urbana formal. No segundo, trabalha-se com pequenos estabelecimentos, as empresas do setor informal oferecem preços e qualidade inferiores, estando ligadas à economia local, capital próprio, limitada nesta escala, baixa produção e incapazes de modernização por falta de capital. Dessa forma, o setor informal vem recebendo indivíduos sem empregos e sem possibilidade de consumo no setor formal.

Convém ressaltar que o processo de desindustrialização contribuiu com a “precarização” nas relações de trabalho, através do desassalariamento e a desmobilização sindical, assim como, a substituição de mão-de-obra formal por trabalhadores temporários, fornecidos por empresas de recursos humanos, ou seja,

promovendo a terceirização, o que acarreta a diminuição das condições adequadas de trabalho e poder de reivindicação do trabalhador.

1.4.2.4 A Tipologia dos Serviços

A presente pesquisa trabalha a classificação dos serviços elaborada por Cláudio Castilho, em 1998, em artigo publicado na Revista de Geografia, o qual analisa as atividades terciárias, sua história e o seu papel na organização do espaço urbano.

Há uma verdadeira confusão quanto à classificação das atividades terciárias no que diz respeito à complexidade dos serviços e dos seus componentes, graças à relação dos elementos na totalidade da economia e da sociedade. Estabelecer a diferença entre o comércio, a administração e a prestação de serviços propriamente ditos é bastante complexo. Mas, é possível trabalhar com o ponto de convergência entre as três atividades citadas: elas não produzem bens materiais estocáveis. Este é o principal argumento para agrupá-las no setor terciário da economia.

Diante do exposto, tentar-se-á apresentar classificações que contribuirão para uma melhor compreensão dos serviços. Quanto à sua natureza filosófica, podem ser: serviços de interesse econômico e serviços de interesse social, sendo possível utilizar também a classificação de serviços privados e públicos, o chamado terceiro setor, através da articulação entre os interesses públicos e privados, ou seja, o Estado contrata empresas privadas para realizar uma obra, por exemplo, de interesse público, utilizando recursos do Estado.

Os de interesse econômico obedecem às regras do mercado capitalista, visando à obtenção de lucros. Assim, estas atividades irão se concentrar em lugares que possuam vantagens econômicas, promovendo a acumulação de capital. Vale citar alguns exemplos marcantes desta organização:

Atividades ligadas à gestão de negócios, às finanças (bolsas de valores, bancos, sociedades de crédito e corretagem, agências de câmbio, companhias de seguros), às consultorias a particulares e a empresas, ao fomento a técnicas de produção (laboratórios, centros de pesquisa), à divulgação dos produtos (marketing e publicidade), à engenharia (concepção, estudos e coordenação para a realização de obras) dentre outras (CASTILHO, 1998, p. 18).

Em contrapartida, os serviços de interesse social são assegurados pela coletividade pública, não apenas pelo Estado, pois com a globalização capitalista neoliberal, está havendo a sua redução da participação neste setor para uma maior atuação do mercado, ou seja, o crescimento dos planos privados de saúde, o crescimento das matrículas nas escolas particulares, a contratação de empresas de segurança privada, coleta de lixo, entre outras áreas. Estes serviços possuem uma desconcentração espacial para melhor atender aos contribuintes, que através do sistema fiscal mantêm uma série de vantagens e seguranças contra riscos diversos para todos, atendendo até as pessoas de grupos sociais menos favorecidos. É possível citar os seguintes tipos de serviços de interesse social.

A participação do Estado na promoção desses serviços está calcada na construção do Estado de Bem-Estar Social, cujo objetivo principal é garantir à classe menos favorecida da sociedade tais benefícios. No entanto, com o retorno de uma nova forma do liberalismo, chamada de neoliberalismo, a ação do Estado na economia vem diminuindo lentamente, abrindo oportunidades para a atuação do mercado, ou seja, a política intervencionista vem sendo substituída pelo Estado mínimo. Para tal, há uma série de medidas e teorias que estimulam a privatização precipitada dos serviços sociais e de infra-estrutura, fazendo com que o Estado deixe de atuar em setores lucrativos como: telecomunicações, distribuição de energia, transportes etc; acarretando a perda de fonte de renda, dinheiro este que seria reinvestido na própria sociedade, ao invés de ser administrado por grandes grupos transnacionais.

Há serviços estratégicos que não podem deixar de ficar sob a responsabilidade do Estado, pois é fundamental para o desenvolvimento nacional, como: a geração de energia elétrica, infra-estrutura básica à produção nacional, formação dos cidadãos; já os serviços ligados ao setor produtivo podem ser transferidos para o setor privado. Com setores da economia privatizados, o Estado passa a ter a responsabilidade de criar agências de fiscalização para acompanhar o desempenho das empresas, agora, privadas, para que ofereçam serviços de qualidade, não realizem aumentos abusivos, maior acessibilidade para a população e que cumpram o contrato.

Vale ressaltar que serviços de interesse social podem se tornar de interesse econômico quando geridos para a acumulação do capital, tais como setores de: educação, saúde e segurança. Sendo assim, os serviços sociais podem ser

administrados para fins públicos ou privados, dependendo dos interesses envolvidos.

Assim, podemos ter escolas públicas e escola privadas, hospitais públicos e hospitais privados, conforme a lógica de organização do serviço; o que nos remete a uma questão mais global da organização social na medida em que, no contexto de uma sociedade neoliberal existem evidentes tendências à privatização da regulação dos serviços, trazendo graves consequências para a sociedade com base nos parâmetros que garantam o bem-estar social, há tendência a uma maior participação do Estado no que tange à regulação social e econômica da sua sociedade (CASTILHO, 1998, p. 20).

Quanto ao terceiro setor, ou seja, o que não é público e nem privado, ele apresenta um crescimento acelerado, graças ao contexto neoliberal e da atual mundialização. A implantação do Estado mínimo está promovendo a diminuição de investimentos nos serviços sociais públicos, surgindo uma lacuna. A sociedade civil organizada vem tentando suprir este vazio deixado pelo Estado, através das organizações não-governamentais, associações de moradores, sindicatos etc. Em muitos casos, a ação desses grupos é financiada pelo próprio governo, legitimando o sistema capitalista e atenuando a situação de carência e precariedade na vida social, decorrente de uma política neoliberal.

No que diz respeito à necessidade concreta de uma sociedade, os serviços podem se classificar das seguintes formas: serviços banais e serviços raros ou especializados, de acordo com o caráter da localização da demanda social; e serviços de comando, serviços básicos e serviços de atração, de acordo com o nível da centralidade espacial. Na primeira classificação, os serviços banais são mais numerosos estando diretamente relacionados pela densidade populacional. Já os serviços raros possuem uma localização determinada pela centralidade espacial e da influência política, econômica e cultural do espaço urbano.

Na segunda classificação, os serviços de comando estão ligados ao poder das decisões e sua localização é determinada em função da tradição, herança histórica e importância econômica. Para Castilho (1998), há os serviços de metrópole que são ligados a: instituições de decisões político-administrativas, núcleos direcionais da administração federal, instituições de relações e representações de outros países e regiões, de decisões econômicas, de pesquisa e de ensino especializado, centros de criação de moda em várias escalas.

Com semelhanças aos serviços banais, os serviços básicos apresentam uma localização mais presente no espaço, por exemplo: predominam nos centros rurais, pequenas cidades e bairros das cidades. Os serviços sociais básicos se restringem ao atendimento de necessidades elementares das populações: ensino na escolaridade obrigatória, saúde prestando primeiros socorros, serviços postais, segurança e administração financeira de base, serviços pessoais e os oferecidos pelos profissionais liberais.

Os serviços de atração ou do entretenimento são aqueles locais possuidores de atividades de atração de diversos tipos, as atividades ligadas a este tipo são: os eventos (congressos, festas populares, festivais); turismo (agências de viagens, hotelaria, restauração); lazer (parques temáticos, diversão e entretenimento).

O turismo e o lazer estão recebendo um grande investimento público e privado, representados pela produção de objetos espaciais destinados a tais atividades; seu crescimento é semelhante aos objetos espaciais ligados à produção. Assim, a expansão espacial de centros culturais, de eventos, estádios, ginásios, praças, quarteirões, ruas constituem exemplos desses serviços.

1.4.2.5 Os Serviços e sua Organização Espacial

De forma geral, as atividades terciárias encontram-se concentradas ou desconcentradas no espaço geográfico. Os serviços banais estão espacialmente desconcentrados; isto ocorre por causa da natureza dessas atividades, destinadas ao atendimento de necessidades imediatas de um mercado consumidor denso e espalhado geograficamente (CASTILHO, 1998). Já as atividades especializadas e sofisticadas estão espacialmente concentradas.

O consumo desses serviços influencia na produção do espaço geográfico, interferindo na sua localização no interior dos centros urbanos, surgindo objetos espaciais urbanos de acordo com o poder aquisitivo de seus consumidores. Além do consumo, os serviços possuem um papel fundamental na construção de redes urbanas. O poder de influência de uma cidade depende dos tipos de serviços oferecidos em seu espaço urbano, o que acaba influenciando os municípios vizinhos.

Vale ressaltar duas teorias que foram formuladas nos anos trinta do século passado, as quais abordam a organização espacial das atividades terciárias, só recebendo uma maior atenção a partir dos anos 1960, graças ao crescimento e diversificação dessas atividades, são elas: a teoria da base econômica e a teoria das localidades centrais, criada pelo alemão Walter Cristaller. O ponto em comum das teorias é a de que os consumidores buscam os serviços que se acham mais próximo deles, com o intuito de minimizar os custos com transporte; a localização dos serviços é determinada pela distribuição geográfica dos consumidores e, ao mesmo tempo, é limitada pelo poder de compra da clientela (ILLERIS, 1994).

Sobre a teoria da base econômica, trata-se da idéia de que uma cidade ou região é composta pelos setores que exportam seus produtos para fora do seu território, tendo a indústria como base, atividade motriz, atraindo fluxos monetários e, conseqüentemente, investimentos nos serviços, através dos salários e rendimentos, aumentando a demanda por serviços que se localizarão em função do poder de compra da população. Portanto, não só as atividades produtivas são motrizes, mas os serviços ligados ao turismo e lazer, à cultura, ao consumo, à tecnologia etc., são responsáveis pela dinâmica espacial da rede urbana.

A segunda, a teoria dos lugares centrais, aborda a localização dos lugares centrais distribuidores de bens e serviços, analisando sua localização em relação à demanda das populações em sua hinterlândia, na qual cada objeto espacial retalharia o espaço em hexágonos, formados pelo espaço de recrutamento da sua clientela (área de mercado).

Os hexágonos correspondem às áreas de influências dos lugares centrais, formados por prestadores de serviços e centros varejistas para a população residente em seus arredores, ou seja, constituindo uma área de mercado. Esta área terá uma maior amplitude de acordo com o nível de importância ou procura da atividade demandada. Assim, o consumidor irá consumir os serviços prestados pelos lugares centrais que estejam dentro do hexágono (área de mercado). Dessa forma, as áreas fora dos hexágonos seriam desprezadas por causa do gasto com o transporte, surgindo outros hexágonos, formando, em sua totalidade, uma hierarquia de lugares centrais.

Esta hierarquia está baseada na presença ou ausência, em termos quantitativos e qualitativos, das atividades terciárias no lugar. A base consiste nas atividades banais, as quais possuem uma clientela modesta e podem ser

encontradas em um pequeno território (pequeno comércio, mercearia, padarias, escolas de ensino fundamental, etc.). No topo estariam os serviços raros, demandados por uma clientela sofisticada e de alto poder aquisitivo, encontrados em lugares de grande potencial de atração, são eles: lojas de departamentos e especializadas, hospitais especializados, instituições de ensino superior, consultorias, empresas financeiras etc. Vale ressaltar a existência dos lugares centrais intermediários que são mais importantes que os da base e menos importantes do que os do topo.

A teoria dos lugares centrais sofre críticas por causa dos recentes estudos que comprovam que os consumidores não escolhem seus lugares de consumo apenas em função da proximidade ou do seu afastamento em relação a um lugar central. É importante ressaltar outros fatores que interferem, por exemplo: tempo disponível do consumidor e a intervenção do Estado (urbanismo comercial), através da construção de estradas rápidas e modernas, interligando centros de consumo a grande variedade de bens e serviços com preços acessíveis concentrados num só centro comercial (CASTILHO, 1998). Portanto, a ação do Estado e dos avanços tecnológicos nos meios de comunicação e dos meios de transportes e seu barateamento favoreceram o enfraquecimento da lógica hexagonal de organização espacial. Não que os centros tradicionais estejam desaparecendo, pelo contrário, eles se adaptam e reagem às dinâmicas do mercado.

A teoria dos lugares centrais, apesar das atuais críticas, é utilizada para compreender a influência das cidades e das suas áreas metropolitanas nas hierarquias urbanas regionais e nacionais, analisando o tipo, a qualidade e o poder dos serviços oferecidos.

Os serviços, na escala intra-urbana, possuem localizações específicas configurando o território urbano, através das suas especializações. Com a concentração e expansão dessas atividades nos centros tradicionais das grandes cidades, há uma saturação, acarretando a transferência de serviços para outras áreas, dando origem aos subcentros, eixos comerciais e “Shopping Center”. Este último objeto espacial é característico de áreas periféricas voltadas para o comércio e a prestação de serviços, através da criação de um aglomerado de lojas de empreendedores nacionais e internacionais, concentrando e acumulando o capital. Por terem sido racionalmente planejados, os “Shoppings Centers” oferecem um ambiente climatizado para uma maior comodidade do consumidor, segurança,

estacionamento etc., ao contrário dos centros tradicionais, que foram construídos espontaneamente, ou seja, os serviços não foram fixados em uma superfície racionalmente construída.

Para não perder mercado consumidor para os novos centros de consumo que surgiram nos arredores e áreas periféricas dos centros tradicionais, estes tiveram que se adequar às novas exigências do mercado capitalista contemporâneo, adotando campanhas publicitárias para atrair os consumidores, trabalho de reorganização e revitalização para recuperar seu poder de atração. Neste processo de revitalização está incluída a chegada de atividades de lazer, entretenimento e turismo, provocando uma reintegração à dinâmica do mercado.

A participação do Estado no estímulo e criação de serviços, em especial os sociais, é fundamental, pois através da implantação dos seus aparelhos administrativos e assistenciais, como escolas, policlínicas ou postos de saúde, delegacias, assistência social, dentre outros, provoca uma ampliação dos serviços sociais.

Portanto, diante do exposto, as atividades terciárias estão ganhando uma maior participação na economia, o que exige um olhar mais clínico sobre este setor, assim como, fomentar pesquisas que analisem a dinâmica do setor de serviços nos centros urbanos para uma melhor compreensão do espaço geográfico.

CAPÍTULO 2 METODOLOGIA

O universo da pesquisa em questão foi formado por três coleções de livros didáticos de Geografia mais adotadas na rede pública estadual de ensino, cujos autores estão no mercado editorial há vários anos, com o objetivo de analisar a transposição didática externa, realizada pelos mesmos, do saber científico, neste caso, a Geografia dos Serviços, para a coleção e sua conseqüente adaptação ou deformação para o ensino fundamental (5^a a 8^a séries), através da despersonalização do saber, visto na fundamentação teórica.

Os livros didáticos são objetos de estudo imprescindíveis para a pesquisa, pois os mesmos materializam as orientações dos PCNs, selecionando os conteúdos principais a serem trabalhados no Ensino Fundamental, documento oficial que será analisado pela pesquisa com o objetivo de identificar os temas e itens referentes ao setor terciário da economia. A escolha das coleções aconteceu segundo o critério de mais adotados na rede estadual de ensino, em Recife. Para tal, utilizou-se o acesso a um banco de dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento para Educação (FNDE), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), que disponibiliza a distribuição do PNLD em todo o país e as escolhas realizadas por todas as escolas públicas do país; através deste instrumento foi feito um levantamento nas 127 escolas estaduais existentes no município de Recife que trabalham de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental. A pesquisa após a análise identificou que as coleções mais adotadas são: *Construindo o espaço geográfico*, de Igor Moreira; *Geografia Crítica*, de J. William Vessentini; e *Geografia*, de Melhem Adas.

A utilização desse banco de dados do FNDE contribuiu para a pesquisa, pois há uma gama de informações sobre as escolas estaduais, como: localização, telefone, coleções adotadas da 5^a a 8^a séries, primeira e segunda escolha, tipo de escola (urbana ou rural), etc.

A análise do conteúdo das três coleções em relação à Geografia dos Serviços é fundamental para constatar a hipótese da pesquisa que defende a falta de uma análise aprofundada da Geografia dos Serviços, sua tipologia, a distribuição das atividades terciárias, o mercado de trabalho urbano e o processo de mundialização, apesar do setor ser citado nas obras.

Portanto, para análise do conteúdo sobre as atividades terciárias foi trabalhada a perspectiva qualitativa da abordagem existente nas três coleções didáticas mais adotadas nas escolas públicas estaduais. Para tal, foram elaborados dois conjuntos de categoriais (Manual do Professor e a Geografia dos Serviços; e Aspectos Específicos do Conteúdo de Geografia dos Serviços). Para Bardin (1977), o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens. Desta maneira, através do emprego destes três grupos de categorias, pretende-se realizar a análise sobre a abordagem da Geografia dos Serviços nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental de 5ª (6º ano) a 8ª (9º ano) séries.

Outro instrumento utilizado para complementar o processo de coleta de dados da pesquisa foi a aplicação de questionários diagnósticos com três professores que trabalham na rede estadual e adotam uma das coleções em estudo, com o objetivo de verificar se os mesmos possuíam uma compreensão e entendimento mais amplo com relação à Geografia dos Serviços, sua tipologia e outras questões que serão detalhadas. O critério de escolha foi o da disponibilidade em participar da pesquisa e o de ser professor de oitava série (nono ano) do Ensino Fundamental, pois consiste numa série concluinte do curso. As escolas visitadas foram: o Ginásio Pernambucano, localizado na Rua do Hospício, Nº 371, bairro da Boa Vista; Escola Governador Barbosa e Lima, localizada na Rua Joaquim Nabuco – S/N, Graças; e a Escola Dom Bosco, localizada na Estrada do Arraial, Nº 3208, bairro de Casa Amarela.

Além dos professores, foram aplicados questionários com dez alunos de cada professor, em suas respectivas escolas, que estavam cursando a oitava série, totalizando três professores e trinta alunos. A escolha dos alunos foi a disponibilidade e as visitas aconteceram sem aviso prévio, visando evitar a preparação dos mesmos para a pesquisa, o que poderia prejudicar o resultado. A pesquisa conseguiu aplicar um questionário com o autor Melhem Adas, após uma palestra ministrada em novembro de 2006, o que consiste em um material valioso para a pesquisa (vide anexo).

Em seguida, as próximas seções irão apresentar o desenvolvimento da pesquisa, os instrumentos de análises, coleta e interpretação das informações registradas, em busca de alcançar os objetivos do estudo.

2.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

O universo da análise de conteúdo está demarcado, formando assim o que Bardin (1977) denominou de constituição de um corpus, ou seja, conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. Os PCNs foram analisados para identificar as orientações através de temas e itens para o desenvolvimento do conteúdo. Para a realização das análises qualitativas do tema Geografia dos Serviços nos livros didáticos, foi feita uma leitura direta das três coleções, incluindo o manual do professor, constituindo a pré-análise da pesquisa, na qual foi feita uma leitura do material com o objetivo de conhecer o texto, buscando identificar os livros que abordam o conteúdo específico do estudo.

Baseado no critério eliminatório (adequação e coerência metodológicas) e nos critérios classificatórios adotados pelo MEC na avaliação das coleções de livros didáticos de Geografia no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2005, abordado na fundamentação teórica da presente pesquisa, foram elaboradas as fichas de análise sobre a Geografia dos Serviços aplicadas nas três coleções.

Em seguida, os volumes das coleções que possuíam o conteúdo “Geografia dos Serviços” foram submetidos a uma ficha de análise de conteúdos específicos, com o objetivo de analisar o tratamento dado aos seguintes objetos de aprendizagem do setor terciário da economia: noção de economia, tipologia dos serviços, organização espacial dos serviços, mundialização e o crescimento dos serviços; e o mercado de trabalho urbano, baseado no arcabouço montado pela pesquisa sobre o setor terciário, o qual se apóia na contribuição feita por Castilho (1998) em seu texto “As atividades dos serviços, sua história e o seu papel na organização do espaço urbano: uma nova perspectiva para a análise geográfica?”. As respostas foram categorizadas em: Sim e Não.

A tabulação final das respostas de cada ficha de análise, o que corresponde a uma das coleções em análise, está disposta em gráficos no quinto capítulo, análises e resultados.

2.2 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS

O uso deste instrumento de pesquisa teve como objetivo analisar e averiguar a percepção dos professores sobre a Geografia dos Serviços nos livros didáticos da

disciplina e seu nível de conhecimento sobre o setor terciário da economia. A aplicação dos questionários foi realizada em três grupos de indivíduos: autor, professores diversos, professores específicos e alunos. Em palestra proferida por Melhem Adas, autor da coleção Geografia, foi aplicado o questionário com nove docentes presentes que trabalhavam com Ensino Fundamental. No mesmo momento, o palestrante participou da pesquisa, respondendo ao questionário.

A segunda etapa consistiu na aplicação do questionário com três professores de Geografia de escolas públicas estaduais de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental que adotavam uma das coleções analisadas na pesquisa. O critério de seleção foi a disponibilidade para participar da pesquisa. O próximo capítulo apresentará os resultados e as análises dos instrumentos adotados na presente pesquisa.

CAPÍTULO 3 ANÁLISES E RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e detalhados as análises e os resultados dos instrumentos utilizados na pesquisa descritos na metodologia. Primeiramente, foi analisado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para identificar temas e itens referentes à temática em questão. Em seguida, foram analisadas as coleções mais adotadas na escola pública estadual do município de Recife quanto à abordagem específica da Geografia dos Serviços, no manual do professor e no livro do aluno. Posteriormente, foram analisadas as respostas dos questionários aplicados (autor, professores e alunos).

3.1 A GEOGRAFIA NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) têm como meta redefinir o papel da escola na sociedade brasileira e apontar os objetivos que devem ser perseguidos nos oito anos de Ensino Fundamental, através de debates sobre a função da escola e reflexões sobre o que ensinar, como e para quê ensinar e aprender, norteados as diferentes áreas curriculares e suas diversas disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira. A nova proposta curricular apresenta temas transversais que se mostram relevantes, como: Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Saúde, etc. Em relação à organização do Ensino Fundamental, ele foi dividido em quatro ciclos, cada ciclo compreende duas séries, 1º ciclo (1ª e 2ª séries); 2º ciclo (3ª e 4ª séries), 3º ciclo (5ª e 6ª séries) e 4º ciclo (7ª e 8ª séries).

Nas últimas décadas, a educação brasileira vivenciou grandes transformações; em 1971, com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases, o Ensino Fundamental passou a ter oito anos e houve uma universalização da educação, com a ampliação das vagas para a população brasileira como meio de ascensão social, ou seja, de mobilidade social. No entanto, o aumento das vagas não significou a melhoria da qualidade de ensino, pois não houve uma preparação para as mudanças que iriam acontecer, deixando as escolas sem mão-de-obra qualificada, material didático e falta de recursos. As escolas ficaram sem estrutura para atender a grande quantidade de alunos matriculados, simplificando seu ensino à simples

transmissão de conteúdos, tornando-se o principal responsável pela reprovação dos alunos, abandono dos estudos, múltipla repetência, etc., além de ter contribuído para a desigualdade social.

O Poder Público e a sociedade tinham um grande desafio para ser resolvido, o de reestruturar a escola pública brasileira, apontando medidas para reverter essa situação, melhorando a garantia de acesso, desenvolvendo políticas de valorização dos professores, a formação continuada, garantindo ao professor tempo de leitura e troca de experiências, melhorando as condições físicas da escola, investindo em recursos didáticos e uso de tecnologias da comunicação e da informação (MEC/SEF, 1998). Sendo assim, os PCNs fazem uma análise da situação da escola pública brasileira que não tinha um objetivo claro e bem definido; nos parâmetros há uma preocupação com a reestruturação também da escola, e não só do currículo das diversas disciplinas.

No documento oficial, fica clara a fundamentação não de uma concepção do pensamento geográfico, mas são levadas em consideração a Geografia Tradicional e seu caráter positivista, a Geografia Crítica Marxista e a Geografia Humanista ou da Percepção, esta última focando o trabalho nas dimensões subjetivas do espaço geográfico e a representação que os alunos fazem dele. O espaço geográfico não é mais visto como produto apenas de agentes econômicos; diante desta nova concepção trazida pela fenomenologia, ele recebe a influência dos fatores culturais também.

Os alunos, por sua vez, nos PCNs possuem uma geografia mais próxima do seu cotidiano, da sua realidade, onde ele é o ator na construção do espaço geográfico. Apesar da valorização do local, não foi retirada da análise a escala global; ela ganha uma maior participação para melhor compreender o processo de globalização, pois a análise das escalas é fundamental no estudo geográfico.

Esta nova proposta de referência está calcada em teorias educacionais européias, como o construtivismo, enfatizando a interdisciplinaridade das diversas disciplinas, construindo uma visão da realidade não mais compartimentada. Os temas propostos analisam questões sociais urgentes, como: ética, saúde, orientação sexual, meio ambiente, trabalho e consumo e pluralidade cultural; apontando a necessidade de se trabalhar com esses temas nas escolas brasileiras, além de colocar temas transversais para serem trabalhados com a Geografia e demais disciplinas, promovendo desta forma uma interação entre as diversas disciplinas.

Assim, os eixos temáticos e suas interações interdisciplinares com os temas transversais e demais áreas foram propostos com o objetivo de auxiliar o professor a ensinar uma Geografia em que os alunos possam realizar uma leitura da realidade de forma não fragmentada, para que seus estudos tenham um sentido no seu cotidiano, no qual a vida no lugar possa ser compreendida interagindo com as pluralidades dos lugares, num processo de globalização, fortalecendo o espírito de solidariedade como cidadão do mundo (MEC/SEF, 1998, p. 37).

A Geografia de acordo com esta referência curricular adquiriu um novo papel para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e a atuar na realidade socioambiental de modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global (MEC/SEF, 1998).

Fica claro neste documento a abordagem dada para o desenvolvimento de atitudes, valores, ensino e aprendizagem de habilidades e procedimentos. Esta proposta não era encontrada nos referenciais anteriores, os quais norteavam quais conteúdos deveriam ser abordados pelas disciplinas. Os PCNs buscam acabar com a fragmentação dos conteúdos no ensino fundamental, visando acabar com a noção compartimentada de ensino. Sobre a avaliação, há orientações acerca do que é avaliar, sua importância, critérios, tipos de avaliação, etc.

Os PCNs de Geografia, na sua apresentação, fazem um breve panorama da chegada do pensamento geográfico no Brasil, desde Delgado de Carvalho, passando pela fundação do primeiro curso universitário de Geografia (1934), ressaltando o pensamento positivista que baseava as ciências humanas. Como também, uma discussão dos conceitos chaves da Geografia, como: paisagem, lugar, espaço geográfico e território; pois durante anos não receberam a devida abordagem pela geografia escolar, não sendo abordados em sala de aula, até pela má formação dos professores, resgatando os princípios da ciência e a definição dos objetivos gerais da área.

O lugar e a região eram sempre vistos como dimensões objetivas resultantes das interações entre o homem e a natureza. Atualmente, a categoria de lugar, assim como a de paisagem estão sendo recuperadas pela nova Geografia, em uma nova dimensão. O lugar deixou de ser simplesmente o espaço em que ocorrem interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a materialidade dos lugares, e com as quais também interagem (MEC/SEF, 1998, p. 19).

Os parâmetros apontam para uma compreensão mais ampla dos conceitos-chaves da Geografia, permitindo uma melhor interpretação do espaço geográfico. Consta no documento oficial uma reflexão sobre a Geografia Positivista, Geografia Marxista e suas contribuições para a Ciência e a disciplina escolar, até chegar na necessidade de trabalhar com a subjetividade que os indivíduos atribuem aos diversos lugares vividos, através da busca de uma Geografia centrada na intersecção com outras ciências, que busca ir além da análise política e econômica do espaço, mas visando também analisar as relações socioculturais da paisagem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte.

Sendo assim, os conteúdos encontrados nos PCNs de Geografia seguem uma tendência conceitual. Ainda é apresentada uma análise dos problemas vinculados à disciplina que ao longo das últimas décadas não foram solucionados, tais como: a separação entre a ciência geográfica e a Geografia escolar, abandono de conteúdos fundamentais da Geografia (conceitos-chave da ciência), modismos que não levam os alunos a uma compreensão da questão, chamadas de aprendizagens de slogans, ou seja, uso de conteúdos mais atuais que buscam sensibilizar o aluno sem se preocupar com suas razões e conseqüências; maior preocupação com os conteúdos conceituais do que os atitudinais e procedimentais, separação entre a Geografia Física e Humana, não permitindo uma visão socioambiental; a memorização de conceitos toma o lugar principal das atividades, noção de escala temporal não é clara e a perda da compreensão do conhecimento geográfico pelos alunos preocupados na memorização de nomes de capitais, rios, cidades, países etc.

Na caracterização da Geografia do ensino fundamental é apresentado o objetivo da disciplina perante às modificações que aconteceram na década de 90, criando uma nova roupagem para a Geografia escolar, voltada para as relações da formação do espaço geográfico e o funcionamento da natureza, através da leitura da paisagem. O caráter relacional fica bastante evidente quando se trabalha com as diferentes noções espaciais e temporais, além dos fenômenos sociais, culturais e naturais característicos da paisagem, assim identificando as heranças das sucessivas relações temporais entre a sociedade e a natureza.

Diante desse novo objetivo proposto, os PCNs apresentam uma busca para acabar com a dicotomia entre a Geografia Física e Geografia Humana, as diferentes

escalas são trabalhadas segundo esta nova proposta (local, regional e global), levando em consideração as relações humanas estabelecidas no espaço geográfico, uma melhor compreensão da dinâmica do espaço, não através de um olhar de compartimentação, mas perante uma visão da relação de todos os agentes que interferem na construção do espaço geográfico, tendo a interferência de fatores naturais, sociais, econômicos e políticos.

Nas propostas anteriores, não eram encontradas análises sobre os conceitos chave da Geografia, apresentando suas diferenças conceituais o que auxilia os professores em sua melhor compreensão. Nos PCNs de Geografia, o objeto central de estudo no ensino fundamental é o espaço e os demais são seus desdobramentos, como: território, lugar e paisagem.

Com relação ao território, este é abordado desde sua origem, passando por Ratzel em sua concepção de território atrelado ao poder, ou seja, quando o espaço é dominado pelo Estado ou por indivíduos. Por outro lado, Comte analisa o território em seus estudos sobre a sociedade. O território é fruto de um trabalho social, mas, além disso, a Geografia deve compreender a complexidade da convivência, nem sempre harmônica, em um mesmo espaço, da diversidade de tendências, idéias, crenças, sistemas de pensamento e tradições de diferentes povos e etnias. É reconhecer que, apesar de uma convivência comum, múltiplas identidades coexistem e por vezes se influenciam reciprocamente (MEC, 1998). Esta tendência conceitual é proposta aos professores de Geografia do Ensino Fundamental para uma melhor compreensão dos conceitos da ciência. Também é apresentada a diferença entre território e territorialidade.

A paisagem é discutida nos parâmetros, pois ela é indissociável do território, sendo a sua parte visível. Sua interpretação revela ao estudante fatores distintos que juntos constroem o espaço. O tempo entra nessa análise, pois a paisagem é um mosaico de tempos diferentes. Ainda atrelado à paisagem temos a categoria lugar, esta dando identidade ao território e sua paisagem. Portanto, o indivíduo estabelece com o território em que vive valores afetivos.

Desta forma, os Parâmetros e a Geografia apresentam as novas tendências do pensamento geográfico e as mudanças propostas pelo Ministério da Educação e Cultura para o desenvolvimento de uma disciplina que permita uma melhor compreensão do mundo em que o aluno vive, sendo ele um agente de modificação da paisagem.

O estudo de Geografia possibilita aos alunos a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm conseqüências (tanto para si como para a sociedade). Permite também que adquiram conhecimentos para compreender as atuais redefinições do conceito de nação no mundo em que vivem e perceber a relevância de uma atitude de solidariedade e de comprometimento com o destino das futuras gerações (MEC/SEF, 1998, p. 29).

A pesquisa analisa o Ensino Fundamental de 5ª à 8ª séries. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, são nestas séries que os alunos possuem um nível cognitivo para questões mais subjetivas. Na quinta e sexta séries, a Geografia busca desenvolver a percepção de que a sociedade e a natureza possuem leis próprias e que o espaço geográfico é fruto desta interação ao longo do tempo. Observar que as diferentes paisagens revelam diferentes manifestações da natureza e seu uso através da ação humana; desenvolver a capacidade de observação e descrição da paisagem, são alguns dos objetivos propostos pelos PCNs.

No que se refere a 7ª e 8ª séries, os conteúdos mais complexos do espaço geográfico são abordados nesta fase, como: a questão da globalização do capitalismo, formação territorial das regiões, o subdesenvolvimento e o desenvolvimento econômico, a relação entre países pobres e ricos. As questões sobre a organização da economia e funcionamento do sistema capitalista são estudadas nestas séries. É uma fase de maior politização, de autonomia em suas opiniões, contestando professores e pais, ganhando criticidade e reflexividade.

Portanto, os PCNs possuem uma organização em eixos temáticos, temas e itens com o objetivo de contribuir com o professor na organização do seu curso, através de possibilidades norteadoras do seu trabalho, deixando claro ao profissional que cabe a ele montar seu programa de curso, levando em consideração as particularidades da região, ou seja, não são conteúdos fechados. Para o terceiro ciclo são propostos os seguintes eixos, conforme mostra o quadro 1:

Quadro 1 – Eixos Temáticos do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental

CICLO	Terceiro Ciclo (5 ^a série/6 ^o ano e 6 ^a série/ 7 ^o ano)			
EIXO	EIXO 1: A GEOGRAFIA COMO UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA E COMPREENSÃO DO MUNDO	EIXO 2: O ESTUDO DA NATUREZA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O HOMEM	EIXO 3: O CAMPO E A CIDADE COMO FORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS	EIXO 4: A CARTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO NA APROXIMAÇÃO DOS LUGARES E DO MUNDO

Org.: CRUZ, Igor (2007).

Para o quarto ciclo, os eixos temáticos estão no quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Eixos Temáticos do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental

CICLO	Quarto Ciclo (7 ^a série/8 ^o ano e 8 ^a série/9 ^o ano)		
EIXO	EIXO 1: A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS E AS NOVAS TERRITORIALIDADES EM REDES	EIXO 2: UM SÓ MUNDO E MUITOS CENÁRIOS GEOGRÁFICOS.	EIXO 3: MODERNIZAÇÃO, MODO DE VIDA E PROBLEMÁTICA AMBIENTAL.

Org.: CRUZ, Igor (2007).

A análise do documento oficial, como mostram os quadros 1 e 2 sobre os eixos temáticos do terceiro ciclo e do quarto ciclo respectivamente, permite afirmar que a Geografia dos Serviços pode e deve ser desenvolvida segundo as temáticas propostas. Ao destrinchar cada temática apresentada podem-se identificar inúmeros temas e itens que dão abertura para se trabalhar com maior profundidade a Geografia dos Serviços, conforme mostram os quadros 1.1, 1.2, 1.3, 1.4 que tratam dos temas e itens do terceiro ciclo. As tabelas 2.1, 2.2 e 2.3 abordam os temas e itens do quarto ciclo.

Quadro 1.1 – Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 1

CICLO	Terceiro Ciclo (5 ^a série/6 ^o ano e 6 ^a série/ 7 ^o ano)	
	TEMAS	ITENS
		<i>O trabalho e a apropriação da natureza na construção do território.</i>
		<i>As mudanças nas relações sociais do trabalho e a separação entre o campo e a cidade.</i>

LEITURA E COMPREENSÃO DO MUNDO		As diferentes técnicas e costumes e a diversidade de paisagens entre o campo e a cidade.
		O ambiente natural e as diferentes formas de construção das moradias no mundo: do iglu às tendas dos desertos.
		O ambiente natural e a diversidade das paisagens agrárias no mundo: da coleta nas florestas à irrigação nas áreas semi-áridas e desérticas.
		Os ritmos da natureza no processo de produção das condições materiais e da organização social de vida no campo e na cidade.
		O ritmo de trabalho: aceleração e desaceleração na produção do campo e da cidade.
	A conquista do lugar como conquista da cidadania	O lugar como experiência vivida dos homens com o território e paisagens.
		O imaginário e as representações da vida cotidiana: o significado das coisas e dos lugares unindo e separando pessoas.
		O lugar como espaço vivido mediato e imediato dos homens na interação com o mundo.
		O mundo como uma pluralidade de lugares interagindo entre si.
		A cidadania como a consciência de pertencer e interagir e sentir se integrado com pessoas e os lugares.
		O drama do imigrante na ruptura com o lugar de origem tanto do campo como da cidade.
		A segregação socioeconômica e cultural como fator de exclusão social e estímulo à criminalidade nas cidades.

Org.: CRUZ, Igor (2007).

Como mostra o quadro 1.1 sobre o eixo 1: a Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo, o qual possui dois temas norteadores, é possível identificar quatro itens que permitem o desenvolvimento do conteúdo em análise, destacados na tabela na cor vermelha e em negrito. O quadro 1.2 permite identificar outros itens presentes nos PCNs que abrangem a Geografia dos Serviços.

Quadro 1.2 - Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 2

CICLO	Terceiro Ciclo (5 ^a série/6º ano e 6 ^a série/ 7º ano)	
EIXO 2: O ESTUDO DA NATUREZA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O HOMEM	TEMAS	ITENS
	Os fenômenos naturais, sua regularidade e possibilidade de previsão pelo homem.	Planeta Terra: a nave em que viajamos.
		Como o relevo se forma: os diferentes tipos de relevo.
		Litosfera e movimentos tectônicos: existem terremotos no Brasil?
		As formas de relevo, os solos e sua ocupação: urbana e rural.
		Erosão e desertificação: morte dos solos.
		As águas e o clima.
		Águas e terras no Brasil.
		Circulação atmosférica e estações do ano.

		Clima do Brasil: como os diferentes tipos de clima afetam as diferentes regiões.
		O clima no cotidiano das pessoas.
		As cidades e as alterações climáticas.
		As florestas e sua interação com o clima.
		Previsão do tempo e clima.
		Como conhecer a vegetação brasileira: a megadiversidade do mundo tropical.
		Cerrados e interações com os solos e o relevo.
		Estudando e compreendendo as caatingas.
		Saindo do mundo tropical para entender o pampa.
		Pinheiros do Brasil: as florestas de araucária.
	A natureza e as questões socioambientais	Urbanização e degradação ambiental.
		A floresta tropical vai acabar?
		As reservas extrativistas e o desenvolvimento sustentável.
		O lixo nas cidades: do consumismo à poluição.
		Poluição ambiental e modo de vida urbano.
		Poluição ambiental e modo de produzir no campo.
		Industrialização, degradação do ambiente e modo de vida.
		Problemas ambientais que atingem todo o planeta (o efeito estufa, a destruição da camada de ozônio e a chuva ácida).
		Plantar sem degradar: outras formas de produzir no campo.
		Modo de vida urbano e qualidade de vida.
		Áreas protegidas e espaços livres urbanos.
		O turismo e a degradação do ambiente.
		Conservação ambiental, cidadania e pluralidade cultural.
		Conservação ambiental, cidadania e pluralidade cultural.
		Conhecer a natureza e respeitar suas leis próprias: produzir sem degradar.
		Pluralidade cultural e etnociência.

Org.: CRUZ, Igor (2007).

O quadro 1.2 mostra os temas e itens do segundo eixo do terceiro ciclo, nele as orientações abrangem mais a Geografia dos Serviços, principalmente no tema “A natureza e as questões socioambientais”; é possível identificar o item “O turismo e a degradação do ambiente”, atividade terciária que possui um ritmo de crescimento acelerado, gerando inúmeras oportunidades na prestação de serviços, cuja análise deve ir além da simples citação, mas dando uma análise mais aprofundada do setor. Outro aspecto importante é a atenção dada ao impacto ambiental provocado pela

atividade turística. O quadro 1.3 expõe os itens sugeridos para o eixo 3: o campo e a cidade como formações socioespaciais.

Quadro 1.3 - Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 3

CICLO	Terceiro Ciclo (5 ^a série/6 ^o ano e 6 ^a série/ 7 ^o ano)	
EIXO 3: O CAMPO E A CIDADE COMO FORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS	TEMAS	ITENS
	O espaço como acumulação de tempos desiguais	Os monumentos, os museus como referência histórica na leitura e compreensão das transformações do espaço.
		A diversidade dos conjuntos arquitetônicos urbanos de monumentos históricos diferentes e os traçados das vias públicas como referências de compreensão de evolução das formas e estruturas urbanas.
		As cidades históricas barrocas brasileiras: paisagens preservadas e importância para a indústria do turismo.
		Antiquários e feiras de artesanato: o consumo do tempo como mercadoria.
		As feiras livres como sobrevivência do passado na moderna urbanização;
		As festas e as tradições do folclore brasileiro como resistências e permanências dos traços de nossas identidades regionais.
		Os engenhos e as usinas de açúcar no Nordeste: sobrevivência e superação de um momento histórico.
		O latifúndio e o trabalho tradicional como sobrevivências do passado nos tempos atuais.
		O arado e o trator nas paisagens agrárias brasileiras.
		A pequena propriedade de subsistência, as relações de parceria no campo e sua coexistência com a monocultura empresarial.
		As relações de trabalho cooperativo e o extrativismo como forma de permanência e resistência às relações competitivas do trabalho assalariado.
	A modernização capitalista e a redefinição nas relações entre o campo e a cidade	A entrada das multinacionais no campo e seu papel nas exportações brasileiras;
		Os problemas enfrentados atualmente pelos pequenos e médios produtores do campo;
		O abastecimento das cidades e o papel do pequeno e médio produtor do campo.
		A mecanização, a automação e a concentração de propriedade e o problema dos sem-terra.
		Os sem-teto nas metrópoles e suas relações com processo de modernização capitalista.
		As metrópoles como centro de gestão das inovações tecnológicas e gestão do capital e suas repercussões no campo.
		Modernização e desemprego no campo e na cidade.
	O papel do Estado e das classes sociais e a	A importância da reforma agrária como solução para os grandes problemas sociais do campo e da cidade no Brasil.
		A transição da hegemonia das oligarquias agrárias para a burguesia industrial-financeira na organização política do Estado brasileiro.

	sociedade urbano-industrial brasileira	O deslocamento do pólo do poder econômico da região Nordeste para o Sudeste brasileiro.
		O crescimento do proletariado no campo e na cidade e sua presença na organização política do Estado brasileiro.
		O milagre brasileiro e a posição do Brasil no conjunto das relações políticas internacionais;
		As políticas neoliberais, o Estado brasileiro e as atuais perspectivas de desenvolvimento para a sociedade brasileira.
	A cultura e o consumo: uma nova interação entre o campo e a cidade	Os hábitos de consumo das pessoas do campo antes e após o surto de industrialização dos anos 50.
		A influência das formas de viver na cidade e no campo e a expansão dos meios de comunicação e dos transportes.
		A sociabilidade entre as pessoas e os grupos sociais no campo e na cidade.
		A mídia, o imaginário social e os movimentos migratórios do campo para a cidade.
		As relações de troca monetária do homem no campo e as possibilidades de sua inserção no mundo urbano.

Org.: CRUZ, Igor (2007).

No que se refere ao terceiro eixo, exposto no quadro 1.3, ele aborda a formação da cidade e do campo, utilizando a categoria socioespacial, muito importante para compreender que o espaço geográfico urbano e agrário são produtos de um processo histórico de mudanças imprimidas ao longo da história. Nos itens norteadores, é possível destacar quatro que permitem desenvolver a temática da Geografia dos Serviços, são eles: *As cidades históricas barrocas brasileiras: paisagens preservadas e importância para a indústria do turismo*; *As metrópoles como centro de gestão das inovações tecnológicas e gestão do capital e suas repercussões no campo*; *Modernização e desemprego no campo e na cidade*; *A influência das formas de viver na cidade e no campo e a expansão dos meios de comunicação e dos transportes*.

Quadro 1.4 - Temas e Itens do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 4

CICLO	Terceiro Ciclo (5 ^a série/6º ano e 6 ^a série/ 7º ano)	
EIXO 4: A CARTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO NA APROXIMAÇÃO DOS LUGARES E DO MUNDO	TEMAS	ITENS
	Da alfabetização cartográfica à leitura crítica e mapeamento consciente	Os conceitos de escala e suas diferenciações e importância para as análises espaciais nos estudos de Geografia.
		Os pontos cardeais, utilidades práticas e referenciais nos mapas.
		Orientação e medição cartográfica.
		Coordenadas geográficas.
		Uso de cartas para orientar trajetos no cotidiano.
		Localização e representação em mapas, maquetes e croquis.
		Localização e representação das posições na sala de aula, em casa, no bairro e na cidade.
		Leitura, criação e organização de legendas.
		Análise de mapas temáticos das cidades, dos estados e do Brasil.
		Estudo com base em plantas e cartas temáticas simples.
		A utilização de diferentes tipos de mapas: mapas de itinerário, turísticos, climáticos, relevo, vegetação etc.
		Confecção pelos alunos de croquis cartográficos elementares para analisar informações e estabelecer correlação entre fatos.
	Os mapas como possibilidade	Os pontos cardeais e sua importância como sistema de referência nos estudos da paisagem, lugares e territórios.

	de compreensão e estudos comparativos das diferentes paisagens e lugares	A cartografia e os sistemas de orientação espacial.
		Cartas de relevo de diferentes paisagens e medidas cartográficas (altitude e distância).
		Análises de cartas temáticas (densidade populacional, relevo, vegetação etc.).
		Estudo das cartas das formas de relevo e de utilização do solo.
		Estudo das cartas de tipos de clima, massas de ar, formações vegetais, distribuição populacional, centros industriais, urbanos e outros.
		Mapear e desenhar croqui correlacionando cartas simples.
		Leitura de cartas sintéticas.
		Leitura e mapeamento de cartas regionais com os símbolos precisos.
		Elaboração de croquis com legendas fornecidas pelo professor.
		Análise de cartas temáticas que apresentam vários fenômenos.
		Identificar, compilar e produzir mapas intermediários dos elementos fundamentais a partir de uma carta complexa.

Os itens destacados no Quadro 1.4 sobre o eixo 4 do terceiro ciclo, chamado “Cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo” apresenta itens que permitem o desenvolvimento do conteúdo Geografia dos Serviços utilizando a construção de mapas, maquetes e croquis das atividades terciárias em uma determinada localidade; análise de cartas que possuam a distribuição espacial das atividades econômicas no espaço geográfico. Pode-se observar que é possível, partindo dos itens propostos, aprofundar a temática em análise para uma melhor abordagem da mesma neste ciclo.

Para o quarto ciclo do ensino fundamental, os PCNs sugerem uma abordagem com conceitos mais complexos do espaço geográfico, pois nesta fase o estudante terá condições cognitivas de compreender relações mais amplas entre o local e o global, entre a sociedade e suas interações com o ambiente natural, dando ênfase à apropriação e à transformação do território, o modo de produzir e pensar o mundo para nele interferir, entre outras questões.

Neste ciclo, a evolução das tecnologias e a evolução das novas territorialidades em rede (eixo 1), um só mundo e muitos cenários geográficos (eixo 2) e modernização, modos de vida e a problemática ambiental (eixo 3), formam os eixos sugeridos para este nível do ensino fundamental, subdividindo-se em temas e itens, seguindo o mesmo padrão do terceiro ciclo, vide os quadros 1.5, 1.6 e 1.7:

Quadro 2.1 - Temas e Itens do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 1

CICLO	Quarto Ciclo (7ª série/8º ano e 8ª série/ 9º ano)	
EIXO 1: A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS E AS NOVAS TERRITORIALIDADES	TEMAS	ITENS
		A evolução das técnicas no transporte ferroviário e a integração dos mercados;

TERRITORIALIDADES EM REDES	A velocidade e a eficiência dos transportes e da comunicação como novo paradigma da globalização	A evolução das técnicas na navegação e a integração dos mercados;
		As tecnologias computacionais e os avanços na navegação aérea;
		As tecnologias computacionais e a expansão das multinacionais;
		As políticas de transportes metropolitanos: os transportes coletivos, o metrô e o automóvel;
		A Internet, a comunicação instantânea e simultânea e a aproximação dos lugares.
	A globalização e as novas hierarquias urbanas	Os pólos técnico-científicos informacionais e os novos centros de decisões;
		A nova divisão internacional do trabalho e as redes de cidades mundiais;
		A urbanização no período técnico-científico informacional, a automação e o problema do desemprego;
		As novas tecnologias e as transformações das cidades industriais em terciárias.

O eixo 1, exposto no quadro 1.5, aborda o avanço das tecnologias e do modo de produção e a evolução das novas territorialidades em rede, tratando do atual estágio do sistema capitalista que alcança um alto grau de conectividade, graças ao desenvolvimento dos transportes e das telecomunicações. O primeiro sub-tema proposto é intitulado “A velocidade e a eficiência dos transportes e da comunicação como novo paradigma da globalização”, trata dos avanços feitos pela ciência nos setores de transportes e telecomunicações, permitindo a construção de uma sociedade em rede, diminuindo as barreiras culturais entre os diferentes povos e aproximando os mercados consumidores, permitindo uma maior circulação de mercadorias, serviços, pessoas e capitais.

As escalas trabalhadas vão desde a macroescala à microescala, pois os alunos compreenderão as integrações inter-regionais e continentais, procurando as reduções no tempo e espaço das distâncias, aproximando estas localidades (MEC, 1998, p. 102). Para tal, são propostos os seguintes itens: a evolução das técnicas do transporte ferroviário e a integração dos mercados; a evolução das técnicas no transporte ferroviário e a integração dos mercados; a evolução das técnicas na navegação e a integração dos mercados; as tecnologias computacionais e os avanços na navegação aérea; as tecnologias computacionais e a expansão das multinacionais; as políticas de transportes metropolitanos: os transportes coletivos, o metrô e o automóvel; a Internet, a comunicação instantânea e simultânea e a aproximação dos lugares. Tais itens permitem o desenvolvimento de uma abordagem mais aprofundada da Geografia dos Serviços.

Através da análise do primeiro tema é demonstrada uma preocupação com a compreensão do capitalismo global em sua atual fase, permitindo uma melhor

interpretação por parte dos alunos, através da análise da participação dos transportes e da evolução da tecnologia modificando o espaço geográfico mundial, o que exigirá do aluno novas habilidades e comportamentos diante de um estreitamento na relação de culturas diferentes, da economia e da política; pois o espaço para ser compreendido deve ser analisado em sua escala local, regional e mundial. Sendo assim, a visão estabelecida é de quebrar com a fragmentação dos saberes escolares, permitindo a eliminação com a visão compartimentada do conhecimento.

Nos itens correspondentes ao primeiro tema do eixo 1, vide quadro 1.5, há sugestões de itens que abordam os serviços de comunicações e de transportes, fazendo uma análise evolutiva do surgimento de um espaço geográfico mundial, ou seja, itens que contemplam a temática em análise nesta pesquisa.

O estudo dos transportes e de suas modalidades garantirá também estudos geográficos importantes sobre as interações entre a Geografia Física e a implantação das infra-estruturas dos portos marítimos, das barragens fluviais e navegabilidade dos rios, aeroportos e estações ferroviárias com todo o seu sistema. O aluno, a partir de sua compreensão sobre a evolução dos deslocamentos físicos das pessoas e mercadorias, poderá também compreender como a tecnologia dos meios de informação acabaram redefinindo a comunicação entre as pessoas e os lugares (MEC/SEF, 1998, p. 102).

No segundo tema, “A globalização e as novas hierarquias urbanas”, conforme quadro 1.5, os PCNs desenvolvem o conceito de globalização para além da simples análise da origem da palavra, mas compreender a formação deste cenário global. A atividade terciária é analisada nos parâmetros curriculares e conduz a um aprofundamento do tema, apenas o aumento da participação das atividades terciárias na economia global, na qual cidades industriais passam a se tornar terciárias. Em seguida, são expostos os itens para se trabalhar o segundo tema; são eles: os pólos técnico-científicos informacionais e os novos centros de decisões, a nova divisão internacional do trabalho e as redes de cidades mundiais, a urbanização no período técnico-científico informacional, a automação e o problema do desemprego, orientações que permitem o desenvolvimento do setor terciário e seu aprofundamento, pois abrange os serviços de comando, a desindustrialização e avanço das atividades terciárias, crescimento dos serviços informais, etc.

Quadro 2.2 - Temas e Itens do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 2

CICLO	Quarto Ciclo (7ª série/8º ano e 8ª série/ 9º ano)	
	TEMAS	ITENS
EIXO 2: UM SÓ MUNDO E MUITOS CENÁRIOS GEOGRÁFICOS	Estado, povos e nações redesenhando suas fronteiras	mobilização das fronteiras e conflitos internacionais;
		os espaços das minorias nacionais, étnicas e culturais;
		as mudanças atuais nas relações políticas internacionais e a atual ordem mundial: a busca de novas hegemonias;
		o mercado desenhando novas fronteiras: a formação dos blocos econômicos regionais;
		mapeamento dos conflitos contemporâneos no mundo;
		os países da África e América Latina no contexto da nova ordem mundial;
		as organizações políticas internacionais e os novos conceitos de soberania;
		indicadores econômicos e sociais da riqueza e do bem-estar e do desenvolvimento humano;
		pobreza e exclusão social nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos;
		novas localizações para as atividades empresariais nas regiões: flexibilização nas escolhas e competição entre os lugares;
		mudanças nas relações de troca no mercado mundial e os novos países industrializados.
	Uma região em construção: o Mercosul	identidade histórica da colonização ibero-americana e a dependência econômica dos seus países com a Europa;
		os interesses econômicos da política dos Estados na construção do Mercosul e o papel das multinacionais;
		a expansão do turismo entre os países do Mercosul;
		a questão da integração dos espaços periféricos no interior dessa região: a exemplo da Patagônia, Chaco, Nordeste, Amazônia;
		a questão da integração latino-americana com o Mercosul;
		a integração territorial e os transportes: estágios e perspectivas;
		patrimônio cultural como fator de integração latino-americana;
	Paisagens e diversidade territorial no Brasil	a questão indígena no Mercosul;
		a questão ambiental no Mercosul.
		formas de produção e relações de trabalho no desenvolvimento desigual do território brasileiro;
		pluralidade cultural e paisagens brasileiras: a exemplo da cana-de-açúcar, da mineração do ouro, dos quilombos, áreas indígenas, vilas caiçaras etc.;
		as expressões culturais de origem européia, africana, indígena, asiática e outras nas paisagens brasileiras;
		condicionantes naturais na modelagem das paisagens brasileiras: os processos interativos e a fisionomia das paisagens;
		mobilidade da população e reprodução das desigualdades socioespaciais nas cidades e no campo.

Org.: CRUZ (2007)

O segundo eixo, intitulado de “Um só mundo e muitos cenários geográficos”, exposto no quadro 1.6, aborda o estudo sobre as diferenças regionais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, tornando-se mais visível após a Segunda Grande Guerra (1945), quando surgiram dois pólos de poder, um liderado pelos EUA, representando o Capitalismo, e o outro, liderado pela URSS, representando o Socialismo. Este período ficou conhecido como Guerra Fria. Durante esta fase, que durou até a queda da URSS, em 1991, o mundo viveu momentos de tensão, pois estas duas nações competiam em busca de expandir seus modelos de sistemas

econômicos, chegando à beira de uma guerra nuclear, com a crise dos mísseis (1963).

As desigualdades durante esta fase ficaram encobertas sob a névoa de tensão que pairava no cenário mundial, e, desta forma, também a atenção às desigualdades entre as nações, revelando a relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Só em 1991, com o fim da URSS, este período se encerra. Surgiu então, uma nova ordem mundial, composta por novos pólos de poder, como: Mercado Comum Europeu, Japão e Tigres Asiáticos, o que não acaba com as desigualdades socioeconômicas entre as nações.

Atualmente, ao que se convencionou chamar da era da globalização, economia ou sistema mundo, quando o capital adquire, no seu processo de acumulação, novas feições, em grande parte dos países que até então eram chamados de desenvolvidos, movendo-se para as mais diferentes regiões do mundo, inclusive para os subdesenvolvidos, criou-se a ilusão de que a divisão do mundo em dois grandes blocos: desenvolvidos x subdesenvolvidos; vem desaparecendo. Porém, é muito temerário apostar nesse desaparecimento. Isso significa dizer que ainda é válido continuar trabalhando com essa divisão regional do mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos (MEC/SEF, 1998, p. 105).

A Geografia Escolar não deve apenas enfatizar as questões referentes aos diferentes grupos de países e suas relações, mas conduzir o aluno a compreender as relações de dominação política, econômica e tecnológica entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Nesta faixa etária da aprendizagem, os alunos trabalham com a política e observam que muitos conflitos ocorrem por questões étnicas, territoriais, de poder ou de classes. A questão do Estado, da Nação e dos conflitos fronteiriços deve permanecer dentro da abordagem geográfica, focando o território.

Neste eixo, o Mercosul ganha destaque como uma possível saída contra a dominação dos países desenvolvidos sob as nações mais pobres. O tema visa tratar da construção do bloco, analisando sua construção e a integração entre os atuais países-membros (Brasil, Argentina, Venezuela, Paraguai e Uruguai). Dentro deste tema há itens, como: a expansão do turismo entre os países do Mercosul e a integração territorial e os transportes: estágios e perspectivas, duas sugestões oferecidas pelos PCNs que permitem abordar os serviços turísticos e seu crescimento entre os países-membros; e o avanço dos transportes integrando o

bloco, o que demonstra o avanço das atividades terciárias no contexto sul-americano.

Por fim, o terceiro eixo do quarto ciclo do Ensino Fundamental, intitulado de a modernização, modos de vida e a problemática ambiental, subdividido em cinco temas, conforme exposto no Quadro 1.7:

1. O processo técnico-econômico, a política e os problemas socioambientais;
2. Alimentar o mundo: os dilemas socioambientais para a segurança alimentar;
3. Ambiente urbano, indústria e modo de vida;
4. O Brasil diante das questões ambientais;
5. Ambientalismo: pensar e agir.

Quadro 2.3 - Temas e Itens do Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: eixo 3

CICLO	Quarto Ciclo (7ª série/8º ano e 8ª série/ 9º ano)	
EIXO 3: MODERNIZAÇÃO, MODOS DE VIDA E A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL	TEMAS	ITENS
	O processo técnico-econômico, a política e os problemas socioambientais	progressos técnico-científicos mediando as relações sociedade/ natureza;
		as revoluções técnico-científicas, o consumo de energia e outros recursos naturais e seus impactos no ambiente;
		as indústrias, os transportes e o ambiente nos tempos da máquina a vapor;
		os motores a explosão, a intensificação da revolução tecnológica, o uso dos recursos naturais e a degradação ambiental;
		recursos naturais . esgotabilidade e reversibilidade: usar e recuperar.
	Alimentar o mundo: os dilemas socioambientais para a segurança alimentar	revolução verde: o que foi e o que representa para o ambiente;
		poluição no campo com uso de agrotóxicos;
		conservação e degradação dos solos (erosão, perda de fertilidade, desertificação, salinização, irrigação);
		sistemas agrícolas (agricultura comercial, monocultura, policultura, agricultura ecológica, agriculturas alternativas, biotecnologia);
		biodiversidade e agricultura;
		extrativismo e as florestas tropicais;
		agricultura tecnificada, insumos agrícolas e poluição das águas de superfície;
		insumos agrícolas e destruição da fauna;
		movimentos sociais no campo e a questão ambiental;
		sistemas agroflorestais;
		sistemas agrossilvopastoris;
		florestas plantadas (fontes de madeira, celulose e papel) e a sustentabilidade ambiental;
		recuperação de florestas e a captura de monóxido de carbono.
	Ambiente urbano, indústria e modo de vida	industrialização e mecanização da agricultura e concentração populacional nas cidades;
		modo de vida urbano: consumo, lazer e hábitos urbanos;
		as cidades como centro de consumo de energia;
		ritmo urbano: a poluição e qualidade de vida;
		moradia urbana: habitações e conforto urbano;
		ambiente urbano: água para todos;
		o que é e para onde vai o lixo urbano: tratamento e destino do lixo;

		a poluição do ar e o clima urbano; as doenças do ambiente urbano; o ambiente no trabalho: saúde e geografia médica no trabalho; espaços livres e paisagens urbanas: áreas verdes nas cidades; políticas públicas urbanas (planos diretores, infra-estrutura e a cidade apartada); ocupação de áreas de risco: alagadiços, encostas etc.; poluição ambiental urbana e industrial; saneamento básico: água e esgoto e qualidade ambiental urbana; impacto de impermeabilização do solo nas cidades e os efeitos na drenagem; ilhas térmicas no ambiente urbano; as fontes de energia limpa; as fontes de matérias-primas que constroem a cidade: as argilas, cimento, madeira, rochas, areia entre outros; a cidade e o automóvel: combustíveis e questão ambiental; reciclagem dos resíduos industriais, hospitalares e domésticos; indústria petroquímica e ambiente urbano (os casos: Cubatão, Camaçari, Triunfo e Duque de Caxias).
	O Brasil diante das questões ambientais	desmatamentos e queimadas como práticas econômicas; garimpo: prática perversa de economia periférica: trabalhadores excluídos e degradação ambiental; mineração: apropriação dos recursos ambientais e degradação da natureza; modelos alternativos de utilização das florestas tropicais; modo de vida e conservação ambiental; sistema de áreas protegidas; planejamento ambiental e políticas públicas (Planafloro, Gerenciamento Costeiro, Plano de Conservação do Pantanal, Programa de Proteção de Florestas . PPG7, Zoneamento Ecológico-Econômico); impactos das grandes barragens e açudes; conservação x preservação e conflitos socioambientais; conservação e cidadania; indústria do turismo e degradação ambiental; ecoturismo; urbanização e questão ambiental; pluralidade cultural e conservação da natureza; degradação do cerrado x monocultura e pecuária extensiva melhorada; os grandes domínios de vegetação e os diferentes usos; reflorestamento e conservação da mata de araucária; a homogeneização florestal com silvicultura no Sul e Sudeste do Brasil; práticas agrícolas e fronteiras agropecuárias na Amazônia; desmatamento e exploração do carvão vegetal nas caatingas e cerrados; legislação ambiental brasileira.
	Ambientalismo: pensar e agir	Agenda 21: relações nacionais e internacionais na questão ambiental (PPG7-Convenção da Biodiversidade, Convenção do Desenvolvimento Sustentável, Convenção de Kyoto etc.); políticas e estratégias internacionais para o desenvolvimento sustentável (de Estocolmo a Rio); movimento ambientalista e pluralidade de idéias; movimento ambientalista e movimento de luta pela terra; pluralidade cultural brasileira e ambientalismo.

Org.: CRUZ (2007).

Os temas permitem ao professor uma abordagem sobre o avanço do modo de produção, relacionando-o com as alterações provocadas no meio ambiente, o que acarretou o surgimento de fenômenos degradantes dos recursos naturais, e o

crescimento do ambiente urbano através do processo de urbanização associado ao de industrialização, concentrando a maior parcela da população mundial nas cidades.

Sobre o processo técnico-econômico e a indústria, aqui o professor pode fazer uma evolução das técnicas de produção e o aumento da produtividade nas indústrias, conseqüentemente provocando a substituição da mão-de-obra humana por máquinas e o deslocamento desta força de trabalho para outros setores da economia, sendo o principal o dos serviços. É possível desenvolver a partir deste tema uma abordagem histórica do setor terciário da economia e sobre a evolução do serviço de transportes.

Progressos técnico-científicos mediando as relações sociedade/natureza; as revoluções técnico-científicas, o consumo de energia e outros recursos naturais e seus impactos no ambiente; as indústrias, os transportes e o ambiente nos tempos da máquina a vapor; os motores a explosão, a intensificação da revolução tecnológica, o uso dos recursos naturais e a degradação ambiental; recursos naturais - esgotabilidade e reversibilidade: usar e recuperar (MEC/SEF, 1998, p. 115).

Neste tema, a Geografia dos Serviços deveria receber uma maior atenção, pois este setor teve uma participação importante na geração de empregos neste período histórico, apesar do grande crescimento da atividade industrial na primeira e segunda Revolução Industrial. Com o avanço do processo técnico-científico e a mecanização da produção fabril, surgiu a sociedade pós-industrial que vivencia o crescimento do setor terciário da economia, antes visto com menosprezo pelos economistas, mas que agora recebe uma atenção maior. Os livros didáticos permanecem estruturados e orientados para a sociedade moderna, ao invés da pós-moderna, ou seja, fora do contexto vivido pelos alunos, cujos pais, na sua grande maioria, trabalham em atividades terciárias. Sendo assim, é imprescindível uma abordagem mais aprofundada do setor.

Em seguida, o tema Ambiente urbano, indústria e modo de vida, permite o desenvolvimento em sala de aula da dinâmica urbana, evolução, expansão, atividades econômicas e modos de vida. Neste espaço urbano é que se concentra a maior quantidade de atividades terciárias. No terceiro tema do quarto ciclo, conforme quadro 1.7, há dois itens que se referem à atividade turística: indústria do turismo e degradação ambiental e ecoturismo. Portanto, a análise realizada dos PCNs, no

terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental identificou temas e itens que abordam a Geografia dos Serviços e que devem ser abordados com maior profundidade, o que permitirá uma melhor compreensão da economia e suas atividades pelos estudantes, através do estudo sobre a evolução, tipologia, suas implicações na organização do espaço e tendências atuais para o setor.

3.2 ANÁLISE DOS ASPECTOS ESPECÍFICOS DA GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS NO MANUAL DO PROFESSOR

O manual do professor, segundo o PNLD(2005), deve conter orientações para que o docente exerça suas funções de forma adequada, tendo o domínio de uma das suas principais ferramentas, apresentando-o a estrutura do livro didático, propostas de pesquisas, atividades a serem desenvolvidas, sugestões de textos de aprofundamento, fontes de pesquisa etc. Aspectos analisados pelo próprio PNLD(2005). A ficha de análise a seguir foi aplicada em cada coleção, visando identificar as orientações sobre a Geografia dos Serviços, como mostra o quadro 3:

Quadro 3 – Ficha de Análise dos Aspectos Específicos da Geografia dos Serviços no Manual do Professor

Autor: Igor Moreira e Elizabeth Aurichio

Coleção: Construindo o Espaço

Editora: Ática

Ano: 2006

Aspectos Específicos	Sim	Não
Apresenta sugestões de pesquisas que contemple as atividades terciárias?		X
Oferece ao professor apoio didático, através da sugestão de textos e atividades para serem trabalhados com os alunos sobre a Geografia dos Serviços?		X
Possui sugestões bibliográficas para uso do professor que o auxilie no embasamento sobre a temática em análise?		X
Apresenta a bibliografia utilizada pelo(s) autore(s) sobre o setor terciário da economia?		X

Autor: J. William Vesentini e Vânia Vlach

Coleção: Geografia Crítica

Editora: Ática

Ano: 2006

Aspectos Específicos	Sim	Não
Apresenta sugestões de pesquisas que contemple as atividades terciárias?		X
Oferece ao professor apoio didático, através da sugestão de textos e atividades para serem trabalhados com os alunos sobre a Geografia dos Serviços?		X
Possui sugestões bibliográficas para uso do professor que o auxilie no embasamento sobre a temática em análise?		X
Apresenta a bibliografia utilizada pelo(s) autore(s) sobre o setor terciário da economia?		X

Autor: Melhem Adas

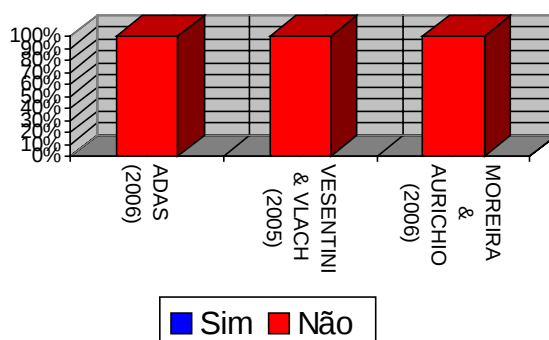
Coleção: Geografia

Editora: Moderna

Ano: 2006

Aspectos Específicos	Sim	Não
Apresenta sugestões de pesquisas que contemple as atividades terciárias?		X
Oferece ao professor apoio didático, através da sugestão de textos e atividades para serem trabalhados com os alunos sobre a Geografia dos Serviços?		X
Possui sugestões bibliográficas para uso do professor que o auxilie no embasamento sobre a temática em análise?		X
Apresenta a bibliografia utilizada pelo(s) autore(s) sobre o setor terciário da economia?		X

Gráfico 1 - Aspectos Específicos da Geografia dos Serviços no Manual do Professor



Organização: CRUZ, Igor (2006)

O manual do professor é um recurso indispensável para a orientação do mesmo na utilização do livro didático de modo a atingir os objetivos estabelecidos em cada série, apresentando os objetivos de cada unidade, capítulos, exercícios etc. Portanto, segundo a análise desse recurso e suas orientações sobre a Geografia dos Serviços, o resultado demonstrou a ausência de textos complementares, atividades, pesquisas e bibliografias sobre o setor terciário da economia, vide Gráfico 1.

Com relação à coleção de Moreira e Aurichio (2006), foi identificadas atividades que tratam de atividades do setor, mas de forma muito subjetiva, pois trata dos transportes, comunicação e comércio como algo a parte da economia. Vesentini e Vlach (2005) possuem referências bibliográficas sobre as atividades industriais no mundo e seus impactos no espaço geográfico, mas não há nenhum texto ou citação ao setor terciário da economia e seu crescimento na economia mundial, ganhando cada vez mais importância. Adas (2006) não possui atividades, textos, sugestões de pesquisas sobre esse setor da economia.

O PNLD de 2005 analisou apenas a coleção de Vesentini e Vlach (2005), já que as demais foram atualizadas em 2006 e foram analisadas no PNLD 2008. Sobre Vesentini e Vlach (2005), o manual do professor, segundo o documento oficial, apresenta o livro do aluno e uma seção destinada ao docente que possui a metodologia geral, acompanhada de uma seleção bibliográfica sobre aprendizagem e ensino de Geografia, roteiro de atividades, sugestões de práticas pedagógicas e avaliativas.

Percebe-se a falta de orientação por parte dos autores para os professores com relação à Geografia dos Serviços no manual do professor, fato que demonstra a pouca atenção dada ao setor nas obras em análise.

3.3 ANÁLISE DOS TEMAS DA GEOGRAFIA DOS SERVIÇOS NAS OBRAS SELECIONADAS

A Geografia de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental é responsável pela construção da noção e entendimento sobre a economia, conseqüentemente sobre os seus setores e as atividades econômicas, como forma de uso e ocupação do

espaço geográfico, não como algo estanque e separado, mas em movimento constante, acompanhando as inovações tecnológicas e as mudanças.

Entre esses itens e conteúdos poderiam ser trabalhados aqueles referentes à divisão social e territorial do trabalho, ou seja, como desenvolver as forças produtivas e as relações sociais de produção. A partir da organização do trabalho social, levar o aluno a compreender como a sociedade se apropria da natureza. Isso significa que poderá contemplar conteúdos que analisem o desenvolvimento intrínseco do trabalho no processo histórico, como também a dinâmica das leis que regulam os fenômenos da natureza (MEC/SEF, 1998, p. 155).

Os PCNs deixam clara a necessidade de se trabalhar com a construção do conceito de economia e suas relações sociais e de produção. Para a realização da análise sobre a presença do setor terciário nos livros didáticos foi elaborada a seguinte ficha e, em seguida, o detalhamento do estudo sobre o conteúdo específico em cada coleção.

Quadro 4 – Ficha de Análise dos Temas da Geografia dos Serviços nas Obras Selecionadas

Autor: Igor Moreira e Elizabeth Aurichio

Coleção: Construindo o Espaço Humano 5ª Série/ 6ºAno

Editora: Ática

Ano: 2006

Aspectos Específicos	Sim	Não
Possibilita o desenvolvimento da noção de economia?	X	
Apresenta a divisão da economia em: setor primário, secundário terciário?	X	
Trabalha com a tipologia das atividades terciárias?		X
Analisa a organização espacial dos serviços?		X
Trata da relação entre a mundialização e os serviços?		X
Aborda o mercado de trabalho urbano?		X

Autor: J. William Vesentini e Vânia Vlach

Coleção: Geografia Crítica

Editora: Ática

Ano: 2006

Aspectos Específicos	Sim	Não
Possibilita o desenvolvimento da noção de economia?	X	
Apresenta a divisão da economia em: setor primário, secundário terciário?	X	
Trabalha com a tipologia das atividades terciárias?		X

Analisa a organização espacial dos serviços?	X	
Trata da relação entre a mundialização e os serviços?	X	
Aborda o mercado de trabalho urbano?		X

Autor: Melhem Adas

Coleção: Geografia v.1

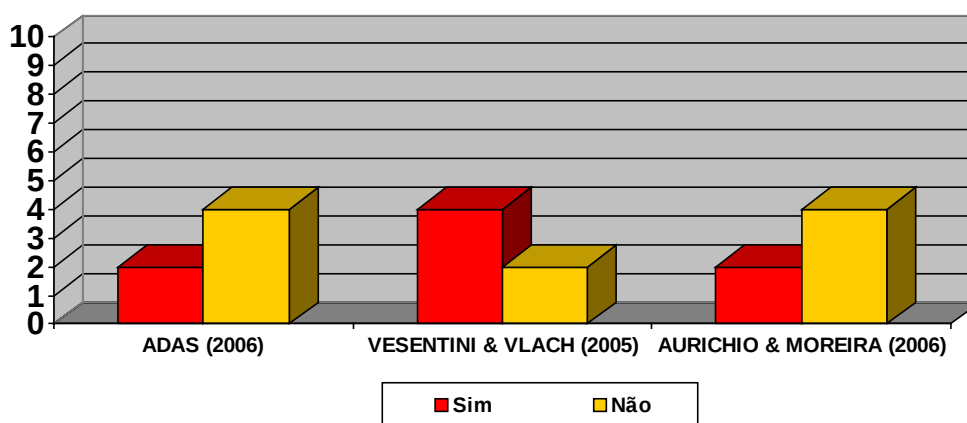
Editora: Moderna

Ano: 2006

Aspectos Específicos	Sim	Não
Possibilita o desenvolvimento do conceito de economia?	X	
Apresenta a divisão da economia em: setor primário, secundário terciário?	X	
Trabalha com a tipologia das atividades terciárias?		X
Analisa a organização espacial dos serviços?		X
Trata da relação entre a mundialização e os serviços?		X
Aborda o mercado de trabalho urbano?		X

Org.: CRUZ (2007)

Gráfico 2 - Total de temas sobre a Geografia dos Serviços



Org.: CRUZ (2007)

Em relação à existência de conteúdos específicos quanto à Geografia dos Serviços nas três coleções, conforme quadro 4, pode-se afirmar que todas elas apresentam a divisão tradicional da economia em três setores (primário, secundário e terciário), mas apenas Adas (2006) deixa bem clara a relação de interdependência entre eles. Outro ponto em comum é a construção da noção de economia. Todas as coleções não apresentaram um estudo da tipologia dos serviços segundo a sua

natureza, como visto na fundamentação teórica, apenas citando tipos de serviços aleatoriamente, vide o quadro 4. Outro conteúdo que Adas (2006), Vesentini e Vlach (2005) e Aurichio e Moreira (2006) não apresentaram foi a abordagem sobre o mercado de trabalho urbano. Vale ressaltar que a análise de conteúdo realizada nesta pesquisa trata especificamente da Geografia dos Serviços.

Os itens a seguir irão tratar dos temas relacionados com a Geografia dos Serviços e suas abordagens ou ausências nos livros didáticos analisados.

3.3.1 Noção de Economia

Não se pode estudar o setor terciário da economia sem antes analisar a construção da noção de economia apresentada nos livros didáticos em questão. Com relação a esta temática, todos os autores (ADAS, 2006; VESENTINI; VLACH, 2005 e MOREIRA; AURICHIO, 2006) apresentaram a noção de economia.

Para Aurichio e Moreira (2006), economia consiste em: “Todos os elementos necessários à produção e distribuição de mercadorias formam o que chamamos de economia”.

O conceito exclui inúmeras atividades terciárias da economia (publicidade, profissionais liberais, comércio, prestadores de serviços etc), pois se elas não realizam nenhuma atividade de transformação, ou seja, transformar uma matéria-prima em um produto (atividade produtiva), ela não se enquadra em tal definição, ou seja, não faz parte da economia.

Outra questão é a ausência de textos complementares sobre o assunto e a falta de relação do saber ensinado com o conhecimento prévio do aluno o que dificulta a aprendizagem, observado no texto de Aurichio e Moreira (2006):

A produção de mercadorias nem sempre é suficiente para a sobrevivência da sociedade. Além de serem criadas, as mercadorias circulam entre as pessoas. Muitas vezes não basta plantar e colher o arroz, é preciso transportá-lo até os centros urbanos, onde será comercializado e consumido.

Adas (2006) traz uma concepção adequada ao afirmar que a ciência econômica estuda os fatos relativos à produção, à distribuição e ao consumo de

bens e serviços. Nesta conceituação, o setor terciário faz parte da economia, pois fica bem clara a inclusão do mesmo, além de trazer para o estudo a dimensão do consumo que é abordado de maneira bastante contundente ao construir com o aluno tal concepção, partindo da noção de matéria-prima, trabalho humano, força de trabalho, rendimento, produto e condições de vida. Em sua coleção, o autor desenvolve muito bem a construção do que é a economia.

Para Vesentini e Vlach (2005), a economia consiste no conjunto de atividades que visam produzir e comercializar bens e serviços. Conceito bastante semelhante ao de Adas (2006), mas este não abarca a dimensão do consumo e nem da distribuição. Os autores não constroem o conceito, simplesmente lançam a definição, sem fazer nenhuma ligação com o conhecimento prévio do aluno:

Economia é o conjunto de atividades que visam produzir e comercializar bens e serviços. Bens são objetos materiais, como sapatos, móveis, aço, automóveis, navios, apartamentos, etc. Serviços são as atividades prestadas por escolas, hospitais, dentistas, bancos, farmácias, escritórios de advocacia, companhias de seguro, etc.

O texto não permite que o aluno faça a relação com o seu cotidiano; o que fica claro são as definições lançadas não desenvolvendo um diálogo com o estudante que possibilite a construção do conceito de economia, sendo este conceito muito importante para a compreensão da realidade em que o aluno está inserido e para os conteúdos subseqüentes, os quais aumentam a complexidade sobre a geografia econômica do mundo. Os autores acabam cometendo reducionismo do conteúdo, além de fragmentar a construção deste conceito, pois antes de abordar o que é a economia no capítulo 3, eles trataram primeiro dos três setores da economia no capítulo 2, antes mesmo de definir a economia. Essa fragmentação dificulta a aprendizagem do aluno. Ainda, no capítulo 2, ao tratar dos setores da economia, os autores analisam em seguida o Estado e suas funções, apresentando uma desordem na seqüência lógica dos conteúdos.

3.3.2 Tradicional Divisão da Economia

A compreensão da realidade econômica é uma competência que o estudante deve adquirir, pois é nessa esfera que acontecem as relações sociais, produtivas e

espaciais; através da economia que o espaço geográfico é transformado para atender aos interesses humanos. Portanto, para entender a economia no mundo globalizado é preciso uma abordagem mais aprofundada e não reducionista.

A análise deste conteúdo constatou que todos os autores analisados (ADAS, 2006; Vesentini e Vlach, 2005; MOREIRA; AURICHIO, 2006) apresentaram a divisão da economia em três setores: setor primário, secundário e terciário que será analisada a seguir:

“Todas essas atividades econômicas costumam ser classificadas em três categorias:

Atividades primárias são aquelas ligadas à terra, como a agricultura, a pecuária e o extrativismo.

Atividades secundárias formadas por todos os tipos de transformação industrial.

Atividades terciárias que reúnem o comércio e os serviços.”

Antes de estabelecer as três categorias de divisão da economia, Aurichio e Moreira (2006) explicam as principais atividades econômicas realizadas pelos grupos humanos, explanando sobre a agricultura, pecuária, extrativismo animal e mineral, indústria, comércio e serviços, de forma fragmentada e compartimentada, sem estabelecer nenhuma relação entre as atividades econômicas e sua interdependência. No texto apresentam-se apenas as definições que estão em negrito ou em itálico para destacar do corpo do texto. Sendo assim, não há uma contextualização do assunto, tornando-o enfadonho. Veja a seguir:

***“Agricultura.** Atividade que consiste na utilização do solo para o plantio e cultivo de plantas úteis ao ser humano.*

***Pecuária.** É a criação de gado, como bois (bovinos), ovelhas (ovinos), porcos (suínos), cavalos (eqüinos), cabras (caprinos), asnos ou burros (asininos), mulas (mulares).*

***Extrativismo.** É a atividade pela qual o ser humano extrai recursos diretamente da natureza. Há três tipos de extrativismo:*

Extrativismo animal: caça e pesca.

Extrativismo vegetal: é a extração de produtos vegetais que não foram cultivados pelas pessoas, como a madeira, óleos, frutos, borracha, etc. Cuidado para não confundir extrativismo vegetal com agricultura. No extrativismo, os produtos são coletados; na agricultura, o ser humano faz a colheita do que plantou e cultivou. O extrativismo vegetal é chamado também de coleta vegetal. (...)

*(...) **Comércio.** É a atividade das trocas, isto é, da compra e venda de produtos. É por meio do comércio que se dá a circulação das mercadorias.*

***Serviços.** São todas as demais atividades indispensáveis à produção e distribuição de mercadorias. As repartições do governo, os transportes, as escolas, os centros de pesquisa, os bancos e os hospitais fazem parte dos serviços.”*

Em relação ao conceito de Serviços apresentado pelos autores em questão, os profissionais liberais (professores, advogados, médicos, etc) não são mencionados, deixando várias idéias lacunares. A primeira se refere ao não estabelecimento das relações entre as atividades econômicas, ou seja, o texto deixa a idéia de que os setores da economia são independentes, ao invés de construir a noção de interdependência do setor primário, secundário e terciário, o que é muito importante para o desenvolvimento de um país, possuir os três setores bem estruturados. A segunda idéia lacunar é ausência das profissões liberais na atividade econômica dos serviços.

Adas (2006) desenvolve este conceito com o aluno, pois faz relação com o seu cotidiano, contribuindo para o seu aprendizado, como, por exemplo:

“Observe, na localidade onde você mora, que as pessoas trabalham em várias atividades: na prefeitura (funcionários públicos, prefeitos, vereadores); no comércio (farmacêuticos, lojistas, vendedores, caixas, pequenos comerciantes); em hospitais (médicos, enfermeiros, pessoas de limpeza); em consultórios (dentistas, médicos, psicólogos); em escritórios (engenheiros, advogados, funcionários em geral, contadores, economistas); no transporte (motoristas de táxi, de ônibus, de caminhão); nas escolas (diretores, professores, orientadores); nas indústrias (operários, engenheiros, pessoal de escritório, técnicos); na agricultura e pecuária (fazendeiros, sitiantes, trabalhadores rurais); na construção civil (pedreiros, serventes de pedreiros, eletricitas, encanadores, engenheiros). Enfim, poderíamos fazer uma lista de atividades econômicas e nela também incluir o trabalho doméstico

realizado por profissional ou por membros da família, o trabalho voluntário em instituições religiosas, educacionais ou beneficentes, o trabalho na construção e manutenção da casa própria (como vimos na figura 12.1b, página 146) etc.”

O texto possui relação com o conhecimento prévio do aluno, ou seja, sua vivência e sua observação do espaço geográfico. Ao listar dezenas de atividades econômicas, o autor revela a quantidade enorme de atividades que compõem a economia para, em seguida, agrupá-las nos três setores de produção:

“Setor primário – *abrange a agricultura, a pecuária, a silvicultura, o extrativismo vegetal e mineral, a caça e a pesca (figura 14.1).*

Setor secundário – *abrange as atividades industriais, a construção civil (construção de casas, prédios, pontes, viadutos, etc.) e a geração de energia (hidrelétricas e termelétricas) (figura 14.2).*

Setor terciário – *abrange os serviços em geral: comércio, transportes, sistema bancário, educação, saúde, serviços de água e esgoto, administração pública, telecomunicações etc. (figura 14.3)”.*

Apesar de ter contextualizado os setores da produção, o autor não define os setores, apenas agrupa as atividades econômicas neles, ou seja, por que os serviços não são classificados como setor primário? Não há uma explicação sobre a razão de tal classificação, simplesmente é estabelecido pelo autor. Para contribuir com a aprendizagem do aluno, o autor apresenta três ilustrações dos setores da economia, uma para cada setor, mas acaba compartimentando os segmentos, dando a idéia de separação entre eles, como mostra a figura 3 a seguir:

Figura 3 – Setores da Economia



Fonte: Adas (2006)

Em seguida, no tópico 2 do mesmo capítulo, o autor aborda a cadeia produtiva e o PIB, cujo primeiro sub-título é “A interdependência e a integração dos setores de produção”. Desta forma, Adas (2006) não deixa a idéia de isolamento dos setores da economia no texto a seguir:

“Você deve ter percebido que os setores de produção não são isolados; um depende do outro. O setor primário fornece produtos para o secundário; os setores primário e secundário fornecem produtos mercadorias para o terciário. Por meio do comércio (setor terciário) as mercadorias (alimentos, ferramentas, sementes, defensivos agrícolas, etc.) são adquiridas tanto para consumo dos setores primário, secundário e terciário como para as famílias.”

Os autores Vesentini e Vlach (2005) no livro didático volume 2, intitulado Geografia Crítica – O espaço social e o espaço brasileiro, também abordam os três setores da economia. Antes de construir o conceito de economia, no capítulo 2, Sociedade moderna e Estado, já é abordada a divisão da economia, antes mesmo

da definição de economia. No quadro 5, a seguir, é apresentada a hierarquização do capítulo 2, onde se encontram os três setores da economia.

Quadro 5 - Hierarquização do Capítulo 2 do livro Geografia Crítica – volume 2

Capítulo 2 – Sociedade moderna e Estado
1. Sociedade, povo, nação e país: quatro conceitos distintos O que é sociedade? O que é povo? O que é nação? O que é país?
2. Sociedade moderna e Estado Divisão do trabalho Os três setores da economia
3. O Estado e suas funções O controle exercido pelo Estado Reação contra o excessivo crescimento do Estado
4. Qual a origem do Estado? Sociedades sem Estado
5. Estado e espaço geográfico Divisão política do espaço

Org.: CRUZ, 2007.

Os autores abordam um assunto da esfera econômica para explicar a sociedade moderna, fragmentando, dessa forma, o conteúdo, além de não possuir um texto que facilite a compreensão do aluno, pois não faz relação com o seu cotidiano e requer conhecimentos históricos prévios os quais ainda não foram estudados, por exemplo, a Revolução Industrial. Outra questão evidenciada é a imprecisão das informações que serão analisadas a seguir:

“Antes da Revolução Industrial havia nas sociedades tradicionais um número pequeno de atividades ou formas de trabalho. Existiam apenas os guerreiros, os curandeiros ou médicos, os agricultores, alguns tipos de artesãos e talvez outras poucas ocupações.”

A dificuldade de compreensão está no trecho sublinhado: Revolução Industrial, o que requer do leitor um conhecimento histórico, o qual não tem domínio ainda. Há imprecisão no trecho sublinhado: alguns tipos de artesãos e talvez outras poucas. Esta frase não traz segurança ao leitor, além de estar bastante inconsistente.

Vesentini e Vlach (2005) apresentam a mesma abordagem dos demais autores, pois simplesmente agrupam as atividades econômicas nos seus setores, sem justificar o porquê de tal classificação nos tópicos:

“Setor primário – inclui as atividades ligadas ao meio rural: agricultura, pecuária e extrativismo; setor secundário – abrange as atividades industriais; setor terciário – compreende as atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços (escolas, hospitais, repartições públicas, bancos, empresas de seguros e de transportes, etc.)”.

Esses autores não estabelecem a relação de interdependência entre os setores da economia e sua importância para a sociedade. Portanto, os livros analisados, apesar de abordarem o conteúdo em análise, deixaram inúmeras lacunas para uma melhor compreensão das atividades econômicas e sua relação com o espaço geográfico.

3.3.3 Tipologia dos Serviços

O setor terciário surgiu bem antes da Revolução Industrial do século XVIII, o que foi apresentado na fundamentação teórica. No entanto, as três coleções analisadas possuem uma análise da tipologia da indústria, em detrimento de um estudo superficial da Geografia dos Serviços. Além de um estudo sobre a atividade primária, solo e agricultura, clima e agricultura, tipos de plantio, etc., dedicando um capítulo e mais subtítulos em outros (ADAS, 2006, total de 19 páginas; VESENTINI e VLACH, 2005, total de 14 páginas, e AURICHIO e MOREIRA, 2006, total de 9 páginas), cada autor também reservou um capítulo à indústria: Adas (2006) total de 13 páginas; Vesentini e Vlach (2005) total de 10 páginas; e Aurichio e Moreira (2006) total de 17 páginas. Esta estrutura merece ser revista, pois com a pós-modernidade, a sociedade vem passando por transformações radicais na economia e estes livros didáticos possuem ainda uma abordagem para uma sociedade moderna e não pós-moderna, devido à atenção dedicada à atividade secundária, como se ela fosse a

base da geração de empregos urbanos, cuja realidade é oposta ao trabalhado pelos livros didáticos em questão.

Na análise realizada na coleção de Adas (2006), o setor terciário foi abordado da seguinte forma:

“Setor terciário – *abrange os serviços em geral: comércio, transportes, sistema bancário, educação, saúde, serviços de água e esgoto, administração pública, telecomunicações etc.”.*

Não há uma classificação dos tipos de serviços existentes pela sua natureza, ou seja, segundo os seus interesses sociais (público ou privado) e econômicos (público e privado), bem como, segundo a demanda social (serviços banais e raros) e a centralidade espacial (serviços de comando, básico e de atração), ou seja, as atividades terciárias não possuem nenhum capítulo ou, mesmo, um subtítulo que trate especificamente deste conteúdo, assim como há para a atividade agropecuária e industrial, apesar do autor ter construído muito bem o conceito de economia.

O autor dedica o capítulo 16 (Indústria, sociedade e espaço) para abordar o conceito de indústria, evolução do modo de produção, Revolução Industrial, Segunda e Terceira Revolução Industrial, transformações sociais e impactos ambientais das revoluções industriais. Sobre o setor primário, o capítulo 17 (A agropecuária e as condições naturais (I): relevo e solo) é dedicado à sua análise. Para o setor terciário, apenas três linhas! Isto acarreta dificuldade na compreensão das atividades econômicas, além de não realizar a devida análise do papel deste setor em uma sociedade pós-moderna.

Na análise da obra de Vesentini e Vlach (2005), pode-se perceber a caracterização de algumas atividades terciárias (Comércio, Ensino, Atividade bancária e Turismo) e não a classificação segundo sua natureza, demanda social e centralidade espacial. Os autores apenas descrevem as atividades, como, por exemplo, a abordagem em relação ao comércio:

“A atividade comercial nasceu há milhares de anos, com a troca de objetos: um boi por tantos porcos ou galinhas, um colar por um arco, um cesto de frutas ou peixes por tantos vasos de argila, etc. Depois, a troca de um produto por outro foi substituída pela troca de mercadorias por moeda ou dinheiro.”

Tanto o Comércio, o Ensino, a Atividade Bancária e o Turismo são abordados pelos autores de forma descritiva. No mesmo livro, no capítulo 4, dedicado à Atividade industrial, são trabalhados: a evolução do modo de produção, tipos de indústrias e as diferentes formas de industrialização, caracterizando uma abordagem totalmente diferente da encontrada no subtítulo reservado às atividades terciárias. Enquanto o setor terciário foi descrito, as atividades industriais foram analisadas através de sua tipologia (Indústrias de transformação, Indústrias Extrativa e Indústria de Construção), evolução, transformações no espaço etc.

Os autores foram os únicos a abordar mais o setor terciário (3 páginas) apesar da necessidade de organização e embasamento do conteúdo. Vale ressaltar que os autores enfatizaram o crescimento do setor em várias ocasiões:

“Nos últimos anos, o setor que mais vem crescendo é o terciário, em virtude da substituição de trabalhadores por máquinas ou robôs nas fábricas (...)

Esse é o setor da economia que mais vem crescendo nas últimas décadas.(...)”

Mesmo assim, sua abordagem necessita de embasamento teórico sobre o evolução, natureza e tipos de serviços existentes.

O livro de Aurichio e Moreira (2006) apresenta as definições de comércio e serviços, veja a seguir:

“Comércio. *É a atividade das trocas, isto é, da compra e venda de produtos. É por meio do comércio que se dá a circulação das mercadorias.*

Serviços. *São todas as demais atividades indispensáveis à produção e distribuição de mercadorias. As repartições do governo, os transportes, as escolas, os centros de pesquisa, os bancos e os hospitais fazem parte dos serviços”.*

Em seguida, agrupa o comércio e os serviços nas atividades terciárias da economia. A importância dada à economia e sua influência na dinâmica sócio-espacial é muito pouca, as definições são simplórias, não levam à construção do conhecimento, não apresentam uma linguagem que faça ligação com o conhecimento prévio do estudante. Em relação aos serviços, os autores não citam os profissionais liberais, deixando lacunas para a construção da dimensão

econômica no leitor. A própria apresentação dos conceitos de “Comércio” e “Serviços” conduz o aluno à memorização, pois não há um texto explicativo sobre as definições. Não existe uma análise da tipologia das atividades terciárias, segundo a sua natureza.

Isso se deve à valorização das atividades industriais, devido às transformações provocadas pelas mesmas no espaço geográfico em todo o mundo, à demanda por matérias-primas, à busca por espaços que possibilitem o desenvolvimento da indústria etc. Este setor sempre foi desvalorizado pelos principais economistas; como visto na fundamentação teórica, por exemplo, Mark e Engels consideravam o setor parasitário. Outro fator que explica a ausência deste conteúdo é a introdução da disciplina Geografia dos Serviços nas licenciaturas plenas e graduações de Geografia no final da década de 1990, ou seja, as pesquisas neste setor são bastante recentes, sendo um ótimo campo de pesquisa para os geógrafos.

3.3.4 Organização Espacial dos Serviços

Conseqüentemente, ao analisar a tipologia dos serviços, o livro didático deveria apontar os fatores que influenciam na localização dos serviços existentes (Serviços Sociais e Econômicos). Nenhuma das coleções nem sequer tratou da distribuição desses serviços segundo a demanda social, muito menos em relação à centralidade social, visto na fundamentação teórica. Portanto, as três coleções apresentaram esta lacuna para a compreensão da esfera econômica e suas mudanças cíclicas.

A razão para tal lacuna se deve ao fato de ser uma área de pesquisa muito recente, apesar do setor terciário ser o mais antigo, mas somente nas últimas duas décadas é que pesquisadores vêm realizando análises sobre a influência do setor na economia, em escala local, regional e mundial.

3.3.5 A Mundialização e o Crescimento dos Serviços

O avanço do sistema capitalista desde sua origem através da busca de novos mercados, com as grandes navegações (séc. XVI), gerou o processo de mundialização do capitalismo. A internacionalização deste sistema provocou transformações no espaço geográfico, principalmente após a primeira Revolução Industrial, no século XVIII. Com o avanço tecnológico nos meios de comunicação e de transportes, as distâncias entre os países diminuíram, permitindo um maior contato entre diferentes culturas, conseqüentemente uma ampliação do mercado internacional. Atualmente, este sistema construiu um mercado mundial de atuação, no qual os fluxos de mercadorias, capitais e informações não possuem mais barreiras; as que resistem lentamente estão sucumbindo à força do mercado.

A mundialização ou globalização, termo mais trabalhado nos livros didáticos, é uma das temáticas para a compreensão do espaço geográfico. Abordado com freqüência na oitava série ou nono ano do ensino fundamental, ela atende às exigências dos PCN's de Geografia para o quarto ciclo (1998, p.103):

Para o professor, mais importante do que ficar estudando a genealogia da globalização, o que não significa deixar de explicar para os alunos o seu significado, é procurar ajudá-los a compreender como a globalização veio redefinindo uma nova territorialidade do espaço, principalmente quando se verifica o que aconteceu com a estruturação e o conceito de redes urbanas, tema de grande interesse para a Geografia.

A Globalização deu grande impulso para o crescimento dos serviços em todo o mundo; desde o início do processo de expansão do capitalismo, essas atividades foram se expandindo também. Nos livros analisados apenas Vesentini e Vlach (2005) abordaram a relação entre a mundialização do capital e o crescimento dos serviços, mesmo assim essa abordagem merece considerações quanto ao processo de desindustrialização ocorrido nos países desenvolvidos.

No volume 2, da Coleção Geografia Crítica, o capítulo 7, intitulado *Comunicações, comércio e transportes*, há um sub-título, chamado *A indústria moderna e o desenvolvimento do setor terciário*, o qual aborda o crescimento do

setor terciário, analisando o comércio, transportes e comunicações. Vale ressaltar a importância de se trabalhar com o processo de desindustrialização, ou seja, o desmonte das indústrias sob o modelo fordista nos países desenvolvidos para áreas subdesenvolvidas, pois possui vantagens econômicas, como: mão-de-obra barata, incentivos fiscais, matérias-prima baratas etc. Outro fator é que a industrialização nos países periféricos foi marcada pelo alto índice de mecanização, gerando bem menos empregos e com os avanços tecnológicos a tendência é a substituição da mão-de-obra humana por máquinas nas linhas de produção.

“Essas três importantes atividades do setor terciário – comunicações, comércio e transportes – estão interligadas e são imprescindíveis à sociedade moderna. Embora já existissem anteriormente, elas se modernizaram e cresceram muito com o advento da indústria moderna e sua expansão pelo mundo.” (Vesentini; Vlach, 2005, p. 111, v. 2).

Os autores trabalham ainda na perspectiva de uma indústria moderna sob o modelo fordista, o que torna este conhecimento distante da atual organização da economia, a qual vive uma estrutura de acumulação flexível do capital. Vesentini e Vlach (2005), no terceiro volume de sua coleção, no capítulo 1, intitulado *“O mundo atual: unidade e diversidade”*, definem o que é a globalização:

“Como podemos ver, o mundo em que vivemos apresenta uma grande unidade, apesar das diferenças existentes entre uma região e outra. É exatamente isso o que chama de globalização, ou seja, a intensa interdependência de todos os países, de todas as economias, de todos os povos do globo” (p. 17).

A sentença sublinhada (grifo nosso) simplifica e generaliza o conceito de globalização, já que neste processo nem todos os países participam, afirmando que *“todos os países, todas as economias, de todos os povos do globo”*. Para Santos (2001), esta é a visão da globalização como fábula.

No quarto volume da coleção Geografia Crítica, destinado à oitava série ou nono ano, Vesentini e Vlach (2005) abordam no Capítulo 12, intitulado *“Perspectivas para o século XXI, a revolução técnico-científica e a globalização”*:

“Mas as consequências da revolução técnico-científica já se fazem sentir em todo o mundo: o aumento do desemprego, pela substituição maciça da de mão-de-obra não qualificada por robôs ou por máquinas; a informatização de quase todos os setores, com a introdução de computadores que funcionam isoladamente ou conectados a redes; a expansão da agropecuária baseada na biotecnologia, que produz gêneros agrícolas ou criações geneticamente modificados, etc.” (p. 182).

O que acontece com essa mão-de-obra? Elas migram para qual setor da economia? Na frase sublinhada os autores abordam um dos fatores de crescimento da atividade terciária no mundo, mas não realizam nenhuma ligação com o assunto, causando o “sensacionalismo” do fim do emprego, da substituição dos seres humanos por máquinas, quando na realidade está acontecendo a transferência dessa mão-de-obra para o setor terciário, ou seja, uma reintegração no mercado formal ou informal, o crescimento da informalidade. Na sequência, os autores iniciam um terceiro tópico sobre a hegemonia no século XXI. Desta forma, perde-se uma oportunidade para realizar a análise da mundialização e o crescimento do setor terciário, já que o mesmo é o responsável pela maior oferta de emprego no mercado de trabalho urbano, conforme mostra o quadro 6.

Quadro 6 - Hierarquização do Capítulo 12 – Perspectivas para o século XXI, da coleção Geografia Crítica v.4 – Geografia do Mundo Industrializado

Capítulo 12 – Perspectivas para o século XXI

1. Introdução
2. Nova Ordem Mundial
 - Revolução técnico-científica e globalização
3. Quem terá hegemonia no século XXI?
 - Europa
 - Estados Unidos
 - Japão, China e Índia
4. Áreas periféricas

Org.: CRUZ (2007)

Aurichio e Moreira (2006), no volume dois, *Construindo o espaço brasileiro*, de sua coleção no que diz respeito à sequência lógica do conteúdo, acabam

limitando o setor terciário ao comércio, transporte e comunicação, conforme mostra o quadro 7.

Quadro 7 - Hierarquização de capítulos no livro *Construindo o espaço brasileiro* – Volume 2.

Capítulo 7 – O espaço agropecuário As atividades agrícolas e os fatores naturais O uso da terra no Brasil A agricultura empresarial Reforma agrária: sonho ou solução A pecuária
Capítulo 8 – As atividade industriais Os tipos de indústria Indústrias tradicionais: fatores de concentração A indústria do Brasil
Capítulo 9 – Comércio, transportes e comunicações Comércio: a troca de mercadorias Meios de transportes e vias de circulação no Brasil Os meios de comunicação

Org.: CRUZ (2007)

No capítulo 9, *Comércio, transportes e comunicações*, os autores citam a revolução técnico-científica e suas mudanças na produção não fazendo nenhuma ligação com o desenvolvimento das atividades terciárias:

“O grande avanço da industrialização alcançado por vários países a partir da década de 1970 teve por base uma profunda transformação tecnológica: a revolução microeletrônica, originada do uso de computadores e do extraordinário desenvolvimento da informática. Em vários países, ocorreram grandes modificações na produção, nos meios de comunicação e no processo de informações, com novos equipamentos e novas formas de divisão técnica do trabalho” (AURICHIO; VLACH, 2006, p. 96).

Nas sentenças sublinhadas os autores apenas citam, mas não explicam a razão de tais modificações na produção. No livro destinado à sétima série ou oitavo ano, o terceiro capítulo, chamado de *Capitalismo e globalização*, aborda o avanço

do capitalismo a partir do século XX. Aurichio e Moreira (2006), no tópico sobre o capitalismo global, explicam a decomposição do processo de produção, ou seja, o processo de desindustrialização realizado pelas empresas transnacionais:

“As empresas multinacionais adotaram uma nova estratégia: a de decompor o processo produtivo em escala mundial. Com isso, as multinacionais assumiram um caráter transnacional. Esse processo de reestruturação do capitalismo começou já no fim da década de 1970 e se aprofundou nos anos 1990.” (p. 39).

No trecho sublinhado, há o processo de desindustrialização e no decorrer do texto os autores contextualizam essa reestruturação, mas em nenhum momento fazem a ligação com o desenvolvimento das atividades terciárias, apesar desse fenômeno ser um dos fatores para o crescimento do setor de serviços.

Adas (2006) não aborda esta temática; os livros de 5ª série ou 6º ano, 6ª série ou 7º ano; o da 7ª série ou 8º ano; e o da 8ª série ou 9º ano não trabalham a relação entre a mundialização e o desenvolvimento do setor terciário. Nos volumes analisados foram encontrados fragmentos e não um capítulo destinado ao conteúdo, por exemplo, na 5ª série ou 6º ano:

*“Muitas delas montaram filiais em diferentes países do mundo, inclusive no Brasil. Essa empresas, que têm a sua sede (matriz) num país e operam em outros, recebem o nome de **multinacionais** ou **transnacionais**. Possuindo muito dinheiro, tecnologia e conhecimento científico, elas têm muito poder econômico e político”* (p. 185).

Os trechos sublinhados tratam do processo de desindustrialização nos países de capitalismo avançado, promovendo a decomposição da produção, visando aumentar o lucro. Essa explicação foi extraída do sub-título *Transformações sociais e impactos ambientais das revoluções industriais*, a qual não faz menção ao crescimento do setor terciário. O autor no livro da 6ª série ou 7º ano, intitulado *Construção do espaço geográfico brasileiro*, no Capítulo 11 – *Brasil: país de industrialização tardia ou retardatária*, no sub-título *A Terceira Revolução Industrial*, aborda a Revolução Técnico-científica:

“A expressão **terceira revolução científica e tecnológica** ganhou validade a partir dos avanços científicos e tecnológicos na indústria, mas ela abrange também os progressos ocorridos na agricultura, na pecuária, no comércio e na prestação de serviços. Todos os setores da economia se beneficiaram das novas conquistas do conhecimento científico” (p. 168).

O autor insere a prestação de serviços como uma das atividades que se beneficiaram com a revolução científica e tecnológica, atividade terciária que ganha mais espaço no mercado de trabalho. É importante destacar que o autor poderia inserir as comunicações e os transportes como áreas que foram beneficiadas pelas inovações tecnológicas.

No livro da 7ª série ou 8º ano, intitulado *O mundo subdesenvolvido*, no Capítulo 3 – *As bases históricas do subdesenvolvimento (II)*, Adas (2006) trata da expansão das multinacionais e seu avanço para o mundo subdesenvolvido, dando ênfase aos fatores de atração (isenção de impostos, mão-de-obra barata, matéria-prima barata, ausência de legislação trabalhistas, etc.), não abordando o avanço do setor terciário, devido ao processo de desindustrialização e mecanização das indústrias.

Por fim, nenhum dos autores analisados contemplou este objeto de aprendizagem de forma satisfatória, apesar de Vesentini e Vlach (2005) terem apresentado tópicos sob a temática, mas permaneceram na superficialidade. Portanto, todas as obras analisadas necessitam de um olhar mais atencioso para as atividades terciárias.

3.3.6 O mercado de trabalho urbano

As coleções analisadas não possuíam esta temática. A reestruturação do capitalismo provocou mudanças na economia urbana, ou seja, no mercado de trabalho urbano, levando ao crescimento cada vez maior da prestação de serviços na organização de todas as indústrias (SASSEN, 1998).

Este objeto de estudo é fundamental para que o leitor faça uma melhor leitura da realidade pós-moderna em que vive. As estruturas das coleções não abordaram a reestruturação do mercado de trabalho urbano, permitindo que o aluno entenda que

apesar de viver numa economia industrializada, a maior oferta de empregos ocorre no setor terciário, mercado analisado na fundamentação teórica da pesquisa.

3.3.7 Considerações

A coleção de Adas (2006) em relação aos conteúdos específicos não apresentou boa parte dos aspectos analisados que fazem parte da Geografia dos Serviços, como: noção de economia, tipologia dos serviços, organização espacial dos serviços, mundialização e os serviços, e o mercado de trabalho urbano. O autor tratou da tradicional divisão da economia (Primário, Secundário e Terciário).

A coleção que mais abordou os conteúdos relacionados à Geografia dos Serviços foi a coleção de Vesentini e Vlach (2005), pois além de terem tratado da divisão da economia, os autores analisaram a tipologia dos serviços ainda de maneira descritiva e sem embasamento; e a mundialização do capitalismo e os serviços de maneira muito superficial, deixando de aprofundar a questão. A abordagem encontrada na coleção ainda está muito aquém do conhecimento produzido nas universidades (saber sabio) e o saber a ser ensinado, ou seja, é necessária a transposição didática deste conteúdo, alterando a abordagem de uma economia moderna para a sua atual fase pós-moderna e de um modelo fordista para a acumulação flexível do capital, na qual as atividades terciárias crescem bastante nas principais metrópoles mundiais (SASSEN, 1998).

Aurichio e Moreira (2006) apresentaram uma estrutura semelhante aos outros autores, com ênfase no setor primário e secundário, e abordagem do terciário quanto ao comércio, comunicação e transportes. Essa coleção não apresentou uma abordagem aprofundada da temática, em congruência com as pesquisas mais recentes que embasaram esta pesquisa.

3.4 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DIAGNÓSTICOS

A aplicação de questionário possuiu dois momentos distintos, o primeiro foi realizado na palestra *Geografia e Educação*, ministrada pelo professor e autor Melhem Adas, destinada a professores de Geografia. Nesta etapa participaram dez professores tanto da rede pública como privada de ensino; a participação desses profissionais não estava atrelada à adoção de uma das coleções em análise. O

objetivo foi analisar o conhecimento dos mesmos em relação ao setor terciário da economia, conforme quadro 8. Melhem Adas participou da pesquisa, respondendo o questionário exposto no quadro 9.

Posteriormente, foi aplicado outro questionário destinado aos profissionais que adotam uma das coleções em questão mostrado no quadro 10, no total foram três professores do Ensino Fundamental da rede estadual. Para os alunos, foi desenvolvido o mesmo instrumento de coleta de dados com quatro novas perguntas destinadas à aplicação com dez alunos de cada docente.

Conforme o quadro 8, o questionário aplicado com os professores diversos objetivou, respectivamente: saber se a formação do profissional o capacitou para abordar a Geografia dos Serviços, buscando identificar as causas da abordagem superficial do tema pela Geografia Escolar, analisando a formação do professor (pergunta 1); investigar a concepção dos docentes com relação à definição das atividades terciárias, analisando o seu entendimento da temática (pergunta 2); compreender, através dos exemplos das atividades, de que forma ele identifica o setor no espaço (pergunta 3); analisar a relação estabelecida entre a globalização e o crescimento das atividades terciárias (pergunta 4); investigar a percepção quanto à existência deste conteúdo nos livros didáticos (pergunta 5); esta questão não está na análise, pois fugiu do tema da pesquisa.

Quadro 8 - Questionário Diagnóstico aplicado com os professores de Geografia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS -
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa “O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental”

Escola:

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; b) Não;
Questão 02	O que é o setor terciário da economia?
Questão 03	Quais os tipos de serviços existentes?
Questão 04	O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique.

Questão 05	Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?
Questão 06	Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: “O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental”, do mestrando Igor Sacha.

Org.: CRUZ (2007)

O questionário do autor foi diferente do aplicado com os professores, pois esse tem sua coleção em análise pela pesquisa. A seguir, no quadro 9 estão expostos os questionamentos respondidos por Melhem Adas. Cada pergunta objetivou, respectivamente: saber como o autor analisa a sua abordagem sobre a Geografia dos Serviços (pergunta 1); saber do autor se o mesmo aborda a história das atividades terciárias, tipologia e expansão (pergunta 2); conhecer a concepção do autor quanto à importância do setor para a compreensão do espaço urbano (pergunta 3); e investigar na visão do autor por que a atividade industrial possui um estudo mais aprofundado do que as atividades terciárias.

Quadro 9 - Questionário Diagnóstico aplicado com o autor Melhem Adas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS -
CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa “O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental”

Autor: Melhem Adas

Nome da Coleção: Geografia (Ensino Fundamental)

Questão 01	Você considera que o setor terciário é satisfatoriamente abordado em sua coleção? a) Sim; b) Não.
Questão 02	Na coleção Geografia, de sua autoria, podemos encontrar a história do setor terciário, sua expansão e tipologia? Justifique.
Questão 03	Você considera o conteúdo relevante para a compreensão do espaço geográfico urbano pelos alunos? Explique.

Questão 04	A Geografia da Indústria, em comparação com a dos Serviços, é mais bem abordada nos livros didáticos? Por quê?

A fase atual do capitalismo vem gerando uma maior procura pelas atividades terciárias, por causa do vazio deixado pelo setor secundário. Um fator que contribui para a expansão dos serviços é a sua flexibilidade referente a sua instalação no espaço e ao engajamento de indivíduos no mercado urbano local (CASTILHO, 1998).

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: “**O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental**”, do mestrando Igor Sacha.

Org.: CRUZ (2007)

A segunda etapa consistiu na aplicação de dois questionários diagnósticos. O primeiro, composto de sete perguntas, foi realizado com três professores da rede estadual de ensino, escolhidos através dos critérios de disponibilidade para participação na pesquisa e adoção de uma das coleções em questão. O segundo questionário, composto de quatro perguntas, aplicado com dez alunos da 8ª série (9º ano) do Ensino Fundamental de cada docente, escolhidos segundo o interesse em contribuir com a pesquisa, ou seja, os mesmos se disponibilizaram a responder. No total, se submeteram a essa etapa trinta alunos. Os estudantes não foram escolhidos pelo seu rendimento, o que iria comprometer o resultado da pesquisa. Por serem concluintes do Ensino Fundamental, os aprendizes supostamente deveriam ter estudado o setor terciário da economia, o qual é abordado em séries diferentes nas coleções em análise.

O questionário elaborado para os professores específicos, os quais adotam uma das coleções, possui questões que objetivam, respectivamente (vide o quadro 9): saber o tempo de uso da obra selecionada (pergunta 1); saber se o mesmo em sua formação foi capacitado para ensinar o setor terciário (pergunta 2); analisar o seu entendimento sobre a concepção da Geografia dos Serviços (pergunta 3) e da tipologia do setor (pergunta 4); analisar de que forma ele acha o tema importante para a formação dos estudantes (pergunta 5); saber se os professores identificam o conteúdo na coleção; e, por fim, investigar se o docente complementa a carência da temática nos livros didáticos com fichas ou outros materiais didáticos.

Quadro 10 - Questionário Diagnóstico Aplicado com os Professores de Geografia em Análise

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS	
Questionário Diagnóstico da Pesquisa “O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental”	
Escola: Rede (Particular, Estadual ou Municipal): Coleção Didática (Nome e Autor):	
Questão 01	Há quantos anos você adota esta coleção?
Questão 02	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; b) Não;
Questão 03	O que é o setor terciário da economia?
Questão 04	Quais os tipos de serviços existentes?
Questão 05	Você considera este conteúdo significativo para a aprendizagem dos alunos? a) Sim; b) Não.
Questão 06	Na coleção, trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
Questão 07	Caso a coleção adotada não possua uma análise das atividades terciárias, você complementa o currículo com este conteúdo? a) Sim; b) Não.
Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!	

Org.: CRUZ (2007)

No quadro 11, há o questionário aplicado com os dez alunos de cada professor, composto de quatro perguntas: a primeira visa analisar a sua definição do setor terciário; a segunda, investigar os tipos de serviços citados; a terceira, saber se ele considera o assunto importante para a compreensão do espaço geográfico; e a quarta busca investigar a percepção dos alunos quanto à existência do conteúdo no livro didático.

Quadro 11 - Questionário Diagnóstico aplicado com os alunos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS	
Questionário Diagnóstico da Pesquisa “O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental”	
Escola:	
Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!	

Org.: CRUZ (2007)

3.4.1 Análise dos Questionários

3.4.1.1 Análise das Respostas do Autor (Melhem Adas)

Neste tópico são apresentadas as respostas do autor Melhem Adas, questionário encontrado no Apêndice A; a seguir as respostas do mesmo no quadro 11. Posteriormente, são apresentadas observações importantes sobre a análise do questionário.

Quadro 12 – Respostas do Autor Melhem Adas

Questão 1: Você considera o setor terciário satisfatoriamente abordado em sua coleção?
Resposta: Não.
Questão 2: Na coleção Geografia, de sua autoria, podemos encontrar a história do setor terciário, sua expansão e tipologia? Justifique.
Resposta: Não.
Questão 3: Você considera o conteúdo relevante para a compreensão do espaço geográfico urbano pelos alunos? Explique.
Resposta: Sim. É uma atividade do setor de produção urbano.
Questão 4: A Geografia da Indústria, em comparação com a dos Serviços, é mais bem abordada nos livros didáticos? Por quê?
Resposta: É. Entre outras razões o impacto que a indústria criou no ordenamento do espaço.

Org.: CRUZ (2007)

Em relação à resposta da primeira pergunta, o próprio autor reconhece que a abordagem do setor terciário não é realizada de forma satisfatória em sua coleção (vide o quadro 11). De maneira geral, é possível constatar a confirmação por parte de Melhem Adas que sua coleção não possui a história, expansão e tipologia do setor terciário, apesar de achar o conteúdo importante para a compreensão do espaço urbano pelos estudantes.

O autor reconhece existir uma maior abordagem da Geografia da Indústria nos livros didáticos, devido às alterações espaciais provocadas pela indústria. Mas, a partir da década de 70 teve início a reestruturação do capital o que acarretou mudanças no processo de produção e no mercado de trabalho urbano, como visto na fundamentação teórica. Vale ressaltar o que afirma Piore e Sabel (1984), com relação a essa reestruturação, que novas tecnologias abrem a possibilidade de uma reconstituição das relações de trabalho e dos sistemas de produção em bases sociais, econômicas e geográficas inteiramente distintas.

Portanto, o autor de uma das coleções mais adotadas na rede estadual de ensino no município de Recife confirma o que a análise de sua obra feita pela pesquisa identificou: a ausência de temas importantes da Geografia dos Serviços.

3.4.1.2 Análise das Respostas dos Professores Diversos

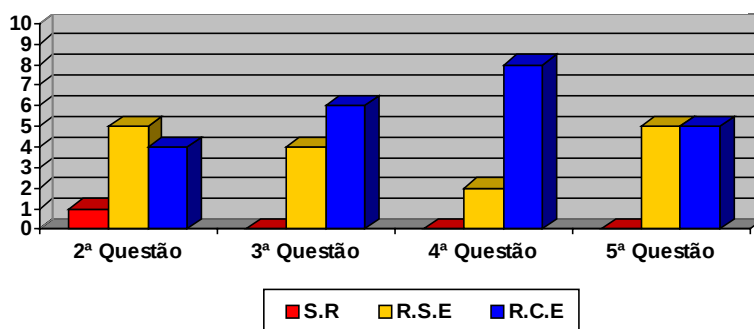
O questionário foi aplicado com dez professores, um da rede pública e particular, dois professores da rede particular, quatro da rede pública e três não

identificaram a rede de ensino. Todos lecionam ou já trabalharam com o ensino fundamental de 5ª série ou 6º ano, a 8ª série ou 9º ano. O instrumento possui uma pergunta fechada e cinco perguntas abertas, cujas respostas foram organizadas da seguinte forma: Sem Resposta (SR), Resposta sem Embasamento (RSE) e Resposta com Embasamento (RCE). O critério de análise das respostas em: com ou sem embasamento, está fundamentada no capítulo 3 da pesquisa que trata especificamente da Geografia dos Serviços.

Sobre a primeira questão (vide o quadro 8), dos dez professores, cinco tiveram alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia; quatro não tiveram e um professor marcou duas respostas possíveis (sim e não), invalidando a questão. Isto demonstra um percentual elevado de professores que não tiveram em sua formação o estudo da Geografia dos Serviços, fato que prejudica o desenvolvimento da temática nas Universidades, conseqüentemente nas escolas.

As respostas das demais questões foram organizadas no gráfico 3 para facilitar a análise dos dados coletados. Em seguida, são feitas as devidas considerações. Todas as respostas dos professores diversos estão no Apêndice B.

Gráfico 3 - Respostas do Questionário com os Professores Diversos



Org.: CRUZ (2007)

A segunda questão visava analisar o conhecimento dos professores em relação à definição do setor terciário; cinco responderam sem embasamento e apenas quatro responderam com embasamento, ou seja, o número de profissionais que não têm domínio para definir o setor foi superior, o que torna isso preocupante, pois estes profissionais deveriam ter o domínio de tal conteúdo, caracterizando uma competência profissional.

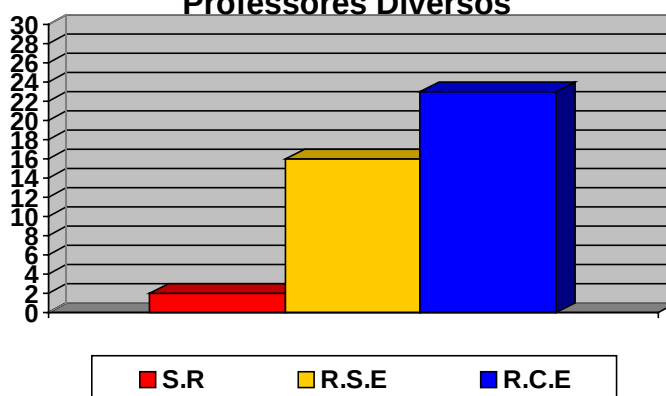
A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe (FREIRE, 1996, p. 102).

Sobre quais tipos de serviços existentes (3ª questão), os professores desta vez em sua maioria, seis, responderam com embasamento, citando mais de uma atividade que faz parte do setor terciário da economia; quatro responderam sem embasamento, citando apenas uma atividade, como: *trabalhador autônomo*; não contemplando a questão, pois solicitava mais de uma. Isto demonstra que apesar de não saber conceituar o setor, eles conseguem identificar as atividades.

Quanto à relação entre globalização e crescimento do setor terciário, a quarta questão teve o maior número de respostas com embasamento, no total foram oito, e apenas duas sem embasamento. No geral, os profissionais compreendem que o avanço do processo de globalização contribui para aumento da oferta de empregos nas atividades terciárias.

Na quinta questão, foram consideradas respostas sem embasamento (R.S.E) os textos que não tinham relação com o que estava sendo questionado; no total cinco respostas fugiram da pergunta, portanto estavam sem embasamento. Os demais cinco professores responderam apontando a ausência deste conteúdo nos livros didáticos e sua parcialidade em alguns deles. É perceptível a carência de uma abordagem deste setor nos livros didáticos do Ensino Fundamental de 5ª série ou 6º ano a 8ª série ou 9º ano.

Gráfico 4 - Total das Respostas do Questionário dos Professores Diversos



No total, apesar do número de respostas com embasamento (23) ter sido superior ao de respostas sem embasamento (16), mesmo assim, o percentual é alto de respostas sem embasamento, o que demonstra uma falta de domínio do conteúdo pelos professores. A justificativa para tal situação recai sobre a formação dos mesmos, pois apenas cinco tiveram alguma disciplina que abordasse o setor. As faculdades de formação de professores e os cursos de licenciatura em Geografia nas universidades federais e estaduais precisam abordar tal temática.

3.4.1.3 Análise das Respostas dos Professores Específicos e dos Respectivos Alunos

Neste tópico são analisadas as respostas dos professores selecionados, os quais adotam uma das coleções analisadas em questão. Esses são chamados de P1, P2 e P3 (Professor 1, Professor 2 e Professor 3), e não são expostos os nomes dos docentes, pois a pesquisa visa manter o seu anonimato.

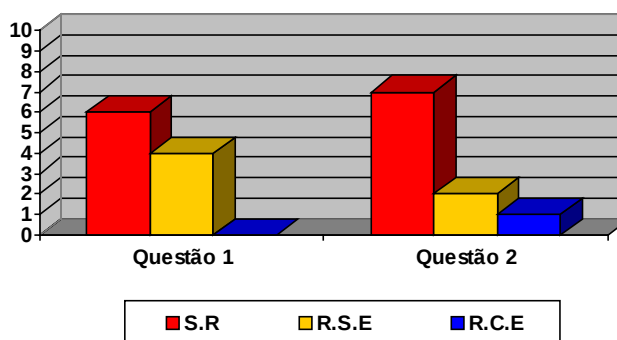
O Professor 1 (P1) adotou a coleção *Geografia Crítica*, de Vesentini e Vlach (2005), formado pela UPE em 2003; este profissional trabalha no Ginásio Pernambucano, no bairro da Boa Vista; não teve nenhuma disciplina sobre o setor terciário, o que deixa uma lacuna em sua formação. Trabalha com o material didático há um ano, quando questionado sobre o que é o setor terciário da economia, o mesmo respondeu sem embasamento: *“É o setor que agrupa a parte dos serviços dentro da economia de um lugar”*. Resposta bastante simples, o que demonstra uma falta de domínio deste conteúdo. Os questionários respondidos pelos professores se encontram no Apêndice C.

Sobre os tipos de serviços existentes, ele citou alguns, como: *“educação, saúde e manutenção”*; e também os serviços de limpeza em geral. Afirmou ser importante o conteúdo para a aprendizagem dos estudantes e que o complementa caso não tenha na coleção adotada. O profissional observa que no material didático há a análise sobre o setor terciário.

Em seguida, houve a aplicação do questionário com dez alunos que se disponibilizaram a participar; a aplicação do questionário aconteceu na própria escola. O questionário foi composto por quatro perguntas, duas dissertativas e duas fechadas (sim ou não). Todos os alunos, sem exceção, consideram o estudo do conteúdo importante para a compreensão de sua realidade. Quando questionados

sobre a presença deste assunto na coleção adotada, nove responderam que há o conteúdo no material didático, apenas um respondeu que não se lembrava (ver Apêndice D). Na análise de conteúdo sobre a Geografia dos Serviços feita nesta pesquisa, Vesentini e Vlach (2005) foram os autores que mais abordaram esta temática, mas que necessita de aprofundamento. Em relação às duas perguntas dissertativas, a primeira sobre a definição do setor terciário e a segunda sobre os tipos de serviços existentes, as respostas foram organizadas em forma de gráfico, usando a mesma nomenclatura adotada anteriormente S.R. (sem resposta), R.S.E (resposta sem embasamento) e R.C.E (resposta com embasamento).

Gráfico 5 - Respostas dos Alunos do P1



Org.: CRUZ (2007)

O resultado foi preocupante! Sobre a definição do setor terciário da economia (1ª questão) seis alunos não responderam, colocando: “*não sei*”. Um conteúdo tão presente em suas vidas e nos arredores da própria escola, situada no centro comercial da cidade do Recife, próxima à Avenida Conde da Boa Vista. Quatro responderam sem embasamento, ou seja, citaram um tipo de serviço ou argumentaram o que não estava de acordo com o questionamento. Por fim, nenhum aluno respondeu com embasamento.

A segunda questão pedia para o aluno citar os tipos de serviços existentes: sete não responderam, dois responderam sem embasamento e apenas um com embasamento, demonstrando uma aprendizagem insatisfatória.

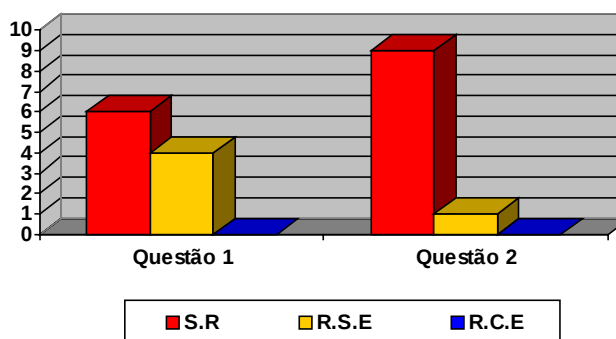
O Professor 2 (P2) é formado pela UFPE, no ano de 1984. Apesar de ter escolhido o livro de Aurichio e Moreira (2006), *Construindo o espaço*, o mesmo deixou bem claro ao responder o questionário que não trabalha com o livro, alegando que o material é produzido na região Sudeste e não privilegia o Nordeste,

preferindo trabalhar com anotações no quadro. Afirmou que teve uma disciplina que abordou o setor terciário. Quando questionado sobre o que é o setor terciário da economia, respondeu: *“Está ligado ao comércio e os serviços. Visto nas cadeiras de economia, circulação, urbana e população”*. Este profissional fez a associação das atividades com o setor, mas não conseguiu explicá-lo, chegando a se confundir, pois cita as disciplinas que abordaram tal conteúdo na sua licenciatura e não conceitua.

Quanto aos tipos de serviços existentes, o Professor 2 (P2) repete a citação das atividades feita na primeira questão: *“comércio e serviços em geral.”* O profissional considera este conteúdo importante para a aprendizagem dos alunos. A sexta e sétima questão não foram respondidas, pois alegou que não trabalha com o livro, portanto não iria responder (ver Apêndice C).

Os questionários aplicados com os dez alunos da 8ª série ou 9º ano, do ensino fundamental, de P2 apresentaram resultados semelhantes ao de P1: nove alunos consideraram o assunto importante para a compreensão da realidade, apenas um achou que não (vide Apêndice E). Quando questionados sobre a presença do conteúdo no livro didático, oito afirmaram que não consta e apenas dois responderam que há o assunto. Na análise de conteúdo específico feita nesta pesquisa (Geografia dos Serviços), a coleção de Aurichio e Moreira (2006) não possui uma abordagem aprofundada do setor, pois não apresenta várias temáticas ligadas às atividades terciárias. Em relação às respostas dissertativas, vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 6 - Respostas dos Alunos do P2



Org.: CRUZ (2007)

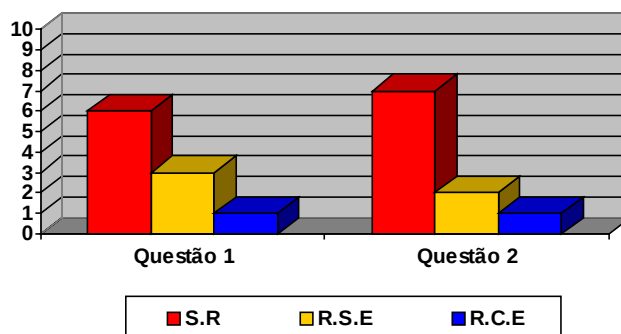
O resultado foi bastante negativo. Na amostra de dez alunos da última série do ensino fundamental, nenhum conseguiu formular uma resposta correta nas duas

questões. A falta de domínio do conteúdo por parte do professor, somado à não utilização do livro didático que também não aborda adequadamente este conteúdo, resultou nesta lacuna na aprendizagem desses estudantes. O gráfico 6 revela que com relação à definição do setor terciário, seis não responderam e quatro sem embasamento. Na segunda questão, o resultado foi: nove alunos não responderam e um respondeu sem embasamento; essa questão trata dos tipos de serviços existentes.

O questionário respondido pela Professora 3 (P3) foi aplicado na Escola Dom Bosco, em Casa Amarela, Estrada do Arraial, nº 3.208. A docente adota a coleção de Adas (2006) há dois anos e apontou que o autor aborda a Geografia dos Serviços, mas observou que este conteúdo não possui aprofundamento e faltam mais detalhes. Na análise do questionário, ficou evidente que ela possui certo embasamento sobre a definição do setor terciário da economia e quanto aos tipos de serviços existentes também. Quanto à sua formação, a professora apontou que não teve nenhuma disciplina que abordasse este setor, mas apesar dessa lacuna reconhece que o assunto é significativo para a aprendizagem dos alunos (ver o Apêndice B).

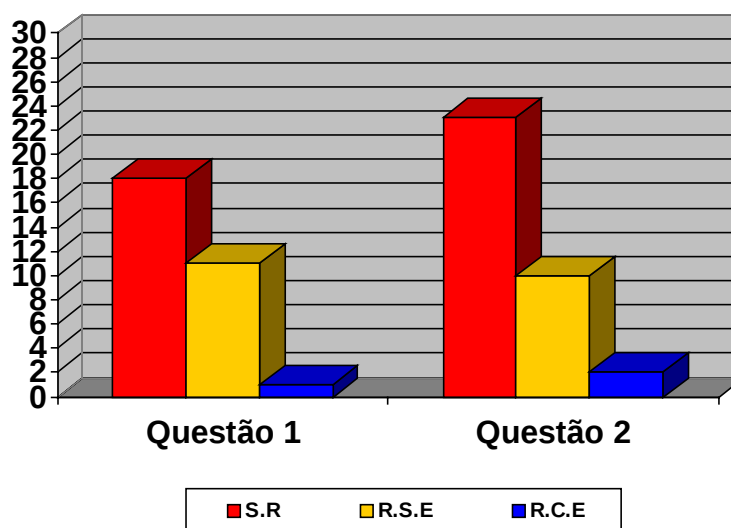
Os dez alunos que participaram da pesquisa apresentaram uma falta de conhecimento do conteúdo, conforme mostra o gráfico 7. Muitas das respostas só possuíam “Não sei” ou informações sem coerência. Os alunos foram convidados a participar, ou seja, só responderam os alunos que demonstraram interesse, como visto na metodologia da pesquisa. Em relação à primeira questão, a qual abordava a definição do setor terciário da economia, apenas um aluno respondeu com domínio, ou seja, apresentando o conceito adequado do setor. O mesmo resultado foi evidenciado na segunda questão que tratava dos tipos de serviços existentes: apenas um aluno respondeu com embasamento. Para este grupo de estudantes, apesar de não terem o conhecimento deste setor da economia, eles o consideram importante (terceira questão).

Já na quarta questão, sobre a existência deste conteúdo no livro didático, três alunos responderam que não consta na coleção o assunto. Na análise feita pela presente pesquisa sobre a Geografia dos Serviços nas coleções selecionadas, a de Adas (2006) não possui várias temáticas ligadas ao setor, como visto anteriormente.

Gráfico 7 - Respostas dos Alunos do P3

Org.: CRUZ (2007)

Somadas as respostas dos três grupos de alunos, como mostra o gráfico 8, chegamos aos seguintes dados: quarenta e uma sem respostas, dezesseis sem embasamento e três respostas embasadas. Resultado bastante significativo, pois demonstra a necessidade urgente de promover uma melhor abordagem deste conteúdo, saindo da superficialidade em que se encontra para uma abordagem mais aprimorada e calcada nas recentes pesquisas sobre a Geografia dos Serviços.

Gráfico 8 – Total de Respostas dos Grupos de Alunos de P1, P2 e P3.

Org.: CRUZ (2007)

CONCLUSÕES

Diante da exposição anterior dos resultados, pode-se concluir que a análise do conteúdo possibilitou a constatação da ausência de conteúdos que são fundamentais para a compreensão da Geografia dos Serviços. Dentre as três coleções analisadas, nenhuma delas abordaram todos os conteúdos investigados referentes às atividades terciárias. As coleções didáticas não possuem uma abordagem aprofundada, ficando apenas no senso comum e na superficialidade do tema, possuindo um trato descritivo.

Em relação à análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais pode-se concluir que o mesmo possui temas e itens que permitem os autores desenvolverem a temática da Geografia dos Serviços, ou seja, o documento oficial que norteia que conteúdos devem ser abordados em sala de aula contempla a temática em questão. É possível afirmar que a formação dos professores não contemplou esse conhecimento em análise, o que dificulta o seu desenvolvimento em sala de aula.

A elaboração do arcabouço sobre a Geografia dos Serviços possibilitou a comprovação de bibliografias e de um conhecimento estruturado no meio acadêmico e seu distanciamento da Geografia Escolar quando trata desse setor da economia nos livros didáticos analisados.

Com relação ao Manual do Professor das três coleções didáticas, as mesmas não apresentaram subsídios para o desenvolvimento do setor terciário da economia no Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries, não foram encontrados textos e referências bibliográficas sobre a temática analisada. As atividades e pesquisas propostas não desenvolviam a construção de conhecimentos sobre a Geografia dos Serviços.

A análise do conteúdo das obras mais adotadas na rede pública estadual de ensino no município de Recife comprovou uma abordagem superficial desse tema, acarretando um aprendizado lacunar das relações econômicas e de sua participação no mercado de trabalho urbano.

No que concerne à aplicação dos questionários, pode-se dizer que foi bastante eficaz para verificar o conhecimento do autor, dos professores e alunos com relação ao setor terciário da economia. O estudo referente ao questionário do

autor concluiu que o mesmo, apesar de considerar a Geografia dos Serviços importante, em sua coleção não aborda satisfatoriamente o conteúdo, deixando de aprofundar a temática, fato constatado na avaliação da obra quanto à Geografia dos Serviços. Quanto aos professores diversos, foi possível constatar que poucos tinham domínio do conteúdo; a maioria se limitava às informações contidas nas coleções didáticas e nas suas definições bastante superficiais, ou seja, ainda não há um conhecimento da história, tipologia e expansão do tema. Na análise dos professores específicos, foi possível concluir que as definições e a noção do setor terciário são simplórias, pois não são aprofundadas. Uma razão para tal situação é a falta de formação do docente sobre a Geografia dos Serviços.

Conseqüentemente, os alunos ao responderem os questionários demonstraram falta de domínio: muitos não sabiam ou ficavam no senso comum e na superficialidade do tema. A utilização deste instrumento de pesquisa se apoiou na transposição didática interna e externa, pressuposto teórico que embasa a pesquisa, pois foi possível analisar o entendimento do professor em relação à Geografia dos Serviços, o que interfere diretamente na construção deste conhecimento nos alunos, pois se o mesmo não domina ou não possui uma compreensão das atividades terciárias, a criação didática do professor não contemplará a complexidade dos aspectos envolvidos no conteúdo (transposição didática interna). A aplicação do questionário com um dos autores permitiu a análise da transposição didática externa, pois analisou o entendimento de Adas (2006) sobre o conteúdo, abordado em sua obra. Apesar dos PCNs exporem temas e itens que contemplem a temática, o mesmo não o desenvolve em sua coleção de 5ª (6º ano) a 8ª (9º ano) séries do Ensino Fundamental, o que compromete a construção desse conhecimento nos estudantes.

Por fim, a pesquisa, ao adotar os instrumentos ora explicitados, conclui que a transposição didática da Geografia dos Serviços para os livros didáticos possui lacunas, já que a superficialidade e a má abordagem do mesmo nestas obras revelam a necessidade de uma revisão das obras analisadas que estão no mercado editorial. Desta forma, é importante investir na formação dos professores com relação às atividades terciárias da economia, o que interfere na construção do conhecimento com os alunos em sala de aula, acarretando uma lacuna no processo de aprendizagem dos aprendizes sobre a noção de economia, divisão tradicional da economia, tipologia dos serviços, sua história, mercado de trabalho urbano,

mundialização e os serviços. A teoria da transposição didática foi fundamental para se conseguir alcançar os objetivos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem. *Geografia*, 4 volumes. 5.ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento geográfico e realidade brasileira. In: SANTOS, Milton (Org.). *Novos Rumos da Geografia Brasileira*. São Paulo. Hucitec, 1984.

AURICHIO, Elisabeth; MOREIRA, Igor. *Construindo o espaço*, 4 volumes. 5.ed. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

BAILLY, Antoine S. e COFFEY, William J. *Localisation des services à la production et restructurations économiques*. Paris: L'Espace Géographique, 1994.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, Bertha. *A crise do Estado e a região*. A estratégia da descentralização em questão. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 1986.

BITTENCOURT, Maria Circe M. F. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n.3, p. 475-491, set./dez. 2002.

BORDET, D. *Transposition Didactique: une tentative d'éclaircissement*. DEES, 110/Décembre, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, C. J. M.. As Atividades dos Serviços, sua História e o seu Papel na Organização do Espaço Urbano: uma 'nova' perspectiva para a Análise Geográfica? *Revista de Geografia DCG/UFPE*, Recife, v. 14, n. 1-2, p. 29-89, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1999.

_____. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1999.

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado*. 3ª Ed. Aique Grupo Editor, 2005.

CONNELL, Robert W. *Schools and social justice*. Montréal: Our Schools/ Our Selves Education Foundation, 1993.

CUNHA, Luiz Antônio & GOES, Moacir de. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1991.

ÉCALLE, François. *L'économie des services*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia do livro didático*. 12.ed. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

FERNANDES, A. T. de C. Memória do Livro Didático. In: *Encontro Nacional de História Oral: Tempo e Narrativa*. 6., São Paulo: ABHO, Departamento de História da FFLCH-USP, 28-31 de maio de 2002 (CDROM – ABHO/USP/CNPq).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREITAG, Bárbara. *O livro didático em questão*. 2.ed. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

FREITAG, Barbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Moraes, 1986.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

ILLERIS, Sven. LA localisation des producteurs et des utilisateurs de services. In: BONAMY, Joel & MAY, Nicole (Org.) *Services et mutations urbaines*. Questionnements et perspectives. Paris: Anthropos, 1994.

JUREMA, Ana L. A. *Livro didático a fala do professor*. Recife: Secretaria da educação, 1989.

LACOSTE, Yves. *A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 4.ed. Campinas, SP: Editora Papirus, 1997.

LOPES, A. R. C. *Conhecimento escolar. Ciência a cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

MEC/ COLTED. *Como utilizar o livro didático*. Rio de Janeiro, 1969.

_____. *O livro didático em classe*. Rio de Janeiro, 1969.

MEC/ SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

MEDEIROS, Edna Maria Ribeiro de. *A geografia nas propostas curriculares: 1930 – 1992*. Recife, UFPE/DCG, Dissertação de Mestrado, 1996.

MENEZES, Marcus Bessa de. *Investigando o Processo de Transposição Didática Interna: o caso dos quadriláteros*. Recife, 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco.

MOLINA, Olga. *Quem engana quem? Professor x livro didático*. 2.ed. Campinas: Editora Papyrus, 1988.

MORAES, Antônio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. 19. ed. São Paulo: Editora Annablume, 2003.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *O livro didático*. 3.ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1986.

OLIVEIRA, João Batista Araújo E. *A política do livro didático*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1984.

PAIS, L. C. Transposição Didática. In: MACHADO, Silvia (Org.). *Educação Matemática: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1999.

PERRENOUD, Phillipe. *Construir competências é virar as costas aos saberes?* Lisboa: Conselho Nacional de Educação, 1998.

PIORE, M. J.; SABEL, C. F. *The second industrial divide: possibilite for prosperity*. Boston: Basic Books, 1984.

PONTUSCHKA, Nídia N. *Geografia em Perspectiva*. 1.ed. São Paulo, 2002.

ROCHEFORT, Michel. *Redes e sistemas*. Ensinando sobre o urbano e a região. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

_____. *The Global City*. New York, Londres and Tóquio. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SCHWRTZMAN, Simon; BOMÉNY, H. e COSTA, V. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Edusp, 1984.

SOARES, M. B. Um olhar sobre o livro didático. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 2, n. 12, p. 53-63, 1996.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. A avaliação de livros didáticos no Brasil - por quê? In: _____ (Org.). *Livros didáticos de Geografia e História: avaliação e pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006, v. 1, p. 15-26.

VERRET, Michel. *Les temps des études*. Paris: Librairie Honoré Champion, 2 volumes, 1975.

VESENTINI, J. W. ; VLACH, V. R. F. . *Geografia Crítica*, 4 volumes. São Paulo: Ática, 2005. v. 4. 740 p.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da geografia. In: _____ (org.). *Geografia e Ensino: textos críticos*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELO AUTOR MELHEM ADAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Autor: Melhem Adas

Nome da Coleção: Geografia (Ensino Fundamental)

Questão 01	Você considera que o setor terciário é satisfatoriamente abordado em sua coleção? a) Sim; b) Não.
Questão 02	Na coleção Geografia, de sua autoria, podemos encontrar a história do setor terciário, sua expansão e tipologia? Justifique. Não
Questão 03	Você considera o conteúdo relevante para a compreensão do espaço geográfico urbano pelos alunos? Explique. sim, é uma atividade em altura de produção urbana.

Questão 04	A Geografia da Indústria, em comparação com a dos Serviços, é mais bem abordada nos livros didáticos? Por quê?
------------	--

É, entre outras razões o impacto que a INDÚSTRIA tem no ordenamento do espaço

A fase atual do capitalismo vem gerando uma maior procura pelas atividades terciárias, por causa do vazio deixado pelo setor secundário. Um fator que contribui para a expansão dos serviços é a sua flexibilidade referente a sua instalação no espaço e ao engajamento de indivíduos no mercado urbano local (CASTILHO, 1998).

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS PROFESSORES DIVERSOS

Professor Diverso 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Particular e Estadual*

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01 Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia?

(a) Sim; b) Não;

Questão 02 O que é o setor terciário da economia?

É o que classificamos como 3º setor da economia que abrange as diversas áreas de serviços.

RSE

Questão 03 Quais os tipos de serviços existentes?

→ A grande maioria da chamada período técnico-científico como: Propaganda, Bancário, Intermediação Financeira, e tantos outros.

RSE

Questão 04 O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique.

Eu diria que ~~um~~ aumento, pois tem aumentado o nº de oportunidades, tem se preocupar com o crescimento profissional do trabalhador.

RSE

Questão 05 Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?

Sim! principalmente o de melhor qdo aborda o período do técnico-científico.

RSE

Questão 06 Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.

Acredito que não só esse tema, mas tantos outros.

RSE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O
Setor Terciário da Economia no Livro Didático
de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01 Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia?
a) Sim; b) Não;

Questão 02 O que é o setor terciário da economia?

É o setor da economia que envolve atividades ligadas ao comércio e aos serviços.

Questão 03 Quais os tipos de serviços existentes?

Podem envolver serviços que exigem qualificação (médicos, advogados, professores) ou sem qualificação (garçom, flanelinha etc).

Questão 04 O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique.

Sim. A mundialização da economia, baseada nos avanços tecnológicos dos meios de transporte e comunicação, tem fazendo surgir novas necessidades sociais, novas profissões e novos serviços, ampliando o leque de atividades ligadas ao setor terciário.

Questão 05 Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?

Sim. Há uma necessidade premente de se analisar e comparar dados econômicos e estatísticos entre países e ou blocos econômicos.

Questão 06 Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.

Sim. Porque ao longo das suas últimas décadas houve uma dinamização econômica tão grande que caberia uma subdivisão do setor terciário, a fim de ajustar

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

e classificar melhor as atividades profissionais que se fazem surgir, ao longo desse tempo.

Professor Diverso 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01 Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia?
a) Sim; ☒ Não;

Questão 02 O que é o setor terciário da economia?

É o setor que abrange a maior quantidade de trabalhadores. Atividades ligadas ao comércio e prestação de serviços. RCE

Questão 03 Quais os tipos de serviços existentes?

Comércio e Prestação de serviços. (Bancos, escolas, hospitais...) RCE

Questão 04 O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique.

Aumento. Infelizmente o nosso setor terciário está "inchado". "Cresce" em números e não em qualidade. RCE

Questão 05 Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?

Não. Acredito que falta "oportunidades" para avaliarmos esse setor. Também estruturas, e isso não será mostrado de forma explícita. RCE

Questão 06 Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.

Sim. Complementando a minha justificativa anterior, esse setor vem sofrendo um "inchaço" e não um crescimento e isso deve ser abordado no currículo da Geografia. RCE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; ☒ Não;
Questão 02	O que é o setor terciário da economia? Segun relacionado à prestação de serviços. RSE
Questão 03	Quais os tipos de serviços existentes? Educação, saúde, comércio, indústria etc. RCE
Questão 04	O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique. Vem promovendo um aumento. Por conta de uma maior procura e participação na prestação de serviços e, também, na minha opinião, por causa de crescente onda de privatização. RCE

Questão 05	Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê? Em parte sim. É preciso abordar mais sobre OTC-MR. RCE
Questão 06	Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique. SIM. Por conta de uma revisão industrial, que coloca nosso país, como um dos grandes potências econômicas de Service Latinus. RSE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: JOSE MARINHO

Rede (Particular, Estadual ou Municipal): Particular

Questão 01	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; ☒ Não; ☒
Questão 02	O que é o setor terciário da economia? <u>Comércio e prestação de serviços, etc.</u> RSE
Questão 03	Quais os tipos de serviços existentes? <u>Os grandes mercados, como por exemplo shopping centers, as lojas comerciais e as pessoas que prestam serviços.</u> RSE
Questão 04	O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique. <u>Muito vem crescendo e aumentando. Para o comércio está crescendo muito tanto na parte de vendas como parte de prestação de serviços.</u> RSE

Questão 05 Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?

Porque está mostrando o avanço do setor. Os livros vão mostrando do o antes e depois.

RSE

Questão 06 Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.

Sim. Porque a própria globalização da economia dessa atualizante.

RSE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Ens. Samuel Rêe Savell*

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01 Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia?
a) Sim; ☒ Não;

Questão 02 O que é o setor terciário da economia?

Questão 03 Quais os tipos de serviços existentes?

Comércio
Transporte RSE

Questão 04 O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique.

Sim, porque com a nova tecnologia vem nos auxiliando os nossos conhecimentos. RSE

Questão 05 Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?

Sim RSE

Questão 06 Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.

Sim porque uma revisão sempre é necessário p/podermos abordar conteúdos novos. RSE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: COLEGIO SANTA JOANA D'ARC
Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; b) Não;
Questão 02	O que é o setor terciário da economia?
	RSE * É UM tipo SETOR DA ECONOMIA QUE CRESCE A CADA DIA PRINCIPALMENTE NOS PAÍSES SUB DESENVOLVIDOS.
Questão 03	Quais os tipos de serviços existentes?
	• TELEMARK CLÍNICA CENTER • SERVIÇOS PÚBLICOS • PROFESSORES • BANCÁRIOS, etc RSE
Questão 04	O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique.
	• UM AUMENTO PORQUE OS INDIVÍDUOS ESTÃO MIGRANDO PARA OUTRAS PROFISSÕES ex: AS CRIMINOSAS (DENIED) RSE

Questão 05	Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?
	RSE • PORQUE FAZ PARTE DA ATUALIDADE NOS MAS HOJE PRINCIPALMENTE NOS PAÍSES SUB DESENVOLVIDOS.
Questão 06	Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.
	RSE • SIM, POR VIVEMOS NO MUNDO DE TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS PRINCIPALMENTE NAS SUAS PARTES DA POLÍTICA E SOCIEDADE DO BRASIL.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O
Setor Terciário da Economia no Livro Didático
de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; b) Não;
Questão 02	O que é o setor terciário da economia? Aquele que oferece diferentes formas de desenvolvimento de trabalho especializado ou não. RCE
Questão 03	Quais os tipos de serviços existentes? Computadores, burocráticos, públicos e autônomos. RSE
Questão 04	O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique. De ambas, a globalização oportuniza novas saídas econômicas ao mesmo tempo que exige mais preparo e estimula uma constante atualização dentro daquilo que se propõe a fazer. RCE

Questão 05	Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê? Não, considero. Os livros negligenciam o conteúdo das + infere a outros itens dentro da linha graças ao desapego do processo globalizador, a preocupações e menos e o só no político. RCE
Questão 06	Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique. Sim, porque prepara e informa melhor sobre as necessidades de mão de obra especializada, sobre os novos mercados de trabalho e o que estes mercados exigem do aprendiz. RCE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O
Setor Terciário da Economia no Livro Didático
de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Questão 01	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? ☒ Sim; ☒ Não;
Questão 02	O que é o setor terciário da economia? O Setor Terciário é um trabalho especializado, autônomo. RCE
Questão 03	Quais os tipos de serviços existentes? Trabalhadores autônomos RCE
Questão 04	O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique. Sim. Porque a mão-de-obra vem sendo substituída pela tecnologia. RCE

Questão 05	Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê? Os livros não abordam este conteúdo com precisão, contemplam parcialmente. RCE
Questão 06	Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique. Sim, acho necessário para melhor esclarecer, visto que a educação não o preparando para o mercado de trabalho. RCE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

Professor Diverso 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Colégio Real*

Rede (Particular, Estadual ou Municipal): *Particular*

Questão 01	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? ☒ a) Sim; ☐ b) Não;
Questão 02	O que é o setor terciário da economia? <i>É o setor das serviços administrativo, financeiro, públicas e prestação de serviço, entre outros.</i> <i>RCE</i>
Questão 03	Quais os tipos de serviços existentes? <i>- Bancas - Órgãos Públicos - Comércio</i> <i>RCE</i>
Questão 04	O processo de globalização da economia vem promovendo um crescimento ou um aumento do setor terciário? Justifique. <i>No meu ponto de vista não houve crescimento nem aumento mas uma substituição dos serviços oferecidos nesse setor principalmente no quesito mas de obra.</i> <i>RSE</i>

Questão 05 Os livros didáticos de Geografia contemplam este conteúdo, apresentando sua história, expansão, tipologia e transformações atuais? Por quê?

Alguns sim, outros abordam apenas de maneira superficial apenas no sentido de informar os 3 setores da economia.

RCE

Questão 06 Você acha necessário uma revisão do currículo de Geografia, principalmente quanto a necessidade de uma melhor abordagem do setor terciário da economia, já que vivemos no período de pós-modernidade? Justifique.

Sim, apesar que na minha graduação tive apesar de rápida uma disciplina que explorava essas questões que foi Sociologia do Desenvolvimento.

RSE

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção! Você está contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental", do mestrando Igor Sacha.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS PROFESSORES ESPECÍFICOS

PROFESSOR

Professor 1 (P1)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Gimásio Pernambucano*
Rede (Particular, Estadual ou Municipal): *Estadual*
Coleção Didática (Nome e Autor): *Geografia Atual*
J. Williams Vergetti
Vânia Vlach

Questão 01	Há quantos anos você adota esta coleção? <i>1 ano</i>
Questão 02	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; ☒ Não; <i>UPE/2003</i>
Questão 03	O que é o setor terciário da economia? <i>É o setor que aglutina a parte dos serviços e comércio dentro da economia de um lugar.</i>
Questão 04	Quais os tipos de serviços existentes? <i>- educação - saúde - recreação - etc.</i>
Questão 05	Você considera este conteúdo significativo para a aprendizagem dos alunos? ☒ Sim; ☐ Não.
Questão 06	Na coleção, trata-se das atividades terciárias da economia? ☒ Sim; ☐ Não.
Questão 07	Caso a coleção adotada não possua uma análise das atividades terciárias, você complementa o currículo com este conteúdo? ☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

PROFESSOR

Professor 2 (P2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *João Barbosa Lima*
Rede (Particular, Estadual ou Municipal): *Estadual*
Coleção Didática (Nome e Autor): *Geografia Atual*

Questão 01	Há quantos anos você adota esta coleção? <i>Eu não trabalho com o livro</i>
Questão 02	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; ☒ Não; <i>UPE</i>
Questão 03	O que é o setor terciário da economia? <i>Está ligado ao comércio e os serviços. Visto nas aulas de Economia, Cálculo, Matemática e População</i>
Questão 04	Quais os tipos de serviços existentes? <i>Comércio e serviços em geral</i>
Questão 05	Você considera este conteúdo significativo para a aprendizagem dos alunos? ☒ Sim; ☐ Não.
Questão 06	Na coleção, trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☐ Não.
Questão 07	Caso a coleção adotada não possua uma análise das atividades terciárias, você complementa o currículo com este conteúdo? a) Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Professor 3 (P3)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Dom Bosco*

Rede (Particular, Estadual ou Municipal):

Coleção Didática (Nome e Autor): *Melhem Adas*

Questão 01	Há quantos anos você adota esta coleção? <i>2</i>
Questão 02	Em sua formação acadêmica, você teve alguma disciplina que abordasse o setor terciário da economia? a) Sim; ☒ Não;
Questão 03	O que é o setor terciário da economia? <i>Consiste na prestação de serviços (hospitais, escolas, comércio, rede bancária, etc), o qual tem como papel dispor, transportar o bem produzido dos setores 1º e 2º.</i>
Questão 04	Quais os tipos de serviços existentes? <i>Já foram citados na questão anterior.</i>
Questão 05	Você considera este conteúdo significativo para a aprendizagem dos alunos? ☒ Sim; ☐ Não.
Questão 06	Na coleção, trata-se das atividades terciárias da economia? ☒ Sim; ☐ Não.
Questão 07	Caso a coleção adotada não possua uma análise das atividades terciárias, você complementa o currículo com este conteúdo? a) Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

o6. Porém, não trata de forma ampla, bem elaborada com riquezas de detalhes.

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DE P1

Aluno 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Ginásio Pernambucano

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Não sabe. ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
escolares, empresariais, industriais, etc... RCE ✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Ginásio Pernambucano

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
! ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Eu acho que é: O Centro urbano = empresas. e O Rural = terciária RCE ✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Ginásio Pernambucano

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
LIMPEZA ✓ RSE	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Secundário ✓ RSE	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
NÃO SEP ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
NÃO SEP ✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; ☐ b) Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: GINÁSIO PERNAMBUCANO

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
NÃO SABE. ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
NÃO SABE. ✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: RSE

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
É um setor que perda da economia mas eu acho que em respeito ao livro não explica direito. ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

GINÁSIO PERNAMBUCANO

Aluno 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: GINÁSIO PERNAMBUCANO

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
O que cuida dos gastos, lucros e economia RSE ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
NÃO SABE. ✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☐ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☐ Sim; ☐ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: GP

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
NÃO SEI. ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
NÃO SEI. ✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☐ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☐ Sim; ☐ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *GP*

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
<i>NAO SABU</i> ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
<i>NAO SABU</i> ✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
<i>SIM</i>	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
<i>NEM LEMBRO</i>	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *GINÁSIO PERNAMBUCANO*

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
<i>É O SETOR QUE TRABALHA COM GASTOS E LUCROS DA POPULAÇÃO</i> <i>RSE</i> ✓	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
✓	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; b) Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ a) Sim; b) Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DE P2

Aluno 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: GOVERNADOR BARBOSA LIMA

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<u>SR</u>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<u>SR</u>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: GOV. BARBOSA LIMA

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<u>REVENDA DE PRODUTOS RSE</u>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<u>VARIOS SR</u>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: GBL

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<u>NÃO RECEB) ESSE ASSUNTO SR</u>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<u>TAMBÉM NÃO SR</u>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: ESCOLA GOVERNADOR BARBOSA LIMA

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<u>3. TERCEIRO SETOR DA ECONOMIA RSE</u>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<u>PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS E TERCIÁRIOS RSE</u>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Governador Barbosa Lima*

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<i>NÃO SEI</i>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<i>NÃO SEI</i> <i>SR</i>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Governador Barbosa Lima*

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<i>NÃO SEI</i>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<i>NÃO SEI</i> <i>SR</i>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Escola Governador Barbosa Lima*

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<i>NÃO SEI</i>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<i>NÃO SEI</i> <i>SR</i>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☐ Sim; ☒ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: *Escola Governador Barbosa Lima*

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
	<i>NUNCA DEU NO ASSUNTO</i> <i>SR</i>
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
	<i>NÃO SEI</i> <i>SR</i>
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
	☒ Sim; ☐ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Barbosa Lima.

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Desaço mais não tenho a mínima ideia! RSE	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Que eu sei tem muitos tipos. só não sei quais SR	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; ☒ b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☒ b) Não. ☒

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Governador Barbosa Lima

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
há sei por que o livro RSE e os professores não trabalha trabalha este assunto.	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Não sei. LSR	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) ☒ Sim; b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☒ b) Não. ☒

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DE P3

Aluno 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: DOM BOSCO

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
1) SETOR TERCIÁRIO DA ECONOMIA TEM HAVER COM O SETOR DE INDUSTRIAS	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
→	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Não sei	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Não sei	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☐ Sim; ☒ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: DOM BOSCO

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
é várias indústrias, da economia.	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
→ tem setor que com a agricultura e funcionamento das máquinas.	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Dom Bosco

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Não Sei	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Não Sei	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para sua compreensão da realidade? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; b) Não.
☒ Sim; ☐ Não.	

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola:

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Não sei	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Não sei	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; ☒ b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☒ b) Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Dom Bosco

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
O comércio -	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Existem o serviço de transportes de bens de consumo e etc	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; ☒ b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☒ b) Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Dom Bosco

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Não Estou lembrado	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Não Estou lembrado	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; ☒ b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☒ b) Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 8

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa "O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental"

Escola: Dom Bosco

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Não sei	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Não estou lembrado	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? a) Sim; ☒ b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☒ b) Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

Aluno 9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa “O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental”

Escola:

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
Não sei	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Não sei	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para a sua compreensão da realidade? ☒ Sim; b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? a) Sim; ☒ Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!

DOM BOSCO

Aluno 10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

Questionário Diagnóstico da Pesquisa “O Setor Terciário da Economia no Livro Didático de Geografia do Ensino Fundamental”

Escola:

Questão 01	O que é o setor terciário da economia?
É o setor que trabalha com vendas e compras de sapatos, roupas etc. Ou seja com Indústrias.	
Questão 02	Quais os tipos de serviços existentes?
Fabricamento de sapatos, roupas, bebidas etc.	
Questão 03	Você considera este conteúdo importante para sua compreensão da realidade? ☒ a) Sim; b) Não.
Questão 04	No livro didático de geografia trata-se das atividades terciárias da economia? ☒ a) Sim; b) Não.

Muito obrigado pela sua colaboração e atenção!